

Gens Família do Seminário **GS** Seminarii

Revista dos Seminários de Mariana
da AEXAM E DO GS 58
Ano II - Nº 3 - Junho / 2008



Cónego Jadir Trindade Lemos



O Seminário São José da Arquidiocese de Mariana celebrou, com grande alegria e gratidão a Deus, durante os dias 09 a 12 de abril de 2008, o jubileu áureo sacerdotal do **Cônego Jadir Trindade Lemos**, destaque da capa e deste número de *Gens Seminarii*. O Côn. Jadir reside no Instituto de Teologia do Seminário São José há 41 anos e, somando-se os períodos de dedicação ao Seminário Menor e ao Maior, é formador e professor do Seminário de Mariana há mais de 49 anos. A maior parte do atual clero da Arquidiocese de Mariana o teve como formador. O Côn. Jadir fez o Seminário Menor e parte do Maior em Mariana, cursando a Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana e residindo no Pontifício Colégio Pio Brasileiro. Foi ordenado presbítero em Roma no dia 13 de abril de 1958. Depois de breve passagem por Conselheiro Lafaiete, como Vigário Paroquial da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, veio para Mariana, dedicando o seu fecundo ministério à formação dos futuros sacerdotes e atendendo a comunidades próximas, especialmente a Pe. Viegas (Distrito de Mariana) e à Paróquia de Nossa Senhora do Pilar em Ouro Preto, sempre muito estimado por todos.

A missa de ação de graças pelo jubileu de ouro do Côn. Jadir, celebrada no dia 12 de abril, foi presidida pelo Arcebispo Dom Geraldo Lyrio Rocha e teve como pregador Dom Francisco Barroso Filho, Bispo Emérito de Oliveira e colega de Seminário do Côn. Jadir, contando com a participação de numerosos padres, dos seminaristas, religiosas, dos familiares e vários amigos, além do Presidente da AEXAM, Helvécio Trindade. A festa foi precedida por tríduo com celebrações eucarísticas presididas, respectivamente, pelo Reitor do Seminário, pelo Diretor do Instituto de Filosofia e pelo Vigário Geral da Arquidiocese de Mariana, sendo pregadores os seus contemporâneos e colegas de Seminário: Monsenhor Pedro Terra, Monsenhor Flávio Rodrigues Carneiro e Cônego José Feliciano da Costa Simões. Publicamos neste número de *Gens Seminarii* uma preciosa entrevista concedida pelo jubilandos aos nossos seminaristas, os textos preparados pelos pregadores e várias fotos do evento. Assim, reiteramos o nosso louvor a Deus, doador de todos os bens, renovamos o reconhecimento, estima e gratidão do Seminário São José ao benemérito Côn. Jadir e prestamos um serviço à história do Seminário de Mariana. Aplicam-se ao Côn. Jadir as palavras da Sagrada Escritura: *Os mestres brilharão como brilha o firmamento, e os que convertem os outros, como estrelas, perpetuamente* (Dn 12,3). O Côn. Jadir nos ensinou e ensina para a vida conforme o lema de seu longo e devotado magistério: *Non scholae sed vitae discimus*.

Registramos ainda a alegria da retomada das ordenações presbiterais em nossa Arquidiocese de Mariana. No próximo número publicaremos fotos e notícias dos seis novos padres que Dom Geraldo Lyrio Rocha estará ordenando até agosto de 2008: Luiz Roberto da Silva, Armando Godinho, Anderson José do Nascimento, Janer Cirilo, Anderson Eduardo de Paiva e Luiz Martins Neiva. Congratulamo-nos com a Diocese de Divinópolis pelos seus oito novos padres neste ano do jubileu de ouro de sua criação, sendo que três fizeram a teologia em Mariana: Pe. Davi Teixeira, Pe. José Renilson da Silva e Pe. Ulysses César Nogueira Alvim. E alegremo-nos também com a Diocese de Paracatu que tem entre os quatro novos padres deste ano um que cursou a teologia em Mariana: Pe. Antônio Marcílio da Silva. A todos desejamos santo e frutuoso ministério!

Pe. Lauro Sérgio Versiani Barbosa

Editorial

Pe. Lauro Sérgio Versiani Barbosa 3

Especial

Jesus Cristo fez de nós um reino de sacerdotes 5

Nota de Esclarecimento 7

Seminários de Mariana

Entrevista - Cônego Jadir Trindade Lemos 8

Homilia do Monsenhor Pedro Terra 12

Homilia do Monsenhor Flávio 14

Homilia do Dom Francisco Barroso Filho 17

Missão na Amazônia 21

O Presbítero a partir do Vaticano II 25

AEXAM

Palavra do Presidente 32

Convite para o Encontro 33

Convite do Anfitrião 34

Programação do Encontro 35

Palestrantes 36

Informações sobre o Encontro 38

Mariana Eclesiástica 40

O amor de Beatriz 41

Cipotânea ou Céputânea 42

Banda Santa Cecília 45

Prestação de Contas 47

Assuntos Financeiros 50

GS 58

Conversando com os amigos 53

Ano Jubilar do Grupo Sacerdotal de 1958 54

O 44º Encontro do GS 58 em Aparecida / SP 55

Depoimentos sobre o 44º Encontro 59

Jubileus Sacerdotais 61

"Haec meminisse olim juvabit" 62

Os "Jubilosos" de 2008 64

Correspondências / Notícias 65

Publicações recebidas 70

GS 58 na Revista Época 72

Necrológio 74

Palavra Final 76

Páginas Coloridas

Jubileu de Ouro Sacerdotal do "Côn. Jadir Lemos" 2

Flashes do 44º Encontro do GS 58 79

Nossa Capa

Foto do Cônego Jadir Trindade Lemos, por ocasião da Celebração do Jubileu de Ouro Sacerdotal.

**EXPEDIENTE**

Tiragem: 2000 exemplares

Distribuição gratuita

RESPONSÁVEIS**I. Seminários de Mariana**

Pe. Lauro Sérgio Versiani Barbosa

Reitor do Seminário São José

Rua Cônego Amando 57

Caixa Postal 11

35420-000 Mariana, MG

Tel. (31) 3557-1140 e 3557-1170

E-mail: pelauroversiani@hotmail.com**II. AEXAM**

Helvécio Antônio Trindade

Presidente

Av. Prudente de Moraes, 290, Sala 1.101,

Cidade Jardim

30380-000 Belo Horizonte, MG

Tel. (31) 3296-7985

E-mail: helveciotrindade@yahoo.com.br**III. GS 58**

Mons. Raul Motta de Oliveira

Registro de Jornalista: Nº 1788, MPTS-DR

36090/71

Seminário Diocesano Nossa Senhora do

Rosário

Av. Pres. Tancredo Neves 3460, Zacarias

35300-101 Caratinga, MG

Tel. (33) 3321-2276 e 9983-1644

E-mail: mons.raul@funec.br**Impresso na**

Editora Dom Viçoso

Rua Cônego Amando, 131 - Mariana - MG

Tel.: 31 3557-1233 - edv@graficadomvicoso.com.br

Jesus Cristo fez de nós um reino de sacerdotes

Homilia de D. Geraldo Lyrio Rocha, na Sé de Mariana, por ocasião da Missa da Unidade, no dia 20 de março de 2008

Por insondável desígnio de Deus, tenho a graça especial de celebrar, pela primeira vez, a solene liturgia da bênção do óleo e consagração do santo crisma, nesta histórica e venerável Sé marianense. Alegro-me em estar aqui, nesta Basílica de Nossa Senhora da Assunção, Catedral Metropolitana de nossa Arquidiocese, acompanhado pelos presbíteros, diáconos, religiosos (as), seminaristas e representantes das paróquias de nossa Igreja particular, bem como dos demais irmãos leigos e leigas de Mariana e visitantes que vêm de outras localidades deste Estado, de outras partes de nosso País e até do exterior, atraídos pela beleza da Semana Santa nesta aurífera região dos Inconfidentes.

Nesta liturgia, também chamada de Celebração da Unidade, recordamos o que nos diz o Concílio Vaticano II ao definir a diocese como “porção do povo de Deus, que se confia aos cuidados pastorais de um bispo, ajudado por seu presbitério, para que unida ao seu Pastor e reunida por ele no Espírito Santo por meio do Evangelho e da Eucaristia, constitua uma Igreja particular, na qual está e opera verdadeiramente a Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica” (CD 11).

Este mistério expressa-se de maneira sublime, nesta Missa da Unidade que estamos celebrando.



D. Geraldo Lyrio

Como os ouvintes da sinagoga de Nazaré, diante da extraordinária e fascinante figura do Senhor Jesus, também nós temos “os olhos fixos nele” (Lc 4,20). Com renovado ardor missionário queremos proclamar que Jesus Cristo “é a testemunha fiel, o primeiro a ressuscitar dos mortos, o soberano dos reis da terra. Ele é o Alfa e o Ômega, aquele que é, que era e que vem, o Todo-Poderoso” (Ap 1,5.8), como nos disse o livro do Apoca-

lipse.

“Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura que acabastes de ouvir” (Lc 4,21) diz-nos o Senhor. Realizam-se plenamente as palavras do profeta Isaías: Ungido pelo Espírito, Jesus vem “anunciar a Boa-nova aos pobres; proclamar a libertação aos presos, e aos cegos a recuperação da vista; libertar os oprimidos e proclamar um ano da graça do Senhor” (Lc 4,18). Estas palavras iluminam e ampliam o tema da Campanha da Fraternidade deste ano: FRATERNIDADE E DEFESA DA VIDA. O que nos diz o Profeta, nos leva, com renovada motivação, a assumir em nossa prática pessoal e em nossa ação pastoral o sugestivo lema: ESCOLHE, POIS, A VIDA (Dt 30,19).

Caríssimos irmãos presbíteros,

Dirijo-lhes minha palavra amiga e minha saudação fraterna. De coração, agra-

deço-lhes a acolhida em nossa Arquidiocese. Quero reafirmar-lhes meu desejo sincero de estar ao lado de cada um como pai, irmão e amigo. Contem comigo nas horas certas e incertas, nos momentos alegres e nas situações difíceis, no êxito e nas adversidades.

O vínculo sacramental que nos une seja alimentado sobretudo pela Eucaristia, e testemunhado por uma vida de comunhão afetiva e efetiva. Tenho certeza de que poderei contar com a fraterna colaboração, a solícita ajuda e a generosa compreensão de cada um dos meus queridos irmãos no sacerdócio ministerial, meus indispensáveis colaboradores no serviço pastoral. Tenho certeza que poderei também sempre contar como a preciosa ajuda dos zelosos e dedicados irmãos diáconos.

Na caridade de Cristo, dirijo a cada irmão presbítero meu apelo à vida em comunhão fraterna e unidade pastoral. Ninguém pode viver isolado. Fazemos parte do corpo presbiteral. E como membros do único Corpo de Cristo, devemos ser o sinal visível da unidade de nossa Igreja particular. A dinâmica da comunhão é um processo que exige conversão e não tem ponto final enquanto peregrinamos pelos caminhos da história.

Neste dia em que os irmãos presbíteros renovam suas promessas sacerdotais, recordo as sábias palavras do Concílio Ecumênico Vaticano II: “Pelo sacramento da Ordem, os presbíteros são configurados com Cristo Sacerdote, como ministros da Cabeça, para a construção e edificação do seu Corpo que é a Igreja, enquanto cooperadores da Ordem episcopal. Já pela consagração do batismo, como todos os fiéis, receberam o sinal e o dom de tão insigne vocação e

graça para que, até na fraqueza humana, possam e devam alcançar a perfeição segundo a palavra do Senhor: ‘Sede, pois, perfeitos, como vosso Pai celeste é perfeito’ (Mt 5, 48)” (PO 12).

Maria, Mãe de Cristo Sumo e Eterno Sacerdote, nos sustente com sua contínua proteção materna, sobretudo quando o caminho se torna árduo e o peso do cansaço se faz sentir. Que ela nos reanime sempre e conserve em nós a alegria de servir a seu Filho Jesus e ao Povo santo de Deus confiado aos nossos cuidados de pastores.

Caríssimos fiéis cristãos leigos e leigas,

A todos os assinalados com o dom da graça batismal, aplicam-se as palavras do Profeta: “Vós sois os sacerdotes do Senhor, chamados ministros de nosso Deus”.

Recorda-nos o Documento da CNBB intitulado Missão e Ministério dos Cristãos Leigos e Leigas: “Aderindo a Cristo sacerdote por meio da fé, deixando-se purificar por seu sangue e santificar pela oferta do seu corpo, entrando no movimento do seu sacrifício, os cristãos se tornam capazes de dar a Deus um culto autêntico, que consiste na transformação de sua existência pela caridade divina. Por sua participação no único sacerdócio de Cristo, o povo de Deus da nova Aliança é conjuntamente sacerdotal. (...) O sacerdócio comum é, pois, um sacerdócio conferido a todos os batizados enquanto professam e vivem a fé” (cf. CNBB, Doc. 62, n. 74).

“A Jesus, que nos ama, que por seu sangue nos libertou dos nossos pecados e que fez de nós um reino, sacerdotes para seu Deus e Pai, a ele a glória e o poder, em eternidade” (Ap 1,5-6).

Amém!



Sé de Mariana

NOTA DE ESCLARECIMENTO

A propósito da matéria publicada pelo jornal “Estado de Minas”, na seção “Política”, às páginas 8 e 9, no dia 25 de maio, em nome da Arquidiocese de Mariana, sinto-me no dever de pontuar algumas imprecisões e equívocos, que exigem adequada explicação. Apresento estes esclarecimentos na esperança de contribuir para um enfoque mais construtivo da questão.

1) Ao contrário do que afirma a matéria, não existe nenhuma carta do Arcebispo de Mariana e Presidente da CNBB “retaliando a entrada dos sacerdotes na briga pelas prefeituras e câmaras municipais”. O que fez Dom Geraldo Lyrio Rocha, em seu pronunciamento ao final do XVIII Encontro de Presbíteros e Diáconos da Arquidiocese de Mariana, realizado em Cachoeira do Campo, nos dias 22 a 25 de abril, foi tornar público para o seu clero o posicionamento oficial dos Bispos dos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo, que formam o Regional Leste II da CNBB. Em sua última assembléia, o episcopado mineiro e capixaba refletiu sobre o importante momento político das próximas eleições municipais e, retomando as orientações da carta publicada em idênticas circunstâncias em 2004, reafirmou a posição da Igreja a respeito da atuação político-partidária de ministros ordenados. Aliás, a carta dos bispos do Leste II não inova nos critérios apresentados, mas retoma as normas disciplinares prescritas pelo código de Direito Canônico e as reflexões pastorais contidas em vários documentos da CNBB. Ao ler e comentar o referido texto, Dom Geraldo Lyrio Rocha deixou claro que assume como sua posição pessoal tudo o que já havia sido aprofundado e aprovado pelos Bispos do Regional Leste II. Quem conhece o espírito de discernimento, a serenidade de juízo e a magnanimidade de coração do Arcebispo de Mariana sabe que ele não é homem de retaliações e tem demonstrado grande carinho e atenção para com os padres.

2) A restrição no uso de ordem, ou seja, no exercício das atividades sacerdotais não é uma imposição arbitrária de Dom Geraldo Lyrio Rocha, mas é uma norma da Igreja, citada pela própria reportagem, sobejamente conhecida por todos os padres e diáconos e sempre aplicada nos casos previstos.

3) Causa estranheza e indignação a insinuação de que Dom Luciano Mendes de Almeida dava apoio aos clérigos que desejavam assumir mandatos políticos. Trata-se de uma inverdade que fere a memória de um grande homem de Deus, sempre fiel em orientar o seu clero e o povo da Arquidiocese de Mariana de acordo com as diretrizes da Igreja Católica e em comunhão com o Papa e os Bispos. Prova disso, é a carta por ele dirigida às comunidades da Arquidiocese de Mariana, no contexto das últimas eleições municipais, em 15 de agosto de 2004. Ali Dom Luciano deixou clara a sua posição contrária à candidatura de padres e determinou que os eventuais padres candidatos deveriam deixar a responsabilidade da paróquia e ter a sua atuação ministerial restrita.

4) Assim sendo, a postura prudente de Dom Luciano Mendes de Almeida e suas sábias orientações são mantidas e reafirmadas por Dom Geraldo Lyrio Rocha. O Presbitério de Mariana, integrado por mais de duzentos padres, está feliz com as diretrizes claras e seguras do seu estimado Arcebispo e assume, em comunhão e solidariedade com ele, o compromisso de levar adiante a missão evangelizadora que nos é confiada. Como padres e diáconos, queremos contribuir para a construção de uma sociedade justa, fraterna e solidária, assumindo a dimensão política da fé, através da formação de cidadãos conscientes e leigos comprometidos com o bem comum e atuantes na política partidária.

Mariana, 28 de maio de 2008

Monsenhor Celso Murilo Sousa Reis
Vigário Geral da Arquidiocese



Seminários de Mariana

Ano II - Nº 3 - Junho / 2008

Entrevista

Cônego Jadir Trindade Lemos é filho de Antônio de Carvalho Lemos e Maria Alexandrina Trindade. Nasceu em Barra Longa, aos 11 de agosto de 1932. É cônego do Cabido Metropolitano de Mariana, vigário paroquial da Paróquia Nossa Senhora do Pilar em Ouro Preto, juiz no Tribunal Eclesiástico, e professor no Seminário São José.

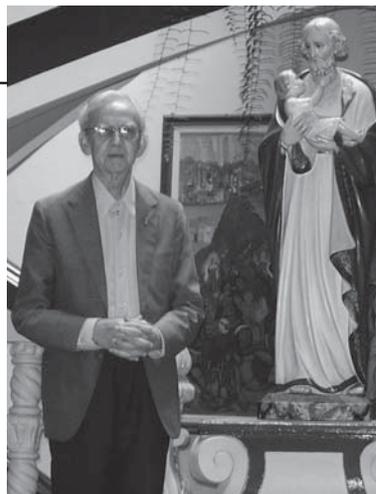
Itinerário

Nasci em Barra Longa, onde vivi toda a infância até os 12 anos. Com quase 13 anos vim para o Seminário Menor em 1945. Aí fiquei 3 anos, depois passei um ano fora por motivo de saúde, retornando depois novamente aos estudos.

Em 1952 iniciei o curso de filosofia em Mariana. Após seu término, fui mandado para Roma por Dom Helvécio Gomes de Oliveira e pelos formadores, onde fiz a Teologia e o Mestrado num período de 4 anos. Fui ordenado em Roma pelo Cardeal Traglia, na Igreja Santo Agostinho, aos 13 de abril de 1958. Depois de ordenado fiquei ainda alguns meses em Roma, voltando para o Brasil em novembro de 1958.

De fevereiro a julho, trabalhei como vigário paroquial na Paróquia Nossa Senhora da Conceição, em Conselheiro Lafaiete. Na época, o pároco era o Cônego Moreira. Depois fui chamado para trabalhar no Seminário Menor por Dom Oscar de Oliveira, onde atuei como Professor de História Religiosa, Latim e outras matérias, de agosto de 1959 até o fim de 1966.

Com a saída dos lazaristas do Seminário Maior, Dom Oscar convidou-me para



lecionar Sagrada Escritura. Assim, comecei minha caminhada nesta casa de Teologia em 1967 e aqui estou até hoje. “Isso quer dizer que eu não sou professor; eu estou professor”.

Infância

Minha infância foi bastante pobre. Éramos 10 irmãos. Papai era alfaiate e trabalhava, com dificuldade, para sustentar a família. Sempre fui uma pessoa doentia. Não muito bem alimentada. Era um menino muito tímido. Fiz o chamado grupo primário em Barra Longa, durante 4 anos.

Nesse tempo, o Pe. José Epifânio Gonçalves, vigário de Barra Longa, chamou-me para ser coroinha. Já o ajudava por dois anos quando me disse: “Você vai para o Seminário.” E, então, eu obedeci. Assim, entrei para o Seminário, com os meus quase treze anos de idade. Desse modo, começou meu itinerário vocacional.

Posso dizer que o grande motivador da minha vocação sacerdotal, além da minha própria família que era cristã e da comuni-

dade de Barra Longa que era de uma fé muito viva, foi o vigário Pe. Epifânio.

Seminário

Quando entrei no Seminário, o reitor era o Padre José Trombert, que começava naquele ano como reitor, e o Bispo, Dom Helvécio Gomes de Oliveira.

Em primeiro lugar eu agradeço muito a Deus, pois grande parte da minha vida passou-se no Seminário, num clima muito bom, convivendo com colegas maravilhosos, que formavam uma verdadeira família. Tudo isso foi muito proveitoso espiritualmente. Vivi momentos muito bons, e praticamente a vida inteira foi bonita, posso assim dizer, na convivência com os formadores e seminaristas. Era uma vida da qual eu gostava e gosto. Jogava bola com os seminaristas, fazia passeios. Hoje estou aposentado.

De outra parte, minha vida se reduziu praticamente a uma vida silenciosa. Deus não me deu o dom da voz, nem da pregação. E eu procurei compensar esses limites por outros modos.

Família

Quando estava no Seminário, íamos à casa somente uma vez por ano. Estando em Roma, a comunicação era feita por cartas, de modo que ficava preocupado sem saber o que estava acontecendo em casa.

Ordenação

Quando me ordenei, fiz uma mensagem na Rádio Vaticana, avisei em Barra Longa o dia e a hora que seria e, então, minha família, como também o povo, pôde ouvir a mensagem. Na minha ordenação não havia ninguém da família, e de Mariana, lá estava o meu amigo José Antônio, que se ordenou dois anos depois de mim. O Pe.

Terra ajudou-me muito em Roma, mas quando fui ordenado ele já não estava mais lá. Éramos 100 ordenandos de diversas nações. Foi meu colega de turma o Pe. Geraldo Magela, que foi diretor da PUC-MG, além de outros do Rio de Janeiro e São Paulo.

Trabalho paroquial

Quando fui para Lafaiete, primeira paróquia onde atuei, me senti “no ar”. Estava completamente por fora da situação da Arquidiocese, pois estava voltando de Roma. Minha sorte é que lá havia dois coadjutores, Pe. Jair e eu. Lá, o que fiz praticamente foi celebrar e administrar os sacramentos e ministrar algumas aulas de religião num ginásio.

Durante quase 30 anos fui administrador paroquial em Sumidouro, Padre Viegas. Foi uma comunidade que me fez muito bem. A vida deles tinha a Igreja como centro, era um povo solidário. Lá introduzi a missa dominical, apesar de Dom Oscar dizer: “Padre, basta uma vez por mês.” Quando lá comecei não havia luz, nem estrada. Eu ia a cavalo, pois o Seminário tinha uma besta que era do vigário Pe. José Alves, que depois foi bispo de Montes Claros. Eu pegava a besta depois do almoço e ia tranqüilo. Era até uma viagem gostosa. Aprendi andar a cavalo por causa disso. Eu caminhei muito com este povo. No meu tempo é que foi inaugurada a luz e a televisão. Fiz uma caminhada gratificante e familiar com eles. Quando cheguei lá, a Igreja tinha caído e as primeiras missas foram rezadas fora da Igreja. Fizemos algumas campanhas e reconstruímos a Igreja com a garra do povo. Além disso, incentivei a banda, introduzi os coroinhas e organizei a catequese. Montei uma Biblioteca, com a ajuda das editoras católicas, para a Paróquia e para a

catequese. Para lá eu ia aos sábados à tarde e voltava aos domingos à noite. Então, praticamente, batizei muita gente. Quando vieram para se casar aqueles que eu já tinha batizado, vi que era um sinal de que era hora de sair. Pedi então a Dom Oscar para eu deixar a paróquia porque o povo já estava precisando de “sangue novo”. Foi quando o Pe. Natali me substituiu.

Durante mais de 10 anos atendi também Cachoeira do Brumado, Barro Branco e Miguel Rodrigues. Ia sempre a Sumidouro e a mais uma das comunidades em cada final de semana.

Ao contrário de Sumidouro, em Cachoeira passei por situações muito difíceis. Inclusive a mãe da Honorina, Dona Irene, era catequista lá, ajudando-me bastante na adaptação com o povo.

Depois que saí de Sumidouro, passei a ficar só no Seminário, continuando a ajudar o Cônego Simões, em Ouro Preto. Desde 1967, sempre celebrei em Ouro Preto. Em 1968 adquiri um fusquinha e, por isso, podia celebrar às 7h em Sumidouro e às 10h em Ouro Preto. Cônego Simões e eu íamos muito a Belo Horizonte, saíamos sempre, tanto que nos apelidaram de Cosme e Damião. Agora, ao contrário, sou caiseiro demais!

Todos esses trabalhos me fizeram muito bem. O contato com o povo, com os mais simples e pobres me trouxe grande crescimento espiritual e pastoral. Cresci bastante!

Desafios

O meu problema, sobretudo, foi a dificuldade de ter ido como seminarista para Roma. Sem nenhuma experiência, isso me tirou o contato com os colegas. Naquele tempo não havia facilidade de comunicação, faltava maior organização ou integração entre o bispo e o presbitério. Sei que

acabei me sentindo isolado de muitos colegas e do presbitério. Isto me fez sentir muita falta da convivência amigável com os colegas. No Seminário, o que sempre me ajudou foi a convivência com os colegas. No Seminário Menor auxiliiei os lazaristas, com quem aprendi muito, e depois, aqui, no Seminário Maior, os diocesanos, quando ele reabriu em 1967.

Em segundo lugar, eu sempre fiquei muito preocupado, quase que angustiado, por ter sido professor improvisado de Sagrada Escritura. Este foi um grande desafio também.

Dom Oscar reabriu o Seminário de modo improvisado. Fui nomeado professor de Sagrada Escritura sem ter sido antes consultado. No dia da reunião fui chamado a Sumidouro para atender um doente. Fui a pé e debaixo de chuva. Quando retornei, já eram por volta das 14:00h, de modo que perdi a reunião com Dom Oscar. Então, fui informado que me nomearam professor de Escritura. Levei um susto, perdi o sono. Mas, Deus deu um jeitinho pra gente ir caminhando.

Eu estava apenas com a minha matéria do curso Teológico, que em Roma foi muito simples no que se referia à parte bíblica. Eu estava como que desarmado. Mas, de certo modo, isto acabou sendo bom para mim, objetivamente, pois aprendi bastante lecionando. É como diz o provérbio latino: “*Docendo Discitur*”; ou seja, ensinando se aprende. Então, eu aprendi com os alunos, caminhei com eles. Enquanto eu ensinava estava aprendendo mais ainda, se é que eu ensinava. Eu tenho um problema muito sério de memória. Minha memória, infelizmente, é muito reduzida e hoje, praticamente, não gravo mais nada. Tudo o que leio agora, eu esqueço logo depois. Na verdade, por todas estas coisas, sempre me

senti inseguro em relação ao magistério no Seminário. Mas aqui estou por obediência. Já havia pedido a Dom Luciano duas vezes para deixar o Seminário por razões pessoais e também para dar lugar para os mais novos. Mas Dom Luciano não me atendeu, foi me deixando aqui mesmo. Agora, acho que não saio mais, só morrendo (risos).

Diretor de estudos

Numa época fui diretor de estudos por mais ou menos 4 anos, não como nos tempos de hoje. Era encarregado também de ajudar a formar a Biblioteca. Então sempre ia a Belo Horizonte, praticamente de 15 em 15 dias, para conseguir livros para os alunos. Era um serviço que eu gostava, mas que me sacrificava. A gente perdia o dia inteiro. Consegui diversos livros para a Biblioteca. Era o tempo “das vacas magras”. Não havia muita verba para a Biblioteca. Uma vez Dom Oscar me concedeu 3000 cruzeiros para a Biblioteca e eu, então, entreguei a quantia para o reitor, Pe. Geraldo Majela Reis, mas acontece que ele gastou o dinheiro com outras coisas e eu fiquei a “ver navios”, não podendo adquirir os livros que queria.

Bodas de Ouro

Eu queria esta comemoração de outro modo, algo mais simples, num lugar mais tranquilo, uma espécie de um retiro, este é o meu jeito de ser, meio eremita. Mas, Pe. Lauro pediu para celebrar pelo menos uma missa de ação de graças no dia 12 e eu aceitei, mas depois ele complicou muito. Inventou o Tríduo e também Dom Geraldo quis algo mais solene... Deus sabe das coisas.

Mensagem

Na formação do Seminário eu levei mui-

to em conta, sobretudo, dois momentos fundamentais, chamados dever de estado: oração e estudo, como já dizia Santo Tomás de Aquino. O resto vem de acréscimo. Isto me valeu bastante. Como seminarista segui sempre esta orientação, até mesmo porque não havia, como agora, a pastoral nos finais de semana, de modo que existia mais tempo de recolhimento e estudo. Era estudo e aula, aula e estudo. Isso me ajudou porque pude ler muito, o que me enriqueceu espiritualmente.

Pensamentos

“Non scholae sed vitae discimus.”

“Para quem ama a Deus tudo coopera para o bem.”

Tudo o que acontece na nossa vida é graça.

Data das Ordens

Tonsura: Igreja de São Marcelo (Roma), aos 15 de janeiro de 1956.

Menores: Ostiário e Lector: Igreja Basílica de São Paulo (Roma), aos 25 de fevereiro de 1956 / Exorcista e Acólito: Igreja de Santo Inácio (Roma), aos 28 de outubro de 1956

Subdiaconato: Basílica de São João de Latrão, aos 21 de dezembro de 1957

Diaconato: Basílica de São João de Latrão, aos 04 de março de 1958

Presbiterato: Igreja de Santo Agostinho (Roma), aos 13 de abril de 1958 (Oitava da Páscoa).

Entrevista realizada pelos seminaristas:

Euder Daniane Canuto Monteiro

Geraldo Dias Buziani

HOMILIA DO MONS. PEDRO TERRA POR OCASIÃO DO JUBILEU DE OURO SACERDOTAL DO CÔNEGO JADIR TRINDADE LEMOS

Seminário Maior São José, Mariana, 09 de abril de 2008

Celebrar o Jubileu áureo do cônego Jadir em uma comunidade de teólogos e filósofos é um acontecimento, cujo significado vai além das circunstâncias acidentais de tempo e de lugar. Há na efeméride um desígnio divino, que não pode e não deve ser ignorado. TUDO É GRAÇA... Tudo deve ser considerado sob a luz da Divina Providência.



Monsenhor Pedro Terra

Pe. Jadir - O Sacerdote

Foi no domingo da Oitava da Páscoa, o domingo “Quasi modo” do dia 13 de abril de 1958, em meio aos cânticos maviosos e acordes sonoros do órgão, que ressoavam pelas naves da Igreja de Santo Agostinho, na Cidade Eterna, que o jovem teólogo recebeu a imposição das mãos do bispo auxiliar de Roma, D. Traglia, mãos que àquela altura de sua vida já se tinham pousado sobre a cabeça de cerca de 3000 néo-sacerdotes. Padre Jadir se transformara em um Outro Cristo. E no dia seguinte, no altar da Catedral da Patriarcal Basílica de São Pedro oferecia pela primeira vez o santo sacrifício eucarístico.

Pio XI, na encíclica “Ad Catholici Sacerdotii”, recordava que “o gênero humano sempre sentiu necessidade de ter sacerdotes, ou seja, de homens que por missão oficial a eles confiada fossem os mediadores entre Deus e os homens, e, desta mediação, a que são inteiramente consagrados, fizessem dela o objetivo de sua vida: constituídos para oferecer a Deus públicas orações e sacrifícios em nome da sociedade,

de, uma vez que também ela, enquanto tal, tem a obrigação de prestar a Deus culto público e social, de reconhecer Nele o seu supremo Senhor e primeiro princípio, tender para Ele como seu fim último, agradecer-lhe, propiciá-lo, pedindo perdão.”

Com efeito, é no sacerdócio de Cristo que a espiritualização do culto no Novo Testamento tem seu fulcro e sua expressão. Este sacerdócio, realidade sobre-humana e eterna, possuidora de suma eficácia salvífica, compendia os mistérios da encarnação, paixão, morte e ressurreição do Filho de Deus que se fez Filho do homem.

A nova religião de Cristo exigia um novo sacerdócio. O Cristianismo exclui os sacrifícios visíveis e cruentos de vítimas simbólicas e coloca no centro da sua fé e do seu culto um único sacrifício: a crucificação de Cristo, e um único sacerdote: Jesus, que se imola a si mesmo pela redenção dos pecadores.

É sempre oportuno recordar a famosa definição da essência do sacerdócio que nos é fornecida pela Carta aos Hebreus (5,1): “Ex hominibus assumptus, pro hominibus

constituitur in iis quae sunt ad Deum, ut offerat dona et sacrificia pro peccatis.” O padre é o mediador que oferece a Deus oblações e vítimas em nome do povo e, da sua parte, Deus o escolhe para comunicar aos homens os seus dons de graça, misericórdia e de perdão. É neste tipo de mediação que se entende a suma excelência do sacerdócio católico. Daí a conclusão da Carta aos Hebreus: “Ne quisquam sumit sibi honorem, sed qui vocatur a Deo... Sic et Christus non semetipsum clarificavit ut pontifex fieret...”

Revestido de tão grande dignidade, Padre Jadir, na manhã do dia 14 de abril de 1958, se dirigiu ao altar da Cátedra da Basílica de São Pedro para efetuar a sua primeira oferta sacrificial! Eu que conhecia de perto a unção mística do jovem coirmão, pude, à distância experimentar o fervor com que pronunciou pela primeira vez as palavras consagratórias: Hoc est enim Corpus meum... Ele tinha profunda consciência de que estava definitivamente inserido no sacerdócio de Cristo. Por meio da união hipostática, o Verbo penetra e possui a alma e o corpo de Jesus e os consagra.. Quando o Filho de Deus se fez carne, Ele se aposou totalmente desta humanidade. Portanto, concluem os teólogos, o momento da consagração sacerdotal de Jesus foi o momento da encarnação: exatamente naquele instante Cristo foi selado indelevelmente como único e eterno mediador entre o homem e Deus. “Sobre ele foi derramado um óleo de alegria” (Hb 1,9): “Unxit te Deus, Deus tuus, oleo exultationis”, pois aquela unção infinitamente santa foi o próprio Verbo Divino.

Participando no sacerdócio de Jesus, Padre Jadir estava consagrado sacerdote, segundo a ordem de Melquisedec. “Até o

fim dos tempos, todo poder de mediação que na terra os sacerdotes recebem será uma participação do sacerdócio do Cristo, porque Ele é a fonte única de cada sacerdócio que glorifica Deus como ele deseja” (Beato Dom Marmion, em Cristo, Ideal do sacerdote).

Pe. Jadir - O amigo

Eu era já quartanista no salão dos meninos e, de minha memória, nunca se esvaiu o momento em que me deparei, pela primeira vez, com a figura tênue, quase transparente e angelical que chegara ao velho seminário de Nossa Senhora da Boa Morte no início do mês de março de 1945. Lembro-me dele gritando entre os gárrulos colegas: “Quem encontrou o meu apite?..”

Não fui designado para ser o aluno, anjo da guarda do Jadir, mas senti por ele certo dever fraterno de proteção, sentimento que, no decorrer dos meses, desapareceu, quando a timidez dele se transformou em combatividade manifestada nas corajosas jogadas das inflamadas partidas de futebol. Na prática de esportes, “homo internus” se revelou: bom desportista, aluno disciplinado, seminarista piedoso e aplicado, filósofo inteligente, julgado capacitado para enfrentar as ingentes barreiras didáticas de uma Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma.

E foi intensa minha alegria de novamente, desta vez em terras estrangeiras, na Cidade Eterna, receber o companheiro de diocese e passar a ele as experiências já adquiridas nos difíceis anos anteriores. O ambiente intelectual era confuso: idéias em luta, estavam em jogo modernidade e tradição, mudanças e conservação, como agir? De que lado ficar? In omnibus caritas! Espírito de oração é fundamental. Homo Dei! Homo orationis! Estas eram as mar-

cas do Jadir naqueles idos pre-conciliares. Enquanto alguns se chocaram, o Jadir continuou o mesmo aluno dócil, temente a Deus, confiante nos superiores, amigo de todos! Venceu. Formou-se o sacerdote, a pessoa que hoje nós admiramos e amamos.

Não há necessidade de descrever para vocês, que com ele convivem, as virtudes humanas, cristãs e sacerdotais com que Deus ornou nosso homenageado. Seria ferir sua natural e reconhecida modéstia. Apenas digo: vocês estão terminando o longo período de formação para o sacerdócio: “*Inspice et fac secundum exemplum*”. Vocês têm diante de vocês um precioso modelo: olhem e façam igual! Tenho certeza de que vocês, como eu, não saberíamos o que mais admirar no cônego Jadir: sua modéstia, seu fervor quase místico, o espírito de oração, o profundo amor à Igreja e à diocese, ao Cristo e à SS. Virgem? Seus dotes intelectuais e seu cabedal científico?

Na realidade, o cônego Jadir é um dom para o Seminário. Mas também o seminá-

rio é um dom para o cônego Jadir. Este seminário tomou-se o seu lar, a sua família.

Conclusão

Vocês, jovens futuros sacerdotes, precisam aprender a valorizar os padres anciãos e os anciãos padres... O clero diocesano deveria ser como uma família. Nesta família clerical, como nas demais famílias, os mais velhos devem ser considerados como “bibliotecas vivas”, “arquivos ricos”, que contêm experiências importantes, guardando sabedoria, escrínios de um patrimônio valiosíssimo de testemunhos humanos e espirituais. Como uma parábola, eles lembram aos jovens que a vida sacerdotal tem início e tem fim. Chega à sua plenitude adquirindo valores não efêmeros e superficiais, mas sólidos e profundos. São autênticas e valiosas jóias... E ninguém, em sã consciência, joga fora um anel de brilhantes.

Por tudo isto e muito mais, temos motivo e dever de agradecer a Deus os dons que nos concedeu e concede na pessoa do cônego Jadir. *Te Deum laudamus!*

HOMILIA DO MONSENHOR FLÁVIO

Dando início a minha modesta fala, poderia eu desatender à grata sugestão da liturgia desta missa, missa comemorativa precisamente do jubileu de sacerdócio do estimado Côn. Jadir, que é sabidamente um biblista conceituado, poderia eu não aludir às apropriadas leituras que ouvimos? Absit! Respondo com aquela enfática negativa que tanto agradou ao Apóstolo usar na sua argumentação quando escreveu aos Romanos. Absolutamente! Sinto-me obrigado a não me distanciar dos quadros que a Sagrada Escritura nos



Monsenhor Flávio Carneiro Rodrigues

oferece, contemplando primeiramente aquele diácono Filipe que, no segundo Livro de Lucas, nos é pincelado como um exegeta atento e atencioso com o eunuco, exegeta competente e feliz em comentar um escrito santo. Tenho necessariamente que encarecer este abençoado ensino! Estou certo de que o Côn. Jadir, numa faceta de seu apostolado, se mirou no espelho daquele Filipe da Samaria que, dócil ao impulso do Espírito e à voz do Anjo, se colocou no caminho do etíope, viajou, enfrentou um deserto, correu atrás do carro daquele ministro graduado da Rainha de Candace e aceitou com júbilo estudar com ele Isaías, Isaías filho de profeta, Isaías o príncipe dos profetas... É sim muito fácil enxergar a pessoa do Côn. Jadir na figura daquele evangelizador, que foi um daqueles sete primeiros eleitos para o diaconato. Também o nosso homenageado acreditou na virtude da palavra divina, encantou-se com sua sabedoria e se dispôs em sua vida de magistério a saboreá-la e prestimosamente a fazê-la entendida e amada. A quantos alunos, eunucos *propter regnum coelorum*, já não valeu o Côn. Jadir com a maestria de suas aulas, com o acerto de suas ponderações e com o fruto de seus estudos e pesquisas. Aquele Filipe é bem o patrono, o modelo dos missionários preocupados em oferecer a verdade, é um paradigma dos especialistas da Sagrada Escritura, ele é íntimo do Côn. Jadir, é um da sua turma. Este pessoal ilustre aprendeu bem aquela divina lição, deixada no caminho para Emaús na tarde de um celeberrimo domingo. A interferência deste Filipe aqui foi uma bonita sintonia: ficou tão bem, tão harmoniosa a evocação de seu nome e de seu trabalho na festa do biblista Côn. Jadir.

Mas, apesar de muito meritório o seu magistério de ciência bíblica e de teologia dogmática, estamos nós empenhados nesta conjuntura a aplaudir não tanto o belo desempenho de seu professorado e sim, mais, muito mais, a decência do seu sacerdócio. E então é preciso esquecer um pouco a imagem de Filipe que passa a ficar ofuscada com o brilho exuberante da divina Pessoa do Senhor Jesus, aqui introduzido pela leitura do evangelho. Sai o diácono e entra o Sacerdote, o Sumo Sacerdote da Nova Lei. A segunda leitura nos propõe aceitar, crer, adorar o Cristo Eucarístico, o Pão vivo descido do céu, o genuíno e legítimo Sacerdote, o Sacerdote por excelência! Ele próprio se apresenta como o pão da vida: o maná antigo não garantiu a sobrevivência dos nossos maiores, mas o Pão do céu nos assegura a vida eterna! E é então à sombra do Divino Sacerdote que agora nós queremos espiar para o dileto amigo Côn. Jadir. Mais do que professor e erudito nos Livros Santos, nós todos admitimos, sem fazer favor algum e sem agredir a verdade, admitimos sensibilizados que o nosso estimado Cônego soube ser, nestes cinqüenta anos passados, sobretudo um sacerdote, soube ser padre autêntico, primeiramente padre, padre sempre padre. Agradecemos muito o seu exemplo, a sua substanciosa contribuição para a Igreja de Mariana, para a formação de candidatos ao sacerdócio, para a felicidade espiritual de todo o povo de Deus. Quanto aplauso merece o seu sacerdócio, a sua piedade no altar, a sua seriedade e persistência na oração. É sim o Cônego um digno oficial e ministro do Altar de Deus, um digno profissional da oração. É gratificante contemplar a sua caminhada, os desertos que encarou como o Filipe dos Atos, as corridas que empre-

endeu para o Sumidouro e para Ouro Preto, no seu fusquinha muito mais valente do que o veículo do etíope graduado, corridas unicamene atrás das almas, para levar-lhes a palavra de Deus e a Eucaristia.

(Tive o privilégio de viver perto do Côn. Jadir desde criança. Ele chegou ao seminário um ou dois anos depois de mim. E lembro-me sempre de que, desde seminarista, já era ele admirado como promissor levita, estimado pelos professores e respeitado pelos colegas. Era um seminarista certinho, bem comportado, corta nos estudos. (Nós tínhamos então um vocabulário próprio: “Corta”, no nosso linguajar, qualificava aquele aluno bem sucedido, avaliado com notas altas). Desta forma, é antiga a minha inveja com o valor e a virtude do Côn. Jadir, isto vem de longe: a propósito, confesso que tive um seminário menor bem atribulado: era sempre vigiado, repreendido e punido pelas autoridades da casa. Não tive sorte alguma com disciplinários, regentes, corregedores e deões! Esta categoria de profissionais jamais teve a menor complacência comigo. E me machucavam muito com a suprema maldade da proibição do futebol e de nadar no tanque. Fui sempre um incompreendido! Eu era de menor mas não tinha respeitados meus direitos constitucionais. Até hoje perplexo eu me pergunto, por quê? Mas depois de madura reflexão, atinei com uma possível explicação, pelo menos em parte: eu pagava o preço de ser muito amigo de uns colegas ouro-pretanos... Esta ligeira recordação é apenas para ilustrar e comprovar o justo apreço que sempre acompa-

nhou o nome do Côn. Jadir, desde a sua puerícia e juventude, apreço que se avolumou consideravelmente depois de ordenado padre. E que padre ?!.)

O exemplo de um sacerdócio deste quilate é tão válido e conveniente aos nossos dias que nos mostram às vezes padres divididos: sabemos de padres políticos, padres fazendeiros, padres somente professores, padres preponderantemente psicólogos, padres um pouco comerciantes e até padres costureiros... Tentam todos estes se justificar às vezes, que, no exercício destas profissões paralelas, conseguem também oferecer algum serviço sacerdotal. Mas, no fundo, são mentiras estudadas, refinadas que não escondem muito o real motivo, o verdadeiro objetivo de uma renda financeira mais pingue.

Bem sei eu que não tenho autoridade alguma para criticá-los, não sou exemplo neste particular como não o sou, nunca fui nem posso sê-lo em todos os outros: não escondo que lecionei muitos anos em Universidade e Escola Estadual, muito embora tentasse não descurar meu trabalho de Igreja: aulas nos seminário, encargos na cúria e regência de uma paróquia. Mas na vida do Côn. Jadir é obrigatório, é imperativo reconhecer que Ele só quis ser padre, sempre padre. Não lhe faltaram, na certa, convites e oportunidades repetidas para ocupar com proficiência cátedras vistosas e outros ministérios bem remunerados e ele sempre os recusou por ser radicalmente fiel ao seu ideal sacerdotal.

Faz tanto bem a gente admirar exemplos edificantes de sacerdotes que se esmeram na formação sacerdotal, padres que se desvelam nas paróquias, no atendimen-

to aos fiéis, padres que se entregam exclusivamente à Igreja. É um belo espelho o padre de dedicação exclusiva, o padre, como dizem os ingleses, *full time*, o tempo todo, de medida integral. É para aplaudir o belo exemplo de um padre padre! Como já disse uma vez para os meninos lá da filosofia, esta expressão aqui usada é uma repetição de palavras, que inclui primeiramente um substantivo e depois um adjetivo: o substantivo indicando um estado, uma graduação e o adjetivo, uma qualificação, uma classificação. Falando também agora para seminaristas, repito-lhes o voto de que, à imitação do Côn. Jadir, todos sejam padres padres, padres não só no substantivo mas também no adjetivo. Sejam todos padres,

made in Mariana, tipo Pe. Jadir!

Tenho duas últimas palavras, uma para o Côn. Jadir e outra para o Pe. Lauro.

Côn. Jadir, lemos no seu sacerdócio um lindo poema de generosa dedicação à Trindade. O seu sacerdócio foi e é uma liberal bênção para a Igreja de Deus, um valioso ornato do nosso seminário, honra e patrimônio do nosso clero marianense. Ad multos multosque annos!

E minha palavra para o Pe. Lauro é uma pública e enérgica repreensão: para festejar o jubileu áureo de sacerdócio do Côn. Jadir, tríduo é muito pouco, no mínimo deveria ser uma novena.

Mariana - 10/04/2008

HOMILIA DE DOM FRANCISCO BARROSO

Coube-me a honrosa incumbência de fazer a saudação ao ilustre homenageado de hoje, Cônego Jadir Trindade Lemos, cujo Jubileu Áureo Sacerdotal, com alegria, celebramos. Atribuo a honra do convite para tão agradável missão, ao laço de profunda e sincera amizade que me une ao querido colega de Seminário e, hoje, colega no Sacerdócio.

Éramos, ainda crianças, quando nos conhecemos, lá no vetusto Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte. Convivemos, por longos anos, partilhando espaços e, sobretudo, vida, nas salas de aulas, nos corredores da casa, nas mesas do refeitório, nos pátios do recreio, no campo de futebol e, sobretudo, nos bancos da artística e acolhedora Capela do Seminário, onde a Senhora da Assunção, de braços abertos, acolhia a todos, indicando-nos o Seu Filho Jesus como modelo para os futuros sacerdotes.

Deixemos, por ora, essas reminiscências



Dom Francisco Barroso Filho, Dom Geraldo e Cônego Jadir

as e passemos a apresentar, antes de tudo, em rápidas pinceladas, o perfil do nosso homenageado de hoje:

Cônego Jadir nasceu em Barra Longa, aos 11 de agosto de 1932, filho de Antônio José de Lemos e Maria Alexandrina Trindade. Fez o curso primário em sua Terra natal. Em Mariana, cursou Humanidade e

Filosofia. Em Roma, na Gregoriana, cursou Teologia, tendo feito o Mestrado, em Teologia Dogmática. As duas primeiras Ordens Menores, Ostiário e Leitor, lhe foram conferidas, na Igreja Basílica de São Paulo, em Roma, no dia 25 de fevereiro de 1956. E as duas outras, Exorcista e Acólito, no dia 28 de outubro do mesmo ano, na Igreja de Santo Inácio, também, em Roma. O Subdiaconato e o Diaconato se realizaram na Basílica de São João de Latrão, em Roma. E, no dia 13 de abril de 1958, na Igreja de Santo Agostinho, em Roma, realizou-se a Ordenação Sacerdotal do nosso querido Côn. Jadir. De volta ao Brasil, iniciou o exercício do seu Ministério Sacerdotal, em Cons. Lafaiete, como Vigário Cooperador, na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição. Logo depois, foi transferido para Mariana, como Professor do Seminário, onde vem dedicando toda a sua vida Sacerdotal, à formação dos candidatos ao Sacerdócio. Nobre e difícil ministério que o Côn. Jadir tem exercido, no silêncio, a exemplo de Maria, Rainha e Mãe dos Vocacionados. Quantos Sacerdotes, desta e de outras dioceses, foram alunos do querido mestre Côn. Jadir!

Na convivência diária com o Jadir, todos nós, seus colegas de seminário, já podíamos perceber que se tratava de uma pessoa privilegiada: inteligente, bondoso, sempre atencioso e prestativo, sabendo dividir, com os seus colegas, os talentos, os dons que Deus lhe concedeu. Nas aulas, foi, sempre, o primeiro aluno. Grande latinista, escrevia os discursos, em elegante latim, de estilo clássico, para o Simões, nosso querido colega, com muita graça, discursar no aniversário natalício do saudoso Padre Aristeu Matos, nosso professor de latinidades. No futebol, o Jadir era um atle-

ta imbatível: driblava muito bem, era veloz, dava passes com perfeição e era o artilheiro do nosso time, que disputava, com garra, o campeonato interno do Seminário. É bom lembrar que a nossa turma do quinto ano era muito unida. Trabalhávamos, estudávamos, rezávamos e nos divertíamos, em perfeita unidade e solidariedade, vivendo aquele “*Quam bonum et jucundum habitare fratres in unum.*” Tanto no Seminário Menor, quanto na Filosofia, que fizemos, juntos, o Jadir se destacava, sobretudo na espiritualidade. Homem de oração, era Congregado Mariano e membro do Círculo de Mariologia.

Não pedi licença ao Côn. Jadir para tecer-lhe essas loas que, por certo, vêm ferir-lhe a modéstia. Mas o fiz fundamentado n’Aquele que disse: “brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vendo as vossas boas obras, glorifiquem o Pai que está no Céu”.

Magnificat anima mea Dominum! A minha alma glorifica o Senhor!

Não há, sem dúvida, momento mais oportuno para demonstrar a nossa alegria, a nossa gratidão a Deus, por estes 50 anos de vida sacerdotal, do que este momento da celebração eucarística, pois que Eucaristia significa ação de graças. E é exatamente para estas comemorações festivas de ação de graças que, aqui nos reunimos, nesta Capela de São José, para nós, tão evocativa.

Nada mais justo que incluir nesta saudação uma prece de exaltação, de louvor a Jesus Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote, presente na Eucaristia. Exaltação e louvor ao Côn. Jadir que, nestes 50 anos de vida sacerdotal, soube, tão bem, honrar e glorificar o Sacerdócio Católico, continuação do Sacerdócio de Cristo. O Sacerdote, mediante a Ordenação Presbiteral, está unido,

de forma singular e excepcional, à Eucaristia. Podemos, até mesmo, afirmar que o Sacerdote é aquilo que é, de certo modo, a partir da Eucaristia.

As palavras e a ação de cada sacerdote celebrante são ecos das palavras e da ação do próprio Cristo, na Quinta Feira Santa: “Fazei isto em memória de mim”. Com efeito, o Sacerdote oferece o Santo Sacrifício da Missa “in persona Christi”, isto é, em nome de Cristo, fazendo as vezes de Cristo, na específica e sacramental identificação com o Sumo e Eterno Sacerdote Jesus Cristo, autor e principal sujeito deste Seu próprio sacrifício.

Nesta celebração festiva de hoje, vamos louvar a Deus pela graça destes 50 anos de vida sacerdotal do Côn. Jadir e aproveitar a oportunidade para renovar, juntamente com ele, os nossos compromissos sacerdotais, assumidos no dia da nossa Ordenação. É este, sem dúvida, o momento oportuno para recordarmos, com o homenageado, aquele dia que, na história pessoal da própria vida, ficou marcado, para sempre, o início do serviço que prestamos na Igreja de Cristo (“Tu es Sacerdos in aeternum”).

Aproveitamos, pois, este momento ímpar do Cinquentenário de Ordenação do querido Côn. Jadir, para reanimar, em nós, a graça da nossa Ordenação Sacerdotal, reabrindo o coração para o Espírito Santo e redescobrimo aquela amizade a que Cristo nos chamou: “Já não vos chamo servos, chamei-vos amigos”(Jô. 15, 15).

Ao celebrarmos os 50 anos de vida sacerdotal do Rev. Sr. Côn. Jadir, redescobrimos aquela realidade que constitui a essência do Sacerdócio: Aquilo que confere, a cada sacerdote, a plena identidade e autenticidade no serviço sacerdotal e que dá,

a cada Padre, a possibilidade de ir e dar frutos e a força para que este fruto seja duradouro (Jo. 15, 16).

Podemos afirmar que, nestes 50 anos de vida sacerdotal, Deus louvado, o Sr. Côn. Jadir não enterrou os talentos que Deus lhe concedeu, mas os fez frutificar. Com efeito, além de trabalhar na formação de futuros sacerdotes, o Sr. Côn. Jadir demonstra o seu zelo sacerdotal, quando atende à Paróquia de Pe. Viegas e à Paróquia do Pilar, em Ouro Preto, como Vigário Paroquial.

Em uma época de tanta contestação e até de defecções no Clero, quando o mundo materialista interroga sobre o valor, o sentido do sacerdócio ministerial, agradecemos a Deus o poder celebrar, com alegria, esses 50 anos de vida sacerdotal do Côn. Jadir. 50 anos que coroam um fecundo trabalho apostólico de quem se consagrou, de quem doou a sua vida no ideal sacerdotal.

É sempre com grande alegria que celebramos um Jubileu sacerdotal, pois a própria celebração é já um testemunho público de perseverança e de fidelidade. E como isto faz bem ao nosso povo que tem uma predileção especial para com os sacerdotes! E como isto faz bem aos nossos vocacionados, aos nossos seminaristas e aos Padres que estão, ainda, iniciando a sua caminhada!

Aqui reunidos por motivo destas festividades que marcam os 50 anos de vida sacerdotal do Sr. Côn. Jadir, nos seja concedido perceber cada vez mais perfeitamente, o amor de Cristo que ultrapassa qualquer conhecimento. E que nele e por Ele, possamos ser repletos de toda plenitude de Deus na nossa vida e no nosso serviço sacerdotal (Ef. 3, 19).

Queremos saudar o nosso homenageado pela juventude do seu Sacerdócio. Sim,

juventude, apesar dos seus 50 anos de vida sacerdotal; juventude, apesar de ser chamado Presbítero, desde o dia da sua Ordenação. Com efeito, conservamos a juventude de nosso sacerdócio, pois nossa vocação sacerdotal é sempre jovem, sempre atual, porque se alimenta incensantemente, na sempre nova seiva da graça de Deus. (João Paulo II).

Na pessoa do Padre, é Jesus mesmo que continua abençoando, consagrando, comunicando e, quando preciso, até mesmo denunciando.

É por isto que o Sacerdote, convicto de que foi chamado e escolhido por Deus, vive o seu ideal sacerdotal cheio de otimismo e esperança. De otimismo, porque sente-se apoiado por Aquele que o escolheu; de esperança, porque a nossa fidelidade ao Evangelho está acima de nossas opções pessoais, certo de que haverá de prevalecer a unidade visível da Igreja que tem a assistência constante do Espírito Santo.

O Papa João Paulo II, numa carta aos Sacerdotes, por ocasião da Quinta Feira Santa de 1998, afirmou que o Espírito Santo não deixa de reservar uma especial atenção aos que receberam a Sagrada Ordem, para uma adequada realização do seu exigente ministério.

Assim, por entre as alegrias e as canseiras, os sofrimentos e as esperanças do Ministério, o Sacerdote aprende a confiar na vitória final do amor, graças à perene ação do Paráclito que, apesar das limitações dos homens e das instituições, leva a Igreja a viver em plenitude o mistério da unidade e da verdade.

Por isto, ele sabe que pode confiar no poder da Palavra de Deus que supera toda a palavra humana e na força da graça que

vence os pecados e as falhas dos homens. Isto tona-o forte, apesar da fragilidade humana, no momento da provação e pronto a volver, de boa vontade, ao Cenáculo, onde, perseverando na oração com Maria e com os irmãos, pode reencontrar o entusiasmo necessário, para retomar o peso do serviço apostólico.

O Sacerdote é chamado constantemente, a confrontar o seu *fiat*, com o *fiat* de Maria, deixando-se conduzir, como Ela, pelo Espírito. E a Virgem ampara-lo-á, nas suas opções de pobreza evangélica e fa-lo-á disponível para escutar, humilde e sinceramente, os seus irmãos, tornando-o capaz de servir os irmãos com luminoso discernimento, para os educar nos valores evangélicos e induzi-los a buscar, com solicitude, as coisas do alto.

Acompanhado por Maria, o Sacerdote saberá renovar, todos os dias, a sua consagração. E com o mesmo espírito de Maria, a Mulher Eucarística, na totalidade de sua vida, queremos, a convite do Papa João Paulo II, reler aquele cântico de Maria, o *Magnificat*, em perspectiva Eucarística.

Com efeito, como o cântico de Maria, também a Eucaristia, que ora celebramos, é, primeiramente, louvor e ação de graças.

Ao ensejo destas Bodas de Ouro Sacerdotais do Côn. Jadir, queremos, pois, dizer, com Maria: “Minha alma glorifica o Senhor e meu espírito exulta de alegria em Deus meu Salvador”. Este cântico de Maria, vem muito a propósito, quando recordamos as maravilhas operadas por Deus, ao longo da história desses 50 anos de vida sacerdotal do Côn. Jadir.

Só nos resta, agora, recitar: “*Magnificat anima mea Dominum*”. A minha alma engrandesce o Senhor.

MISSÃO NA AMAZÔNIA

JUNTOS NO CAMINHO...

1. Quem somos?

Eu sou Claudinei Lourenço de Souza, e eu sou João Paulo da Silva, nós somos dois jovens seminaristas da Arquidiocese de Mariana – MG. Concluímos o 4º Período do Curso de Teologia, e partilhamos com a equipe de formadores de nosso Seminário

o desejo de fazer uma experiência missionária na região Norte do Brasil como parte de nosso processo formativo. Acreditamos que essa experiência pode nos ajudar muito no processo de amadurecimento das motivações para a vida sacerdotal, além de fortalecer em nós a disposição para abraçar um estilo de vida mais austero no qual, a exemplo de nosso saudoso e amado Dom Luciano Mendes, Amar e Servir ao próximo, sobretudo o mais pobre, seja nossa maior alegria! A equipe de formação de nosso seminário nos ajudou a discernir esse desejo e na pessoa de nosso estimado arcebispo Dom Geraldo e de nosso amigo reitor Pe. Lauro tomou as iniciativas e não poupou esforços para viabilizar a concretização do desejo. E assim no dia 06 de janeiro de 2008, por ocasião da Festa da Epifania do Senhor recebemos em nossa Catedral a Bênção de envio das mãos de nosso estimado pastor Dom Geraldo com a recomendação de que viéssemos em



nome da Arquidiocese de Mariana da qual recebemos todo apoio, amparo e acompanhamento, de modo especial na pessoa de nosso reitor Pe. Lauro. Aqui estamos...

2. Onde estamos?

Nós estamos na diocese de Santarém, esta diocese que nos acolheu de braços abertos. Desde o momento em que pisamos nesta abençoada terra, Dom Esmeraldo nos recebeu mui atenciosamente e ao longo do tempo que estamos aqui tem se revelado um verdadeiro discípulo do Mestre Jesus, cuja simplicidade de vida e disposição para servir, ocupando-se

desde as tarefas mais simples até aquelas que são próprias de um bispo, isso nos estimula e questiona como vocacionados. Falando em acolhida e atenção não podemos deixar de registrar aqui a presença fraterna e carinhosa do reitor do seminário São Pio X e vigário geral desta diocese Pe. Jaime, além do Pe. Alaelson, de todos os seminaristas, funcionários, demais padres que conhecemos, enfim, todos nos acolhem fraternalmente. Na primeira etapa desta experiência missionária Deus nos agraciou com a Paróquia do Sagrado Coração de Jesus em Fordlândia, integrante da Diocese de Santarém – PA. Nesta Paróquia, fomos acolhidos pelo Pe. Walter que desde o principio se mostrou muito solícito, amigo,

companheiro. Pessoa simples, muito trabalhador, cujo estilo de vida abnegado nos inspira e interpela. Esta paróquia tem a maior parte de suas 49 comunidades situadas às margens do Rio Tapajós, o qual é a via de transporte e fonte de sustento para a região. A Paróquia está dividida em duas Mini-áreas que por sua vez se subdividem em distritos, totalizando 13 distritos. Os trabalhos pastorais são articulados com o forte e necessário apoio dos guerreiros Catequistas. Em razão da carência de Padres, são eles que levam adiante os trabalhos nas comunidades, geralmente o Padre não consegue visitar mais que três vezes por ano cada comunidade. A Evangelização nesta região tem muita influência dos frades franciscanos, pois foram eles quem, por muitos anos, catequizaram os povos desta região os quais têm em suas culturas muitos traços de herança indígena. Da herança franciscana destacamos as devoções populares, o festejo do Santo, a valorização do Ministro Ordenado e sinais de uma catequese que se valeu da pedagogia do medo. Enfim, aí está um esboço do berço que nos acolheu e que nós, desde o início, admiramos e agora já aprendemos a amar e a querer bem.

3. O que fazemos?

A nossa experiência está alicerçada na convivência saudável e amiga com o Pe. Walter nos momentos de oração em comum, nas visitas às comunidades, na execução dos trabalhos e afazeres diários. Convivência com as equipes catequéticas, com as famílias que visitamos e tantas que nos hospedaram. Tivemos a oportunidade de visitar várias comunidades, nas quais visitamos as famílias, com atenção especial para os idosos, doentes, mais pobres com

quem partilhamos a alegria da Fé em comum, as experiências de anos de dedicação e serviço à comunidade. Em todas as comunidades que passamos visitamos as escolas e no final da tarde celebramos juntos a Palavra que nos alimenta e dá vida. Enfim, não fizemos nada de extraordinário, simplesmente partilhamos do dia-a-dia da vida deste povo simples, acolhedor, solidário com quem muito aprendemos e juntos partilhamos o que cada qual vive no seguimento de Jesus Cristo.

4. Frutos do Evangelho que saboreamos!

A convivência com este povo querido nos possibilitou compartilhar vários frutos do Evangelho. Começamos pelo forte sentimento religioso que se soma à nossa convicção de que somos criados por Deus e para a vida em Deus. Daí a necessidade de que nossa presença como Igreja seja cada vez mais respeitosa com as pessoas, pois estas são portadoras da experiência cristã, ainda que esta seja tematizada em termos que inicialmente podem nos parecer estranhos. O jeito de viver das comunidades em geral testemunha que o verme do consumismo, da posse, não encontrou solo fértil por aqui. As pessoas vivem de modo simples, “a cada dia bastam suas preocupações.” Para nós isso soa como um testemunho profético diante da sociedade capitalista e atualiza o Reino de Deus para nós. Toda essa densidade de valores do Evangelho ganha corpo no protagonismo dos leigos que se empenham na realização das Semanas Catequéticas, na celebração semanal do Culto, na reza do Ofício Divino das Comunidades, no festejo do padroeiro, na implantação do dízimo como caminho de autonomia e fonte de auto-sustento para

a Paróquia, isso sem falar na escola de comunhão e partilha que a experiência do dizimo possibilita.

5. Testemunhos de Vida!

Em todas as comunidades pelas quais passamos, nós encontramos catequistas que são verdadeiros heróis, pela perseverança e dedicação a serviço da Evangelização. Poderíamos descrever vários exemplos deste gênero de pessoas simples, que na maioria das vezes nem puderam estudar, mas cujo testemunho fortalece nossa Fé e nos encoraja na caminhada, porém esta é uma experiência que está ao alcance de todos nós, nos interpelando para que de admiradores destas maravilhas passemos a protagonistas das mesmas. Registramos aqui alguns casos para que nos sirvam de referências e incentivo.

Raimunda Pessoa é moradora da vila de Fordlândia. Hoje com 66 anos, ela teve um problema sério de diabete e em decorrência da doença teve as duas pernas amputadas, perdeu a memória e agora vai lentamente aprendendo as coisas com a ajuda dos netinhos. Ficamos impressionados com a capacidade de superação desta senhora, com sua Fé inabalável. Ela que antes fora Diretora da Escola de Fordlândia, agora aprende o alfabeto com a ajuda dos netos. Tudo isso com uma alegria que a todos contagia.

Maria Eunice é moradora da comunidade de Daniel de Carvalho. Também teve amputados parte do pé e uma das pernas, além de ter perdido a visão. Seu entusiasmo nos contagiou em um daqueles dias em que não estávamos muito dispostos. Ficamos encantados com sua confiança em Deus e no modo tão carinhoso e afetuoso

com que fala de Deus e com Deus, sem falar em sua convicção de católica feliz e realizada.

Zé do Chapéu é morador da comunidade de Santa Luzia. O que nos chamou a atenção é seu jeito simples de viver, o modo alegre e acolhedor com que se relaciona com as pessoas. Soma-se a isso sua grande sabedoria, aberta à vida, pois esta é colocada a serviço da comunidade e da Paróquia. É impressionante sua visão de mundo, a capacidade de fazer uma leitura crítica da realidade. E a cada dia opta pelo menos favorecido e levanta sua voz contra o cruel capitalismo.

6. Realidades que desafiam...

No campo religioso destacamos a carência de Padres que impossibilita o acompanhamento mais sistemático junto às comunidades e a presença de sinais de uma compreensão dos Sacramentos como um “poder mágico”. E ainda desafios que não são novidade como o fato do forte sentimento religioso nem sempre se traduzir em participação eclesial. Pareceu-nos que o Sacramento do Matrimônio mereça uma atenção especial, talvez por causa de traços culturais, heranças indígenas, são muitos os casos de casais que vivem juntos e não buscam o Sacramento. No campo social destacamos o grande consumo de bebidas alcoólicas em muitas das comunidades, o alto índice de mães “solteiras, inclusive jovens na faixa de 16 anos. Constata-se ainda a presença de empresas, fazendeiros, madeireiros cujo único objetivo é o maldito lucro, e para conseguirem seu objetivo ameaçam, expulsam famílias, são vidas que são oprimidas em nome do falacioso progresso. Finalmente, no campo polí-

tico, ainda é presente o uso da política, do bem comum em benefício próprio. Aquilo que é direito do cidadão lhe é oferecido como migalha, como favor e a conta-gotas. São estas algumas das realidades que nos desafiam e interpelam.

7. O que levamos?

Nós que estamos vivendo esta experiência missionária acreditamos que os primeiros destinatários da mesma somos nós Claudinei e João Paulo. E tudo o que temos vivenciado ao longo desse tempo só tem feito fortalecer esta convicção. Pois esta experiência nos permite refletir e discernir sobre a vocação de cada um de nós, nos ensinando que o verdadeiro sentido da vida está na doação e na dedicação aos outros, em especial, ao menos favorecido. São muitas as oportunidades de fortalecimento da Fé, de amadurecimento das motivações, de cultivo das muitas e boas amizades e da presença dos apelos e questionamentos que Deus suscita em nossos corações. De modo especial nos questionamos, como Igreja, o que podemos fazer para amenizarmos as contradições que enfraquecem nosso testemunho e comprometem nossa comunhão eclesial, como o fato de termos num mesmo país dioceses com um clero numeroso e outras que sobrevivem sabe Deus lá como, isso sem falar nas condições de infra-estrutura para o trabalho de Evangelização. É preciso que sejamos mais ousados na solidariedade para que nosso testemunho seja fortalecido. Outra experiência que sai fortalecida é a de que nós não precisamos de muita coisa para sermos felizes, ao contrário do que os meios de comunicação em massa vendem, o segredo da felicidade não está na posse, mas na doação, sobretudo, de si mesmo.

No âmbito dos relacionamentos, da convivência afetiva temos oportunidade de experiências que nos ajudam a amadurecer e a integrar sempre mais a dimensão humano-afetiva no horizonte do amor cristão. A convivência entre nós nos ensina a partilharmos as alegrias, os desafios e os fracassos na certeza de que juntos somos mais. Enfim, levamos o amor fortalecido e renovado neste tempo de Páscoa e continuamos com a certeza de que “ELE está no meio de nós!”

O Amor...

“Quando o Amor chama, Sigam-no, mesmo que tenha caminhos pedregosos e íngremes. E, quando lhes fala, Creiam N’ele mesmo que sua voz possa dissipar os sonhos de vocês, como o vento norte devasta o Jardim. Pois da mesma forma que o Amor exalta vocês, assim os crucifica, e da mesma forma que os faz amadurecer, assim os podará. Ele entrega vocês ao seu fogo sagrado para que sejam pão santo da mesa de Deus. Tudo isso realiza o Amor em vocês, para que conheçam o segredo do coração de vocês e possam tornar-se um fragmento do coração da Vida. O Amor não dá nada além de si próprio e nada colhe senão a si mesmo. O Amor não possui nem desejaria ser possuído, porque o amor é suficiente ao Amor. E não pretendam dirigir o Amor porque, se os encontrar dignos, será Ele quem os conduzirá. O Amor deseja somente consumir-se!” (Gibram Kahlil Gibram)



O PRESBÍTERO A PARTIR DO VATICANO II¹

Pe. Lauro Sérgio Versiani Barbosa

Depois de ouvirmos a abordagem histórica do Monsenhor Flávio Carneiro Rodrigues sobre a Arquidiocese de Mariana e a apresentação de nossa realidade pastoral pelo Pe. Marcelo Moreira Santiago, vamos considerar brevemente a visão do ministério presbiteral a partir do Concílio Vaticano II. Vejamos a perspectiva descortinada pelo Vaticano II, os seus desdobramentos e desafios atuais, e, finalmente, o contexto de nossa Arquidiocese de Mariana ao celebrar o seu centenário.

O Concílio Vaticano II foi, no dizer do Papa João Paulo II, a grande preparação suscitada pelo Espírito Santo para a entrada da Igreja no terceiro milênio. Refletindo sobre si mesma e sobre a sua relação com o mundo, a Igreja encontrou no mistério do Cristo a sua razão de ser e agir. O ministério presbiteral foi iluminado pela reflexão sobre a origem, natureza e missão da Igreja. A eclesiologia do Vaticano II achou o seu equilíbrio teológico no reconhecimento das raízes trinitárias da Igreja. As imagens da Igreja como Povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito, tiveram a sua síntese na eclesiologia de comunhão. Os oito capítulos da *Lumen Gentium* foram comparados pelo Cardeal Martini com oito bem-aventuranças:

Bem-aventurada és tu, Igreja, porque mistério!

Bem-aventurada és tu, Igreja, porque povo de Deus!

Bem-aventurada és tu, Igreja, por tua

hierarquia!

Bem-aventurada és tu, Igreja, por teu laicato!

Bem-aventurada és tu, Igreja, por tua santidade!

Bem-aventurada és tu, Igreja, por teus religiosos e religiosas!

Bem-aventurada és tu, Igreja, por teu destino eterno!

Bem-aventurada és tu, Igreja, por tua mãe Maria!

A raiz de todas as bem-aventuranças é a primeira: a Igreja é mistério de comunhão. Radicada na Trindade, a Igreja é “ouvinte e servidora da Palavra” (Karl Rahner), “lugar no qual se encontram não só os enunciados da fé, mas a realidade que eles anunciam” (Henri De Lubac). O Cardeal J. Ratzinger em sua exposição sobre a compreensão da Igreja hoje, realizada no Rio de Janeiro em 1990, apresenta a Igreja como vocacionada para a comunhão e fala de uma eclesiologia de comunhão fundada na eucaristia. Há uma convergência para compreender a Igreja sempre em relação, o que trouxe conseqüências para a visão do presbítero. Da Igreja sociedade perfeita passou-se à compreensão da Igreja ícone da Trindade, mistério de comunhão.

É interessante observar também que o Papa Bento XVI na homilia do dia 08 de dezembro de 2005, comemorando os 40 anos do encerramento do Concílio Vaticano II, retomando um pensamento de Hans Urs von Balthasar e evocando os Papas João XXIII e Paulo VI, sublinha a dimen-

¹ Texto apresentado no XVI Encontro Arquidiocesano de Presbíteros e Diáconos em Cachoeira do Campo no dia 08 de março de 2006, dentro de painel comemorativo dos 100 anos de elevação da Igreja de Mariana a Arquidiocese.

são mariana da Igreja como orientadora do caminho do Vaticano II e chave teológica de sua correta leitura. Com efeito, a Virgem Maria foi apresentada no capítulo conclusivo da *Lumen Gentium* totalmente imersa no mistério do Cristo e da Igreja. Recordava o Papa Bento XVI o discurso de Paulo VI por ocasião da promulgação da *Lumen Gentium*, quando declarou Maria Santíssima Mãe da Igreja e seguiu-se a espontânea reação dos padres conciliares que repentinamente se levantaram de suas cadeiras e aplaudiram de pé. Explica o Papa Bento XVI que o novo título dado por Paulo VI e arraigado na Tradição iluminou a estrutura do ensinamento sobre a Igreja. Ou seja, toda a dimensão petrina, institucional da Igreja, deve ser compreendida no seio da dimensão mariana que é mais ampla e comporta a doce e forte ação do Espírito Santo que nos configura a Jesus Cristo para a glória do Pai.

O Pe. Vítor Galdino Feller em recente palestra no Encontro Nacional da OSIB, ocorrido em Atibaia, São Paulo, em janeiro de 2006, desenvolveu precisamente este argumento ao tratar da formação presbiteral à luz da eclesiologia do Vaticano II. Usando a lente de von Balthasar, o Pe. Galdino Feller fez uma leitura do perfil/princípio mariano da Igreja do Vaticano II e a formação presbiteral que me pareceu pertinente e fecunda. Cita von Balthasar refletindo sobre a *Lumen Gentium*:

“Não deveríamos em nossas reformas, manter o olhar fixo em Maria, não certamente para multiplicar festas, devoções ou até mesmo definições marianas, mas simplesmente para aprender a discernir o que é a Igreja, o que é, na realidade, o espírito eclesial e o verdadeiro comportamento eclesial? (...) Sem

a Mariologia, o cristianismo imperceptivelmente corre o risco de se tornar desumano. A Igreja se torna funcionalista, sem alma, uma empresa em contínuo movimento, sem repouso, tornada desconhecida por aqueles que a projetaram. E como neste mundo masculino tudo o que nós temos é uma ideologia que toma o lugar de outra, tudo se torna polêmico, crítico, amargo, sem humor, pesado – sobretudo pesado – e as pessoas e o povo fogem de uma Igreja assim”.

Podemos nos questionar se, por vezes, não exageramos na indispensável necessidade organizativa da Igreja (a dimensão petrina da organização pastoral) em detrimento da espiritualidade e da mística, próprias da dimensão mariana e, portanto, pneumática da Igreja. Que relação existe entre o perfil mariano e o perfil petrino-ministerial da Igreja? Como exercemos o “poder” que nos foi confiado? Uma compreensão mariana do ministério presbiteral nos leva a uma atitude humilde, comunitária e colegiada. Não se trata só de ser para os outros, mas de ser com os outros. Lembremo-nos de Santo Agostinho, citado inclusive na *Pastores Dabo Vobis* (PDV 20), adaptando-o à nossa condição: “Para vós sou bispo, convosco sou cristão. Aquele é o nome de um cargo assumido, este de graça; aquele é um nome de perigo, este um nome de salvação” (Sermo 340,1: PL 38,1483). Trata-se de ser irmão entre irmãos. As atitudes marianas de disponibilidade, serviço, seguimento, discipulação, devem ser cultivadas.

A Igreja do Vaticano II é entendida como mistério, comunhão e missão, o que confere à identidade presbiteral um caráter relacional: com a Trindade Santa, dentro da

comunhão presbiteral, para servir à Igreja Povo de Deus e atrair todo o mundo para o Cristo Salvador. A missão é de Jesus Cristo enviado pelo Pai e não nossa. Somos configurados ao Cristo Pastor na potência do Espírito para a missão. Na mensagem final do Sínodo de 1990 os bispos sintetizaram de forma muito feliz a identidade do sacerdócio ministerial, o que foi transcrito pelo Papa João Paulo II na *Pastores Dabo Vobis*: “A nossa identidade tem a sua fonte mais remota na caridade do Pai. Ao Filho, por ele enviado, Sumo Sacerdote e Bom Pastor, estamos unidos sacramentalmente com o sacerdócio ministerial por ação do Espírito Santo. A vida e o ministério do sacerdote são a continuação da vida e da ação do próprio Cristo. Esta é a nossa identidade, a nossa verdadeira dignidade, a fonte da nossa alegria, a certeza da nossa vida” (PDV 18).

O espírito do Vaticano II na compreensão da relação da Igreja com a história concreta da humanidade é expresso admiravelmente nas palavras introdutórias da *Gaudium et Spes*: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração” (GS 1). De forma coerente, discorrendo sobre os presbíteros no mundo, afirma o Decreto *Presbyterorum Ordinis*: “Os presbíteros assumidos dentre os homens e estabelecidos em favor dos homens em suas relações com Deus, para oferecerem dons e sacrifícios pelos pecados, vivem com os demais homens como com irmãos (...) Os Presbíteros do Novo Testamento, por vo-

cação e pela sua ordenação, de certo modo são segregados no seio do Povo de Deus, não porém para se separarem, seja do Povo seja de qualquer homem, mas para se consagrarem totalmente à obra para a qual o Senhor os assume. Não poderiam ser ministros de Cristo, se não fossem testemunhas e despenseiros de outra vida que não a terrena, mas nem sequer poderiam servir aos homens, caso se mantivessem alheios a sua existência e condições de vida” (PO 3). E mais adiante o mesmo Decreto *Presbyterorum Ordinis* em seu n° 3, retomando o Apóstolo Paulo, aponta para qualidades humanas, certamente sustentadas pela graça, que permitem ao presbítero cumprir a sua missão: “Para alcançar tal meta muito contribuem as qualidades que gozam de merecida estima na convivência humana, como sejam, a bondade de coração, a sinceridade, a coragem e constância, o cultivo vigilante da justiça, a delicadeza e outras que o Apóstolo Paulo recomenda quando diz: ‘Tudo o que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, honroso, tudo que pode haver de bom na virtude e no louvor humanos, eis o que haveis de pensar’ (Fl 4,8)”.

Assim vemos que o Vaticano II caminhou para uma imagem mais humana e, em certo sentido, menos sacral do presbítero. Paulo VI e João Paulo II são concordes em afirmar que o caminho da Igreja passa pelo homem. E Dom Hélder Câmara em conferência feita em Roma em 1965 e citada no texto da Comissão Nacional de Presbíteros, preparatório para o 11° Encontro Nacional de Presbíteros (2006), testemunha o espírito do Concílio que se respirava então: “Nós os Reverendíssimos, temos necessidade de uma reverendíssima reforma. Cumpre-nos chegar, ao menos: a configurar-nos, à luz do Vaticano II, e à

escuta do povo de Deus, ao perfil do sacerdote para este fim de século. Qual será o tipo de sacerdote que os católicos e os não católicos, os crentes e os descrentes, gostariam de conhecer e de encontrar? O mundo, sobretudo dos nossos dias, exige do sacerdote que ele seja autêntico, que ele seja sacerdote. Nada de virtudes sobrenaturais que não se baseiem em virtudes naturais: seja o sacerdote veraz, leal, reto. (...) O mundo não deseja sacerdotes que, preocupados com serem modernos, sejam fáceis, levianos, equívocos. O mundo tem necessidade de sacerdotes que, com a graça divina, cheguem a ser santos, mas de uma santidade tanto mais verdadeira quanto mais amável, mais aberta, mais simples. O mundo deseja sacerdotes que nos apresentem Deus como Ele é: largo, grande, bom, e que em vez de ter medo de ser superado pelo homem, como o melhor dos pais alegra-se com as vitórias e as conquistas de seu filho pródigo, o homem”. Como se pode constatar, tudo dentro do melhor espírito do Beato Papa João XXIII, que não queria condenações, mas falar ao homem de seu tempo e de Paulo VI, o homem do diálogo, da Encíclica *Ecclesiam Suam* (1964).

Podemos pensar o ministério presbiteral em termos de estrutura e em termos de figura, para tomar de empréstimo a linguagem do teólogo Bernard Sesboüé, SJ. A estrutura é permanente e tem a sua origem em Jesus Cristo. A figura é sempre provisória e depende de situações históricas. Com o Concílio Vaticano II, deixava-se a figura do padre tridentino, restritamente vinculado aos sacramentos, fruto do contexto polêmico da reforma protestante, para a figura do padre, que, sem perder a sua fundamental vinculação aos sacramentos (PO 5), se torna, sobretudo, o pastor-animador

da comunidade.

A espiritualidade do presbítero a partir do Vaticano II é caracterizada pela caridade pastoral que, na radicalidade evangélica do seguimento e configuração a Jesus Cristo Cabeça e Pastor da Igreja, leva o presbítero à caridade obediente, casta e pobre (PDV 27-30). A caridade pastoral se alimenta especialmente da eucaristia (PO 14) e impele o presbitério ao zelo apostólico. Mais do que aquilo que é feito pelo presbítero, o que caracteriza a caridade pastoral é o “dom total de si mesmo à Igreja, à imagem e com o sentido de partilha do dom de Cristo” (PDV 23). Assim a caridade pastoral define mais o sentido do ministério ordenado do que a descrição do que compete ao presbítero em termos de tarefas. Estas últimas podem estar mais ligadas às figuras históricas, pertinentes, mas passageiras, enquanto a caridade pastoral remonta à missão do próprio Cristo celebrada na eucaristia como sacramento de sua auto-doação salvífica. A caridade pastoral diz respeito ao espírito que deve perpassar o ministério ordenado. Podemos dizer que se trata de um espírito mariano para retomarmos a reflexão anterior. O Concílio Vaticano II, livre do contexto polêmico de Trento, pode tratar da estrutura do ministério ordenado sem restringi-lo à sua figura histórica.

Mas, atenção, as figuras do ministério não são desprezíveis, são concretizações históricas necessárias da estrutura do ministério ordenado. O Vaticano II chamou a nossa atenção para os “sinais dos tempos”, para a situação do homem concreto, sobretudo dos pobres e sofredores como lembrávamos acima. A Igreja na América Latina, especialmente com Medellín e Puebla, procurou atualizar para o nosso con-

texto e com uma mensagem profética de significado universal as exigências da evangelização a partir do Vaticano II.

Sabemos que o ministério ordenado enfrentou momento difícil no período pós-conciliar. Certamente havia já antes uma crise latente. Da crise patente também se podem fazer classificações. Passou-se do problema da identidade do presbítero para o da qualidade de vida dos presbíteros e os problemas relacionados ao processo formativo. Muito se discutiu, estudos foram e são feitos, documentos foram produzidos. Ou seja, a crise foi e tem sido produtiva. Os Encontros Nacionais de Presbíteros, que começaram vinte anos depois do Concílio Vaticano II, registram em suas temáticas e discussões a trajetória do ministério presbiteral no Brasil nos últimos anos. O texto da Comissão Nacional de Presbíteros (CNP), preparatório para o 11º Encontro Nacional (2006), traz uma boa resenha dos encontros anteriores com os respectivos temas tratados. O tema atual é “Missionariedade e Profetismo do Presbítero, na Igreja e no Mundo, à luz do Concílio Vaticano II”. Dele falaremos para concluir, mas com o olhar voltado para a nossa Igreja Particular de Mariana.

Celebramos os 100 anos como “Arquidiocese”. Primaz de Minas, entre as seis primeiras do país, com uma bela história ainda há pouco evocada pelo Monsenhor Flávio Carneiro Rodrigues, Mariana recebeu a distinção como reconhecimento pelo seu frutuoso passado. Fazer memória desse passado é reconhecermos-nos devedores dele e comprometidos com o seu legado. Um dos traços característicos da visão do presbítero a partir do Vaticano II é o forte sentido de pertença à Igreja Particular (PDV 31). A eclesiologia de comunhão

do Vaticano II encarece o valor da Igreja Particular não apenas do ponto de vista organizacional-disciplinar, mas como espaço espiritual-pastoral que imprime fisionomia vocacional ao presbítero. A Igreja Particular deve estar atenta ao que lhe diz o Espírito, deve ser fiel ao Evangelho, ter a Eucaristia como o seu centro vital, deve viver a comunhão sob a presidência do Bispo diocesano e estar adequada ao seu espaço sócio-cultural específico. Ouvimos há pouco o Pe. Marcelo Moreira Santiago falar de nossa organização e desafios pastorais, tão bem retratados em nossas assembleias pastorais e encontros de presbíteros e diáconos. Quantas iniciativas e realizações de grande alcance evangelizador aconteceram nestes cem anos da Arquidiocese de Mariana e, particularmente, neste fecundo pastoreio de Dom Luciano Mendes de Almeida? Como não reconhecê-lo?

Mas a celebração dos cem anos da Igreja de Mariana como Arquidiocese, além da gratidão e louvor que devemos a Deus, do justo reconhecimento aos que nos precederam, deve nos levar a olhar para o futuro e avaliar a nossa conduta na linha da missionariedade e do profetismo à luz do Vaticano II. Aqui não há lugar para “estrelismos” e “voluntarismos”, a tarefa é comunitária, colegial e de discernimento espiritual. Devemos usar os instrumentos de que dispomos em nossa Igreja Particular com um espírito renovado, profético e missionário, em comunhão e guiados pelo nosso Bispo que tem o mandato missionário e profético maior, próprio, não delegado, recebido de Deus através da plenitude do Sacramento da Ordem, como evidenciou a teologia do Vaticano II.

Assim, colocamo-nos em atitude de escuta, abertura e disponibilidade, dentro do

espírito mariano mencionado. O que diz o Espírito à nossa Igreja Particular de Mariana a partir da trajetória percorrida, do conhecimento da realidade que temos, dos sofrimentos do nosso povo? Quais são os desafios atuais? Como está a nossa fidelidade à Palavra de Deus na catequese em seus diversos níveis, nos grupos de reflexão ou círculos bíblicos, nas comunidades eclesiais de base, nas paróquias, pastorais, movimentos e associações? Qual o lugar da eucaristia em nossa vida pessoal e na vida de nossas comunidades? Que vivência temos da Liturgia da Igreja? Como vivemos a comunhão eclesial com o bispo, o presbitério, os diáconos, os religiosos e as religiosas, os leigos? Como funcionam os nossos conselhos e assembleias nos diversos níveis? Assumimos um planejamento pastoral comum, decidido nas instâncias deliberativas que possuímos? Que sensibilidade temos para a realidade sócio-cultural e eclesial da nossa Arquidiocese de Mariana? Conhecemos a nossa história, valorizamos as tradições e a religiosidade popular, naturalmente com as purificações exigidas pelo evangelho? Quais são as alegrias e esperanças, tristezas e angústias de nosso povo, sobretudo dos mais sofredores e pobres? Que posicionamentos somos chamados a assumir diante das exigências da justiça e da caridade? Exercemos o nosso ministério presbiteral de forma colegiada e configurados ao Cristo Pastor?

O nosso profetismo está diretamente ligado ao anúncio corajoso da Palavra de Deus. Temos que nos sentir profundamente interpelados e comprometidos com esta Palavra. Anunciamos a Palavra de Deus com paixão, deixando-nos também transformar por ela? Os nossos diáconos exercem o seu ministério na linha do serviço,

configurando-se ao Cristo Servo, que não veio para ser servido, mas para servir? Na linha do profetismo do Concílio Vaticano II, que restaurou o diaconato permanente (LG 29), não deveríamos buscar uma figura de ministério diaconal que priorizasse o serviço da caridade, ao invés de uma função pastoral, muitas vezes substitutiva do ministério presbiteral? A função do diácono não é de pastoreio, mas de serviço. Não seria mais profético e coerente com o espírito do Vaticano II, os diáconos, vinculados ao bispo e em comunhão com os presbíteros, exercendo um serviço particular na ordem da Caridade e servindo também, mas em segundo plano, no âmbito da Liturgia e do anúncio da Palavra? E a nossa relação com os leigos? Respeitamos a vocação laical e fomentamos o protagonismo dos leigos na evangelização e na sociedade? Incentivamos os leigos a assumirem o seu papel na vida política, social e cultural, ou os deixamos restritos às tarefas intra-eclesiais?

A pertença à Igreja Particular não reduz o horizonte da nossa missão, pois participamos da missão universal confiada por Cristo aos apóstolos (PO 10; PDV 32). Na perspectiva da eclesiologia de comunhão, devemos ter solicitude por todas as Igrejas e por todo o mundo, de acordo com o mandato missionário do Senhor (Mt 28, 16-20; Mc 16, 15-16; Lc 24, 45-48; Jo 20, 21-23; At 1, 8). Devemos nos interrogar como Arquidiocese de Mariana tão agraciada por Deus: temos realmente dado a nossa generosa contribuição missionária às Igrejas mais necessitadas, para além dos casos conhecidos de irmãos corajosos que admiramos?

Colocarmo-nos seriamente todas estas questões e outras que podemos formular é

situarmo-nos na perspectiva profética e missionária da Igreja do Vaticano II e de sua visão do presbítero. É colocarmo-nos numa espiritualidade de comunhão. A identidade e a realização do presbítero não podem ser pensadas fora da comunhão. O presbítero será feliz e realizado de acordo com a sua relação com a Trindade Santa, com o presbitério e com a comunidade a que deve servir. Sendo não só “para os outros”, mas “com os outros”, será feliz na comunhão, nas dores e ale-

grias da comunidade eclesial, associado ao mistério pascal de Jesus Cristo.

Certamente a missão é maior do que as nossas forças. Peçamos a Maria, Mãe de Deus e da Igreja, que nos sustente com a sua oração e exemplo para assumirmos a sua atitude profética e missionária de comunhão, expressa no *Magnificat*, que queremos entoar ao Deus Trino como gratidão e compromisso ao celebrarmos os cem anos da Arquidiocese de Mariana.

Referências Bibliográficas

BENTO XVI, *Homilia no 40º Aniversário do Encerramento do Concílio Vaticano II e Solenidade da Imaculada Conceição*, Roma, 2005.

COMISSÃO NACIONAL DE PRESBÍTEROS, *Missionariedade e Profetismo do Presbítero, na Igreja e no Mundo, à luz do Concílio Vaticano II*, Texto preparatório para o 11º Encontro Nacional de Presbíteros, Brasília, CNBB, 2005.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Petrópolis, Vozes, 1968.

FELLER, V.G., *A Formação Presbiteral à luz da Eclesiologia do Vaticano II*, OSIB, 2006 (mimeo).

FORTE, B., *A Igreja Ícone da Trindade*, São Paulo, Loyola, 1987.

JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Pastores Dabo Vobis*, São Paulo, Paulinas, 1992.

MARTINI, C. M., *A Igreja: Meditações sobre o Concílio Vaticano II para os Leigos dos Conselhos Pastorais*, São Paulo, Loyola, 1987.

RATZINGER, J., *Compreender a Igreja Hoje*, Petrópolis, Vozes, 2005.

SESBOÛÉ, B., *Não tenham medo – Os ministérios na Igreja de hoje*, São Paulo, Paulus, 1998.



ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS
DOS SEMINÁRIOS DE MARIANA

Informativo



ANO IX - JUNHO DE 2008

Palavra do Presidente

Prezado aexano,

Este é o terceiro número da nossa revista *Gens Seminarii*.

Como você pode ver, estamos conseguindo dar continuidade ao projeto de unificação das notícias dos Seminários, da AEXAM, do GS 58 e agora também da Cúria de Mariana.

A sua impressão e encaminhamento foram feitos pela Gráfica Dom Viçoso, em Mariana, atendendo a razões estratégicas e financeiras. É importante ressaltar a prestativa e interessada participação do seu diretor, Cônego João Ribeiro, e o dedicado empenho do seu gerente, Jair Duarte Ferreira, ambos aexanos como nós.

Neste número a parte da AEXAM adquire uma conotação mais administrativa, burocrática e legal. Há de se prestarem contas das sempre generosas e providenciais contribuições que são feitas pelos associados. Assim, você poderá acompanhar a sua utilização através das Prestações de Contas devidamente verificadas pelo Conselho Fiscal.

Na seção “Canteiro” alguns colegas desfilam seus dotes literários, inventivos ou



narrativos, carregados de uma emoção contagiante.

Pois é, aproxima-se o nosso XVII Encontro Anual em Mariana que, acreditamos, terá uma presença espetacular dos aexanos. Será nos dias 12 e 13 de julho próximo e você certamente fará parte deste evento.

Programe-se, reservando acomodação no Seminário Maior ou em algum hotel/pousada da cidade, tal como forem o seu interesse e conveniência.

Desejo que você tenha uma agradável leitura e boas lembranças.

Um grande abraço,

Helvécio Antônio da Trindade
Presidente da AEXAM



Convite

*Temos muito prazer em convidá-lo para o nosso
XVII Encontro Anual em Mariana, nos dias
12 e 13 de julho de 2008.*

*A sua presença vai fazer a diferença para seus amigos e
antigos colegas de Seminários, numa confraternização
muito agradável, descontraída, alegre e proveitosa.*

Sua esposa e filhos serão muito bem-vindos.

*Estamos organizando este Encontro Anual com muito
carinho para que você tenha o prazer de ter comparecido
e queira voltar no próximo ano.*

*Programe-se, convide algum ex-colega com quem tenha
contato, faça dessa ida a Mariana uma oportunidade de
rever pessoas, coisas e lugares que, de alguma maneira,
fizeram e fazem parte da sua vida.*

*Vamos encher os corredores dos Seminários de vozerio e
muita alegria!*

Esperamos você lá de coração aberto.

*Diretoria da Aexam
Biênio 2006- 2008*

Convite do anfitrião

Prezados Ex-Alunos dos Seminários de Mariana, Paz e Bem!

O Seminário São José da Arquidiocese de Mariana os aguarda com alegria para o encontro anual da AEXAM que acontecerá nos próximos dias 12 e 13 de julho no Instituto de Teologia, conforme a boa tradição já firmada. Esse encontro possibilita a confraternização, a reflexão e a troca de idéias, momento de oração e gratuidade, o cultivo da memória agradecida, a abertura serena para o futuro através do compromisso renovado com a vivência cristã. A alegria do convívio, marca registrada dos encontros anteriores,



depende da adesão e boa disposição de cada um. O encontro anual e a AEXAM poderão ser mais enriquecidos com a criatividade e propostas dos participantes a partir do horizonte comum que nos irmana: a fé cristã e o imperativo missionário do anúncio e testemunho da pessoa de Jesus Cristo e dos valores do Evangelho em nossas famílias, comunidades e sociedade.

Bem-vindos membros da família dos Seminários de Mariana!

*Pe. Lauro Sérgio Versiani Barbosa
Reitor do Seminário São José*



Programação do Encontro Anual

12 e 13 de julho de 2008

Seminários Menor e Maior de Mariana



Dia 12 de julho – sábado:

- **às 10h00** – Saída do ônibus de Belo Horizonte para Mariana
- **até 12h00** – Chegada dos aexanos, familiares e convidados ao Seminário Maior
 - lanche de boas-vindas
 - identificação dos participantes do Encontro
 - entrega das contribuições para o Memorial Físico
 - acomodação para quem for ficar no Seminário Maior
- **às 12h30** – Almoço no refeitório do Seminário Maior
- **às 14h00** – Início do Encontro no antigo Seminário Menor com visita rápida às instalações
- **às 14h30** – Abertura na Capela do Seminário Menor
- **às 15h00** – Visita guiada ao antigo Palácio dos Bispos
- **às 15h30** – Reunião de congratamento dos aexanos no auditório do ICHS com destaque para:
 - Assembléias Gerais Ordinária e Extraordinária (30 minutos)
 - “Ganhando com as perdas”
 - Dr. Ewaldo A. D’Assunção

- “Causos de uma viagem” – Marco Túlio Vieira Torres

- **às 19h00** – Encerramento da reunião
- **até 20h30** – Intervalo
- **às 20h30** – Jantar festivo

Dia 13 de julho – domingo:

- **até 9h00** – Café da manhã no refeitório do Seminário Maior
- **às 9h30** – Concentração em frente à catedral para a entrada dos aexanos
- **às 10h00** – Missa solene celebrada pelo arcebispo Dom Geraldo Lyrio e concelebrada por bispos e sacerdotes, com canto gregoriano e o som do órgão da catedral
- **às 11h30** – Caminhada em grupo até o Seminário Maior
- **às 12h00** – Foto tradicional na escadaria
- **às 12h30** – Almoço de encerramento do Encontro
- **às 14h30** – Volta pra casa a tempo de assistir ao clássico Atlético x Cruzeiro.

Palestrantes do Encontro

Evaldo A. D'Assumpção nasceu em Campo Belo-MG, no dia 15 de março de 1938. Formou-se em medicina pela UFMG no dia 8 de dezembro de 1963, passando a dedicar-se à cirurgia plástica. Em 1967 foi para Houston, Texas (EUA) onde fez estágio nesta especialidade, na Cronin and Brauer Clinic. Retornando ao Brasil, foi convidado a criar, organizar e depois chefiar a Clínica de Cirurgia Plástica e Queimados do Hospital de Pronto Socorro de Belo Horizonte, que mais tarde se transferiu para o Hospital João XXIII. Foi também um dos fundadores do primeiro Hospital de Cirurgia Plástica de Belo Horizonte, tendo formado dezenas de cirurgiões plásticos brasileiros e sul-americanos. Foi presidente da regional mineira da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, assumindo diversos cargos na SBCP-Nacional, inclusive o de Editor, durante quatro anos, da Revista Brasileira de Cirurgia Plástica. Participou de inúmeros congressos nacionais e internacionais da especialidade e publicou mais de uma centena de trabalhos científicos. Em 2007 foi promovido a Membro Emérito da SBCP e teve o seu nome dado ao prêmio concedido anualmente por esta sociedade ao melhor trabalho de pesquisa apresentado em seus congressos.

Autor de diversos livros e artigos em jornais e revistas leigas, tornou-se membro da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, da qual foi, por duas vezes, seu presidente. Em 1981 tomou posse como Membro Titular da Academia Mineira de Medicina, da qual é o seu presidente no triênio 2006/2008. Foi agraciado com a Palma Acadêmica, maior distinção da Academia a seus membros.

Em 1982 foi convidado a ser professor de ética profissional da PUC-MG, sendo posteriormente nomeado por concurso.

Em 1978 começou sua formação em Tanatologia, tornando-se o pioneiro desta ciência no Brasil. Publicou diversos livros



sobre este tema, além de inúmeros artigos em revistas médicas e leigas, e jornais. Em 1991 fundou e presidiu a Associação Brasileira de Tanatologia, que alguns anos depois veio a se dissolver. Em 1998 fundou o Departamento de Tanatologia da Associação Médica de Minas Gerais, que se transformou na Sociedade de Tanatologia de Minas Gerais, da qual foi duas vezes presidente. Nos anos de 1999 a 2001 organizou e coordenou o Curso de Extensão Universitária em Tanatologia, da Faculdade de Ciências Médica de MG.

Hoje dedica a maior parte do seu tempo ao que denomina Biotanatologia, proporcionando em seu consultório, no Núcleo Fênix, suporte psicológico a pessoas enlutadas e a enfermos graves e seus familiares.

Ligado à Igreja Católica, durante o regime militar no país foi vice-presidente da Comissão de Direitos Humanos da Arquidiocese de BH. Foi presidente do Movimento de Cursilhos de Cristandade e hoje coordena a Pastoral do Luto na Paróquia de Santo Inácio de Loyola, na capital mineira. Em 2008 foi empossado como um dos Coordenadores do recém-criado Conselho Arquidiocesano Pró-Vida, ligado à Bioética e à defesa da vida.

Participa do grupo permanente do programa Em Diálogo da TV Horizonte, que pertence à Arquidiocese de BH.

► **Marco Túlio Vieira Torres**, para muitos Tulinho, nasceu na cidade de Rio Casca no dia 08 de setembro de 1952. Mas lá não ficou muito tempo. Menino ainda, mudou-se com seus pais Gesner



Gabriel Torres, coletor estadual, e Maria Mazarelo Vieira Torres, professora primária, para a vizinha Santo Antônio do Grama. Foi lá que começou os seus estudos no Grupo Escolar, onde terminou o primário. Nesse período, aos oito anos, ficou órfão de mãe, falecida no parto de sua 6ª. irmã. Em 1964 foi encaminhado pelo Padre Russo para o Seminário Menor de Mariana, onde fez a admissão, ou melhor, o CP, e completou o 4º ano. Em 1968 deixou o seminário para fazer uma experiência no mundo, conhecer o outro lado, tal como ele mesmo diz. Em Belo Horizonte, aprovado no vestibular de Física, iniciou o curso em março de 1972, quando começou a dar aulas, inicialmente de matemática e depois de física. Fez isto durante 35 anos o que foi determinante na sua vida. Em 1979 casou-se com Valéria de Abreu e Silva e juntos até hoje cuidam dos filhos João e Nina.

Em 1990, através de concurso público, ingressou no Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais onde trabalha.

Tem a saudável mania de ir diariamente ao Mercado Central de Belo Horizonte e o conceito ecológico de não dirigir (nem se preocupou em aprender) para não poluir e complicar o trânsito.

Dotado de um agradável senso de humor, às vezes presenteia os ouvintes com expressões e casos muito engraçados.

Os destinos de suas viagens não são os convencionais. Uma vez visitou durante alguns dias uma tribo indígena e, no mês passado, embrenhou-se na floresta amazônica, navegou nos rios da região e quase montou no lombo de búfalo na Ilha de Marajó.

E estas e outras coisas ele vai nos contar no nosso Encontro.

AEXAM

EXPEDIENTE

AEXAM - Associação dos Ex-Alunos dos Seminários de Mariana

Sede: Rua Cônego Amando, 57 - Seminário São José - Mariana/MG com Escritório Administrativo à Avenida Prudente de Moraes, 290 - sala 1101 - Cidade Jardim - 30.380-000 - Belo Horizonte/MG - (31) 3296-7985

site: www.aexam-mg.org.br

e-mail: aexam@aexam-mg.org.br

DIRETORIA

Presidente: Helvécio Antônio da Trindade
Belo Horizonte – 1958/63

Vice-Presidente: José Amilar da Silveira
Ipatinga – 1956/60

1º. Secretário: Vicente Geraldo Gonçalves
Belo Horizonte – 1952/58

2º. Secretário: Antônio Idalino de Araújo
Timóteo – 1958/61

1º. Tesoureiro: Marco Túlio Vieira Torres
Belo Horizonte – 1964/68

2º. Tesoureiro: Márcio Adelmo Guimarães
Carandaí – 1979/81

Diretor Social: Olavo de Oliveira Camelo
Mariana e BH – 1960/64

CONSELHO FISCAL

Conselheiro: Emanuel Paulo Rocha
Ipatinga – 1957/66

Conselheiro: Raymundo Lopes Rodrigues
Rio de Janeiro – 1953/58

Conselheiro: José Maria Cunha
Santo André/SP – 1957/62

Suplente: José Geraldo Ribeiro
Ipatinga – 1959/64

Suplente: Afonso Mariano Lopes
Belo Horizonte – 1959/65

Suplente: João Batista Lima
Belo Horizonte – 1957/66

ASSESSORES

De Imprensa: Monsenhor Raul Motta de Oliveira
Caratinga – 1948/58

Especial: Paulo Roberto Magalhães
Vitória – 1958/66

Especial: José Ferrer Carvalho
Belo Horizonte – 1963/65

COLABORADORES

Adair Eustáquio Moreira, Geraldo Eustáquio Ferreira, Sebastião de Sousa Burgareli, Maria Esther Lacerda e Celso Cota Neto.

Informações sobre o Encontro

1ª - Alimentação e hospedagem:

Acreditamos que, tal como no ano passado, alguns aexanos, sensibilizados com o projeto de se levar a Mariana um número ainda maior de ex-alunos dos Seminários, poderão fazer uma contribuição financeira, tornando menos onerosa a estada de todos.

Essa generosa atitude possibilitará que toda a alimentação durante o encontro seja gratuita para o aexano e um(a) acompanhante. O acompanhante excedente pagará R\$ 10,00 (dez reais) por refeição.

O valor de R\$ 20,00 (vinte reais) por diária será o único ônus para aquele que se hospedar no Seminário Maior e que será repassado integralmente à sua direção.

Quem optar por essa hospedagem deve confirmá-la com boa antecedência. Se deixar para fazê-la lá, no dia do Encontro, pode correr o risco de não encontrar lugar.

Esta confirmação será feita com a Honorina, no Seminário Maior, pelo e-mail honorinacardosoreis@yahoo.com.br ou telefone (31) 35571140.

Importante: As acomodações são modestas, em quartos sem banheiro, e podem ser individuais ou para duas pessoas.

O hóspede deverá levar seus objetos de uso pessoal e roupas de cama e banho (exceto cobertor), pois o Seminário Maior não tem condições de disponibilizá-las em razão do Retiro dos Padres da Arquidiocese que acontecerá na semana anterior ao Encontro.

Deve lembrar-se de que em Mariana faz um frio cortante nessa época. Logo, agasalho pesado não pode faltar.

Outras opções de hospedagem:

Àqueles que preferirem instalar-se com mais conforto e privacidade informamos alguns estabelecimentos no centro de Mariana. Veja:

Pousada Solar dos Corrêa
Rua Josafá Macedo, 70 - (31) 35572080

Pousada Chafariz
Rua Cônego Rego, 149 - (31) -
35571942

Pousada da Chácara
Rua Amélia Alves, 81 - (31) 35572750

Hotel Providência
Rua Dom Silvério, 233 - (31) 35571444

Hotel Central
Rua Frei Durão, 8 - (31) 35571630

Pousada Passo do Carmo
Rua Mons. Horta, 13 - (31) 35581100

Hotel Muller
Av. Getúlio Vargas, 34 - (31) 35571188

Pouso da Typographia
Pça Dr. Gomes Freire, 220 - (31) 35582730

Pousada Contos de Minas
Rua Zizinha Camelo, 15 - (31)
35585400.

2ª - Traslado a Mariana: Novamente haverá um ônibus de 40 lugares para o traslado de ida-e-volta a Mariana, sem custo algum para o passageiro.

Esta generosa oferta é do mesmo aexano que a fez no ano passado.

Esse ônibus sairá do Terminal JK, à Rua Rio Grande do Sul nº 856 (próximo à Praça Raul Soares), em Belo Horizonte, pontualmente às 10 horas, para uma chegada espetacular ao Seminário Maior às 12 horas.

Este horário de saída possibilitará conexões para quem vier de outras cidades. É só adequar o horário de chegada ao Terminal JK.

Aqueles que aderirem a esse transporte deverão comunicar-se com o Walter Araújo de Freitas (Waltinho) pelos telefones (31) 34674994 – 88634994 ou pelo e-mail wfreitas@uai.com.br.

► É aconselhável fazê-lo rapidamente para garantir o seu lugar, pois a prioridade será para os 40 primeiros que se manifestarem, inclusive com um(a) acompanhante. Após o dia 05 de julho as vagas não preenchidas serão oferecidas aos convidados do nosso Encontro.

A volta a Belo Horizonte será no domingo, dia 13 de julho, às 14h30.

Observação: Acreditamos que o número de reservas será maior que a capacidade do ônibus. Haverá uma lista de espera em razão de alguma desistência. Aliás, quem confirmar antecipadamente e, por algum motivo não for utilizar a reserva, por favor, libere-a imediatamente para que outra pessoa possa ir seu lugar.

3ª - Presenças convidadas: Há exatos cinquenta anos 25 seminaristas terminaram

o Curso Teológico no Seminário Maior, quando se ordenaram padres, e comemoram o seu Jubileu Sacerdotal neste ano. É o Grupo Sacerdotal de 1958 – o GS 58 – que, aexanos todos, tanto nos honra e será homenageado durante o Encontro.

Foram também convidados alguns ex-alunos do seminário Eucarístico de Belo Horizonte, do Caraça e do Enfrades, contemporâneos nossos de estudos e rezas, ainda que em casas diferentes. Vamos recebê-los com o carinho e a atenção que merecem.

4ª - Programação: Pretendemos cumprir o cronograma da Programação do Encontro Anual apresentado nesta revista e para isto contamos com a colaboração dos participantes. Todas as providências para que ele seja muito agradável estão sendo tomadas.

ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA

À chegada dos participantes do Encontro haverá um espaço para fortes abraços, gostosas gargalhadas, degustação de queijos, vinho, cachacinha amiga e outros petiscos, com direito a sinuca e jogos de mesa.

Escolhemos o salão que fica atrás da recepção do Seminário Maior.

Como existem entre nós artistas do livro e da música, da pintura e da escultura, do artesanato e de outras habilidades, reservamos lá uma área chamada “feirinha”, onde os seus produtos poderão ser expostos e comercializados.

Se você é um artista, traga a sua obra. Quem sabe sai um negocinho!...

Memorial Físico da AEXAM

Ao lado da biblioteca do Seminário Maior, numa sala gentilmente cedida pelo reitor Padre Lauro Sérgio Versiani Barbosa, foi inaugurado no último Encontro Anual o Memorial Físico da AEXAM.

É um espaço onde objetos, livros e vestimentas usados ou utilizados pelos então seminaristas estão expostos à visitação. Há paramento de missa e outras vestimentas, um altar e seus objetos complementares, livros didáticos e de orações, fotografias e quadros.

Constituído por doações, o Memorial pretende manter vivas as “coisas” dos Seminários.

Recentemente o Monsenhor Flávio Carneiro doou quadros com fotos de todos os ex-reitores do antigo Seminário Menor. Já estão expostos e poderão ser vistos.

Se você tiver algum objeto, livro e fotografia que possam fazer parte do acervo, leve-os quando for ao Encontro. Essa colaboração vai tornar ainda mais valiosa, sentimentalmente, a exposição.

A TRADIÇÃO DOS SEMINÁRIOS

Celso Cota Neto

Prefeito Municipal de Mariana



Mariana foi a primeira capital e o primeiro bispado de Minas e as lideranças religiosas que, através dos tempos, estiveram à frente da Arquidiocese marianense, sempre participaram e se destacaram no debate e na busca de soluções para as grandes questões das Minas Gerais e do Brasil.

A tradição dos Seminários, da Cúria marianense e a trajetória dos sacerdotes formados em nossa cidade são tão importantes que se confundem com a própria história do crescimento do município e da consolidação dos valores e da cultura do povo de mineiro.

Criada em 1745 pelo papa Bento XIV a pedido do Rei de Portugal Dom João V, a circunscrição religiosa sob a responsabilidade desta Arquidiocese alcançava, durante os séculos XVIII e XIX, todo o território de Minas e, hoje, abrange 79 municípios com mais de um milhão e duzentos mil habitantes. Isto dá o elevado grau de importância desta Instituição, tanto no passado quanto no presente.

As relações da Igreja com os governos mudaram, mas a Cúria marianense mantém a sua importância como referência no pensamento e na discussão dos temas que afetam a vida da comunidade e na sua atuação em defesa dos mais pobres, na luta por justiça social e na sua missão de orientação dos fiéis para a prática da cidadania cristã com o fortalecimento de valores como a fraternidade e solidariedade.

A relevância dos Seminários e da Cúria marianenses continua tão significativa que os

nostros Arcebispos vêm acumulando a presidência da CNBB. É o caso do saudoso Dom Luciano Mendes de Almeida e do atual titular Dom Geraldo Lyrio Rocha. Além do mais, não só em Mariana, sede da Arquidiocese, mas no território arquidiocesano encontra-se o maior acervo histórico e artístico do Brasil com relevância para o barroco, perenizando gênios como Aleijadinho, Mestre Athaide, Vieira Servas, Mestre Piranga, Castro Lobo e Lobo Mesquita. Em geral esse patrimônio pertence ou está sob a guarda da Igreja.

Por tudo isso, o município de Mariana tem a consciência exata do seu dever de apoiar organizações como a AEXAM – Associação dos Ex-alunos dos Seminários de Mariana, constituída de cidadãos que tiveram a felicidade de haurir, na mais límpida fonte de cultura e educação, formação bastante para colocá-los a serviço da Igreja e da Pátria, vinculando-os inexoravelmente a Mariana.

A presença e a vitalidade do ensino religioso em Mariana influencia na qualidade da educação e traz visibilidade sempre positiva a nossa cidade. Todos nós marianenses nos orgulhamos e temos gratidão pela contribuição que os Seminários propiciam à nossa cidade e região.





A Gens Seminarii destina este espaço às manifestações literárias que, guardadas em gavetas ou na memória de um computador, estão à espera de um editor.

A arte e a cristividade de seus autores são aqui expostas para a satisfação de seus “milhares” de leitores.

Envie-nos os seus escritos – crônicas, contos, poemas, depoimentos, críticas etc. – para que possamos publicá-los nestas páginas, sempre à sua disposição!

Eis alguns:

O AMOR DE BEATRIZ

*Maria Esther Lacerda,
amiga de um aexano*



ELA colecionava conchas sem conhecer o mar. Ele jogava bilhar e não sonhava. Ela vestia camisolas de cetim. Ele bebia uísque puro. Ela fazia ioga, ele tomava analgésico pela manhã. Eles se amaram por uma eternidade, até que um dia ele virou anjo e fugiu do altar. Ela, persistente, continuou a amá-lo. Seu cheiro impregnado roubava-lhe beijos, entre o sono e delírios de saudade. Ele tatuou o amor no seu cotidiano e na alma.

José vive no corpo e nos olhos de Beatriz. Ela, por certo, guarda esse grande amor, entre beija-flores, a lua e o cheiro de jasmim. Quando tudo parece ficar escuro, quando a noite toma acento, ela corre pra janela e, com os olhos no céu, avista sua estrela. Acolhe o vento que vem da ladeira da praça, aproxima suave, traz em surdina cantos gregorianos e, ao lado da ausência, Beatriz decompõe sua lembrança.

Beatriz e José trocaram cartas e afetos,

amigos e recordações. Às vezes eram amigos de cuidar, de espiar também. Ele era solto, ela, comprometida. Eles eram dois – pra gente, um amor. Viajavam fazendas e deslizavam asfalto, juntando os pés num destino só. Era bonito o par, maduro e solto. Era também feito maracujá, doce e azedo. Aos domingos, iam ao cinema. Ele gostava de sorvete de pistache, ela preferia pastel frito com caldo de cana. Ele lhe dava flor, e ela, colo pra amar. Ele, distante, telefonava. Ela, com doçura, tecia remendos e curava seus arranhões. Um dia de fevereiro, José foi embora. Partiu de repente, numa rodovia de desencanto. Beatriz chorou. O tempo os ludibriou. Levou pro lado de lá, além do corpo, das mãos e dos beijos, seu amor.

Entre brisa de primavera, entre um ano e outro, ela tinha sempre o que guardar. Aguardava o tempo e, dentro de uma caixa de música, acolhia a espera.

Tudo era duplo: dois amores, duas casas, dois colchões, dois isso, dois aquilo, dois caminhos, dois pratos, duas toalhas, dois corpos – às vezes um só – anel solitário, silêncio, um lado da cama vazio, um lugar guardado, um chinelo, um encontro marcado – desencontro – dos sonhos, dos caminhos, dos amigos, das palavras, do par – um amor quase perfeito.

Meia-noite, meia-página, meia-lua. Metade da história, metade da vida, metade do tempo, metade da laranja, metade de dois – um só – amor inteiro. Tudo feito prosa em poesia de um

verso.

Nesse tempo sem par, ela espia a ladeira e reza na igreja do Rosário. Levanta cedo, compra pão e faz um só café.

Pela torre da igreja de Mariana o vento repassa feito passarinho, o tempo pendura no sino parado e triste como os olhos de Beatriz. Tudo desfeito, quando chove: a rosa, as pregas do vestido, não o amor de Beatriz.

Lacerda, Maria Esther, in Homem de Cama e Mesa ou Qualquer Amor, Ilustrações de Ana Viola, Coleção Palavra e Arte, Alegoria, 1ª Edição, 2007, p.107/108

CIPOTÂNEA OU CÉUPOTÂNEA

Adair Eustáchio Moreira

Estudou nos Seminários Menor e Maior de
1954 a 1966

É professor e dono de sítio em Cipotânea/MG



Qual pedra preciosa incrustada nas escarpas do Morro das Pedras, na confluência dos rios Espera, Brejaúba e Xopotó, situa-se a pequenina e simpática cidade mineira de Cipotânea.

Cipotânea foi fundada pelos bandeirantes em 07 de agosto de 1711, dia consagrado no calendário católico a São Caetano, também conhecido como o santo da Divina Providência. Por localizar-se às margens do Xopotó (rio do cipó amarelo), o arraial recebeu o nome de São Caetano do Xopotó. A região era conhecida também por Sipotaua, Xopotó, Xipotó ou Sipotana. Foi o 1º arraial do Vale do Xopotó, pertencente a Guarapiranga (hoje Piranga) e daí a primazia do nome. Mais tarde tornou-se distrito de Alto Rio Doce. Em 1938 mudou sua denominação para Cipotânea e em 1953 foi elevado à categoria de cidade.

Possui terras férteis, principalmente às margens dos três rios, ainda não poluídos. A população vive da pecuária e agricultura, com ênfase na produção de milho e feijão. Muitas vezes me embeveci mirando as águas

translúcidas e cristalinas do Xopotó e fazendo-lhe um clamoroso apelo com uma das mais belas músicas deste país: “Rio, caminho que anda, o mar te espera, não corras assim. Ah! Quantas pedras levaste, outras deixaste, sem vida e sem amor”. E as águas descem murmurantes e saudosas, pois o Xopotó anseia tornar-se caudaloso, chamar-se Piranga, depois receber o delicioso nome de Rio Doce, até lançar-se ansioso nas águas infindas do Atlântico.

O arraial de São Caetano do Xopotó tornou-se conhecido e tornou-se manchete dos jornais do Brasil inteiro no episódio conhecido como “Cristo nas Escolas”. No governo do presidente Venceslau Brás, o governo de Minas, por influência malsã da Maçonaria, baixou um decreto proibindo emblemas religiosos e mandando tirar a imagem de Cristo das salas de aula de todo o Estado. O arraial de Cipotânea foi o único a protestar em Minas Gerais. Mandou uma carta de protesto com 205 signatários, manifestando a sua repulsa ao vil ato e, em represália, entronizando solenemente

as imagens do Cristo crucificado nas duas salas de aula da localidade. O ímpio governo vingou-se: exonerou o professor Leandro Werneck e a professora Dona Alzira e fechou a escola. A população não se entregou. Abriu a escola em outro lugar e pagava para educar os filhos.

Cipotânea ficou conhecida como “Terra de Bispos e Padres” pela fecundidade de vocações sacerdotais e religiosas.

Lembrando o brado do evangelista ao falar do nascimento do Salvador, um eloqüente orador bradou, um dia, na Matriz de São Caetano: *“E tu, Cipotânea, pequenina entre as cidades de Minas Gerais, és um celeiro fecundo de vocações sacerdotais e religiosas.”*

De fato, uma paróquia de sete mil almas já forneceu ao apostolado clerical cinco bispos e mais de cinquenta padres, alguns vivos e outros já falecidos.

Os cinco bispos estão todos vivos e três deles com o sinete “AEXAM” como nós. São eles: D. José Nicomedes Grossi (AEXAM – 93 anos); D. Antônio Afonso Miranda (Sacramentino – 88 anos); D. José Heleno (AEXAM – 81 anos); D. Hélio Heleno (AEXAM – irmão de D. José Heleno – 73 anos) e D. Getúlio Teixeira Guimarães (Verbo Divino – 71 anos).

Para justificar ou explicar essa graça tão inédita, a maioria atribui ao fato do entranhado amor dos Cipotaneanos ao Santíssimo Sacramento da Eucaristia e à ardente veneração ao padroeiro São Caetano, o santo da Divina Providência.

Também na área civil, os cipotaneanos têm fama de estudiosos, inteligentes e eficientes. São muitos profissionais liberais, como professores, médicos, engenheiros, advogados, bioquímicos e outros que enaltecem o nome de sua terra e são figuras de destaque no meio intelectual de Minas e do Brasil.

Outra forma de divulgação do nome de Cipotânea é o artesanato com palha de milho. Conhecida como a “Terra do Milho”, os moradores incineravam a sua palha ou a distribuíam ao gado. Numa época em que as casas eram de sapé, sem aposentadoria na zona

rural e com uma agricultura primitiva, a fome grassava e os esmoladores mostravam os corpos raquíticos, as mãos cadavéricas e os olhos lacrimejantes e pedintes. A Providência Divina trouxe então da distante Caratinga um apóstolo autêntico - o santo Padre José Geraldo das Mercês. Alto, forte e esbelto, era ex-capelão da Santa Casa de Ouro Preto, fraco em administração e em oratória, mas forte em generosidade e desprendimento. Meu querido pai, ainda vigoroso, lúcido e de andar apressado, que em 05 de agosto completará cem anos de idade, foi auxiliar do Padre José Geraldo e também Juiz de Paz e primeiro prefeito eleito e empossado em Cipotânea. Ele conta que Padre Zé Geraldo não abria a carteira para dar esmola: entregava-a ao pobre para abri-la. Era um pobre servindo o outro. Consta que ele andava de ceroula por baixo da batina e, às vezes, dormia de sobrepeliz, porque dava as calças e as camisas, também ganhas, aos pobres mais necessitados.

Foi o santo Padre Zé Geraldo que em uma de suas enfadonhas homilias dominicais disse: - *“Tem muita gente pedindo esmola em Cipotânea. Ontem eu vi duas senhoras tecendo palha e fazendo cesta na Vila do Carmo. Façam o mesmo!”*

As mulheres xopotenses, aliadas à criatividade dos homens, trouxeram a dignidade humana ao município. Cestas, bolsas de feiras, maletas universitárias, cortinas, tapetes, abat-jours, porta-pães, porta-jóias, porta-revistas, cadeirinhas etc., saem diariamente da cidade.

Hoje mais de trinta oficinas montam as peças de eucalipto para serem cobertas de palhas pelas mãos habilidosas das artesãs. O índice de emprego disparou para cima, a renda familiar subiu, as casas de sapé deram lugar às casas de laje, iluminadas e cobertas com antenas parabólicas. Passageiros de ônibus, baús e outros veículos levam a sua arte, deixando o dinheiro que proporciona saúde e dignidade humana. Hoje o artesanato em palha já transpôs o Atlântico e é vendido na Alemanha, França e Itália. Tem ótima aceitação

pela qualidade e por não ser poluente, pois, mesmo depois de longo uso, ele é incinerado sem poluir e se transformar em adubo orgânico.

Idéia santa de um santo, Padre Zé Geraldo das Mercês!

Cipotânea tem duas festas anuais de grande repercussão: A “Festa do Milho e do Artesanato”, na segunda semana de julho, e a apoteótica “Festa do Padroeiro São Caetano” no dia 07 de agosto.

Graças a Deus e a seus filhos xopotoenses ou não xopotoenses a vida em Cipotânea segue seu curso normal e agradável, como as águas cristalinas dos três rios, Espera, Brejaúba e Xopotó.

Uma noite destas, mirando a lua imponente do alpendre da minha casa, ouvi em alto e bom som o grito alegre de um transeunte: “*Cipotânea, terra dos meus encantos: muita fé por todo o lado e paz por todos os cantos!*”.

O cipotaneano não é baírrista, mas tem um amor extremado e entranhado à sua querida “Terrinha”.

Há algum tempo, em uma das festas concorridas da cidade, eu me emocionei muito, depois de sessenta e cinco anos de idade, ao ver alguns carros chegando à cidade com um pequeno decalque. Nele um céu azul e estrelado, enfeitado pela lua e galáxias e, em baixo, um único dizer: CÉUPOTÂNEA.

Ainda não consegui localizar o feliz autor dessa façanha para cumprimentá-lo pela feliz criatividade e abraçá-lo fortemente, dizendo-lhe este refrão: “*Quem ama meus filhos, adoça a minha boca; quem ama minha terra, enaltece meu coração.*”

Talvez esse conterrâneo criativo, tenha, como eu, cantado a plenos pulmões o Hino de Cipotânea, antes tão cantado e respeitado nas festas e nas Escolas, hoje engavetado e escondido em livros carcomidos de traças ou em partituras musicais amareladas e esquecidas. O hino de Cipotânea, diz, em seu começo: “*Cipotânea, ó Terra Querida, Eu não sei a que te comparar: Se à bela harmonia dos Astros Ou se às ondas revoltas do mar!*”

Conterrâneo amigo, agora fica uma dúvida: chamamos nossa querida e pequenina terra de Cipotânea ou Céupotânea? Proponho uma conciliação, sem escarcéu: No mapa será sempre Cipotânea, mas em nosso coração xopotoense será Céupotânea, pois “*aqui é o lugar onde a terra encontra o céu!*”

Conterrâneo presente, valorizemos nossa terra! Conterrâneo ausente, incentivemos os encontros dos Cipotaneanos Ausentes!

Quanto a mim, só tenho a requerer: “*- Aqui eu nasci, aqui quero morrer.*”

Você que não conhece nossa Cipotânea, dê-nos a honra de sua presença.

De coisas materiais não temos muito a oferecer: os hotéis são sem estrelas, a estrada ainda não é asfaltada e não há o conforto moderno, mas temos o aconchego do mineiro, as montanhas lindas a saudá-lo dizendo “uai”, águas cristalinas batendo palmas à sua chegada e muito calor humano e hospitaleiro.

“*Se vens à nossa terra com Deus no coração, senta-te à nossa mesa e come do nosso pão.*”

Aqui também você receberá o abraço redentor do “Cristo das Escolas” e a proteção carinhosa de São Caetano, o Santo da Divina Providência.

Bem-vindo à terra da Fé, das Vocações, do Artesanato e do calor Humano!

Queremos vê-lo e abraçá-lo em CIPOTÂNEA OU CÉUPOTÂNEA!

Ateliê RESTAUR'ARTE

“A arte de restaurar”

**Restauração e pintura de
peças de gesso**

*Imagens sacras, vasos, colunas
e enfeites em geral*

TEL: (31)38721267 - (31)91415874
(31)84642340

Rua Adalberto Leão, 29 – Centro
Abre Campo - MG

Falar com os restauradores
Fabiano e Jaqueline

jaquelinervieira@gmail.com

BANDA SANTA CECÍLIA

Geraldo Eustáquio Ferreira (Dadinho)

Estudou nos Seminários Menor e Maior de 1958 a 1966
É professor aposentado e responsável pelo Elo Litúrgico
da Diocese de Itabira e Coronel Fabriciano.
Faz Pesquisa Histórica em João Monlevade onde reside.



A Banda Santa Cecília sempre foi uma das mais belas tradições do antigo Seminário de Mariana e representa uma das mais queridas lembranças de minha adolescência. Sua sala de ensaios, situada logo ali, perto do Salão de Estudos dos Menores, ao lado da não menos famosa Malaria/Boticaria, sempre se enchia de sons logo após o almoço, horário previsto para os ensaios. Como este horário era costumeiramente também o tempo reservado para o “ranca” – atividade de que eu, decididamente, não gostava – ficava por ali, de olhos compridos nos colegas que ensaiavam sob o comando do Padre Otacílio. Mas ninguém me convidava.

Na verdade, no início daquele 1958, que marcara minha entrada para o Seminário, a Banda amargava um recesso obrigatório, pois, além de faltarem instrumentos, os poucos existentes estavam estragados. Padre Otacílio, que integrara como trombonista a corporação nos tempos de seminarista menor, agora sacerdote recém-ordenado, fora designado para trabalhar no Seminário, com a incumbência de recuperar a Banda Santa Cecília. Vivíamos, então, na comunidade, uma campanha com vistas à aquisição de novos instrumentos e recuperação dos estragados. Lembro-me ter participado da campanha, escrevendo carta para a senhora Marianne Meyers, esposa do gerente da Belgo Mineira, solicitando recursos, e dela obtendo polpuda contribuição.

Muito tímido, enchi-me de coragem e pedi para participar – talvez porque me julgasse com mais direito depois de minha bem sucedida

empreitada junto à Usina de minha cidade. Via, embevecido, o Newton e o Amilar tirando sons marciais de seus trombones, e decidi que iria tocar trombone. Padre Otacílio - sei lá por que cargas d’água – mirou-me nos olhos e disse, incisivo: “- *Trombone, não! Você tem cara é de pistonista! Vai tocar é piston!*”

Mesmo não sendo o instrumento que queria, fiquei feliz e logo me posicionei ao lado dos outros pistonistas: Dimas Ribeiro, João Batista Cunha e Ubiratan Neves. E foi assim que iniciei um belo aprendizado musical que se estendeu aos tempos de regente de Canto Gregoriano e trompetista da Orquestra do Seminário Maior, desembocando, tempos depois, no Coral Monlevade, de minha cidade, que integrei por muitos anos.

Resgatando ainda essas vivências musicais que embalaram minha adolescência e vêm projetando suas luzes sobre toda a minha vida, recordo com alegria a estréia na Banda Santa Cecília, alguns meses e muitos ensaios depois que o Padre Otacílio decidiu que eu seria pistonista: a festa de reinauguração da Banda. Foi por ocasião da Festa do Reitor. Padre Ézio, exímio musicista, havia composto a “Marcha da Restauração” que marcou o reinício das atividades da Banda. A marcha foi executada em partes: cada parte ilustrava trecho de um relato, feito pelo Padre Álvaro, contando a história da recuperação da banda. Terminado o relato, em magnífico “da capo”, executamos integralmente a peça.

Não obstante a alta rotatividade de seu elenco, a Banda sempre abrilhantou com ▶

qualidade e competência as festas do Seminário, executando dobrados e peças famosas como a “Cruz de Honra”. No entanto, aquele grupo que a integrou, à época da restauração, marcou época e deixou saudade.

Vamos tentar registrar, em memorialístico “da capo”, os nomes de seus integrantes, explícitos e implícitos na fotografia que ilustra esta matéria.



Clarinete: João Batista Lima, Hélio Petrus Viana, Francisco Nunes, Vicente Roque Dutra, Venício Gonçalves, Márcio Baeta, e Messias Heleno; **Trombone:** José Newton Garcia de Araújo, Jonil Luís de Souza e José Amilar da Silveira; **Piston:** João Batista Cunha (enc.), Geraldo Eustáquio Ferreira, Ubiratan Neves Ataíde e Dimas José Ribeiro; **Trompa:** Héilton Dias de Oliveira; **Sax :** José Raimundo Nunes, José Geraldo Martins Ferreira, José Sávio e José Rocha; **Saxofone:** José Raimundo Pessoa e Miguel Arcaño Vital; **Bombardino:** Aristides Junqueira e José Celso Cenachi; **Baixo Tuba:** (?) e José Januário; **Percussão:** Adair Eustáquio Moreira (Pratos), Laudilei Coelho Mariano (enc.) (Caixa surda), Rubens Antônio Braçarense de Almeida (Tarol) e Otacílio Jacinto da Cunha (Bombo) e **Maestro:** Padre Otacílio Fernandes de Ávila, que, regendo, não está na foto.

Só por amor



Sebastião de Sousa Burgareli

Estudou no Seminário Menor de 1957 a 1960. É empresário do comércio de Belo Horizonte onde reside.

*Quando o amor nos brotar do coração,
E a tudo... e a todos se doar...
Como a água que brota e sai do chão,
E se doa a quem dela precisar...*

*Quando sentirmos ímpetos de amar,
Mesmo sem ter alguém a nos sorrir,
Como os pássaros sentem de cantar,
Ainda que ninguém os possa ouvir...*

*Se pudermos amar só por amor,
Sem buscar recompensa, nem louvor,
Sem nada mais, em troca, esperar...
Quando formos capazes de entender
Que o amor é a razão do nosso ser,
Nós saberemos o que é AMAR.*

Prestação de Contas

Prezado aexano,

Apresentamos para seu conhecimento a Prestação das Contas da Associação, devidamente verificadas pelo Conselho Fiscal, referentes aos períodos de 01/09/2006 a 31/12/2006 e 01/01/2007 a 31/12/2007, cuja aprovação será o objeto da AGO a se realizar no dia 12 de julho de 2008, conforme os termos do Edital de Convocação igualmente publicado nesta revista.

Como você poderá verificar no Edital de Convocação também naquela data haverá a eleição da nova diretoria para o biênio 2008-2010.

Todos os associados da AEXAM poderão candidatar-se e para tal deverão apresentar a sua inscrição até dez (10) minutos antes do início da AGE.

Participe! Dê sua colaboração! Renove!

A Diretoria

BALANÇO DO EXERCÍCIO DE 2006

ATIVO	30/09/2006	31/12/2006
Caixa	0,00	0,00
Banco (Banco do Brasil)	5,40	1.240,51
Investimentos (Banco do Brasil)	1.551,43	756,00
Total do ativo	1.556,83	1.996,51
PASSIVO		
Compromissos a pagar	0,00	0,00
Total do passivo	0,00	0,00
RESULTADO FINAL		
Disponível em conta corrente no Banco do Brasil		1.240,51
Disponível aplicado no Banco do Brasil		756,00
Total disponível		1.996,51
FONTES E APLICAÇÃO DE RECURSOS		
Resgate de semestralidades		1.300,00
Receita de aplicação financeira (acumulada)		108,37
Despesas administrativas diversas		-802,15
Despesas bancárias		-98,14
Despesas de cobrança de semestralidades		-81,00
Saldo		426,69

Observação:

Este balanço refere-se somente ao último trimestre de 2006, quando se deu a transferência dos controles financeiros para a diretoria atual. Não foram passadas as informações referentes ao período de 01/01/2006 a 30/09/2006.

Mafra, 31 de dezembro de 2006.

 Helvécia Assis de Trindade
 Presidente

Mafra, 31 de dezembro de 2006.

 Marco Túlio Vieira Torres
 Diretor Financeiro

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Os fatos financeiros que ocorreram no período de 30/09/2006 a 31/12/2006 estão perfeitamente descritos no balanço acima apresentado.

Mafra, 31 de dezembro de 2006.

 Afonso Machado Lopes - Conselheiro

Mafra, 31 de dezembro de 2006.

 João Batista Lima - Conselheiro

BALANÇO DO EXERCÍCIO DE 2007

Período: 01/01/2007 a 31/12/2007

	31/12/2006	31/12/2007
ATIVO		
Caixa	0,00	0,00
Banco (Banco do Brasil)	1.240,81	175,37
Investimentos (Banco do Brasil)	798,00	798,12
Banco (Bradesco)	0,00	118,42
Investimentos (Bradesco)	0,00	2.855,48
Total do ativo	1.899,81	3.948,39
PASSIVO		
Compromissos a pagar	0,00	0,00
Total do passivo	0,00	0,00
RESULTADO FINAL		
Disponível em conta corrente no Banco do Brasil	1.240,81	175,37
Disponível aplicado no Banco do Brasil	798,00	798,12
Disponível em conta corrente no Bradesco	0,00	118,42
Disponível aplicado no Bradesco	0,00	2.855,48
Total disponível	1.899,81	3.948,39
FONTE E APLICAÇÃO DE RECURSOS		
Recebimento de contribuições	1.300,00	4.895,00
Recebimento de fundo encargo a hospedagem	0,00	7.410,01
Resultado de aplicação financeira (acumulado)	109,37	123,89
Despesas administrativas diversas	-832,19	-8.898,40
Despesas bancárias	-189,14	-418,23
Despesas de cobrança de contribuições	-91,00	-123,00
Saldo	429,98	1.849,28
DEMONSTRATIVO DE LUCROS E PERDAS		
Ganho do exercício	429,98	1.849,28
Ganho acumulado		2.279,28

Mariana, 31 de janeiro de 2007


Hélio Antônio de Almeida
 Presidente


Marco Túlio Velloso Torres
 Diretor Financeiro

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Os fatos financeiros que ocorreram no período de 01/01/2007 a 31/12/2007 estão perfeitamente descritos no balanço acima apresentado.

Mariana, 31 de janeiro de 2007


Afonso Mariano Lopes - Conselheiro


João Batista Lima - Conselheiro

FUNDO ENCONTRO – 2007

Igualmente apresentamos a apuração dos recursos recebidos para o Fundo Encontro. A diretoria da AEXAM contou com a generosa colaboração financeira de alguns associados e pôde realizar o Encontro Anual de 2007 em que somente se pagaram R\$ 20,00 (vinte reais) pela diária de quem ficou hospedado no Seminário Maior, cuja arrecadação lhe foi repassada.

RECEITA DAS DOAÇÕES PARA O FUNDO ENCONTRO

Patrocinadores do Encontro em Mariana

1) Silvério Bragança	(João Monlevade)
2) Helvécio Antônio da Trindade	(Belo Horizonte)
3) Luciano Franco Tolentino Amaral	(Brasília)
4) Afonso Mariano Lopes	(Belo Horizonte)
5) Raymundo Lopes Rodrigues (Raimundinho)	(Rio de Janeiro)
6) Vicente Nolasco Costa	(Vila Velha/ES)
7) José Eustáquio Hemétrio de Menezes	(Belo Horizonte)
8) Luiz Flaviano Furtado	(São Paulo)
9) Vicente Gomes Pinto Coelho	(Rio Casca)
10) Odilon Gomes Dutra	(Volta Redonda)
11) José Maria Gomes	(Belo Horizonte)
12) Márcio Adelman Guimarães	(Carandaí)
13) Luiz Marcos Cúcio	(Carandaí)
14) Luiz Gonzaga Pessoa	(Belo Horizonte)
15) Márcio Oliveira de Araújo (Diduí)	(Belo Horizonte)

Total arrecadado: R\$ 5.650,01 (cinco mil seiscentos e cinquenta reais e um centavo).

DEMONSTRATIVO DAS DESPESAS PARA O ENCONTRO ANUAL

02/07 – Compra crachás, cartões e envelopes – Kalunga	R\$ 46,77
04/07 – Reunião preparatória para Encontro	R\$ 43,23
07/07 – Compra presentes p/funcionários Seminário Maior	R\$ 40,00
06/07 – Diagramação de folhetos da Missa e retratos	R\$ 290,00
06/07 – Lavagem de batina e outras peças	R\$ 43,00
10/07 – Confeção de placas de homenagens	R\$ 112,00
11/07 – Compras diversas para alimentação	R\$ 125,76
11/07 – Cópias de cartões de agradecimentos “fundo encontro”	R\$ 6,25
13/07 – Recuperação de livros para Memorial	R\$ 65,00
13/07 – Confeção de placa para Memorial	R\$ 30,00
13/07 – Compra de mandioca	R\$ 10,00
14/07 – Compra no Empório da Lingüiça – alimentação	R\$ 33,94
14/07 – Compra no Frigorífico Alvorada – alimentação	R\$ 64,76
14/07 – Despesas com refeição da diretoria em Mariana	R\$ 52,00
14/07 – Estacionamentos diversos	R\$ 7,00
15/07 – Presentes aos palestrantes (CDs+livro)-Pessoa/Flaviano/Âng.Oswaldo/Dom Geraldo	R\$ 100,00
15/07 – Conta de telefone fixo	R\$ 57,77
14/07 – Compra no Apoio – pelo José Maria Gomes	R\$ 100,00
14/07 – Gratificação ao funcionário do ICHS	R\$ 50,00
15/07 – Pagamento aluguel de “rechauds” – Mariana	R\$ 70,00
15/07 – Pagamento serviços cozinheira – Aparecida	R\$ 200,00
16/07 – Hospedagem no Seminário Maior	R\$ 1.560,00
16/07 – Compras: carnes+supermercado+floricultura+aluguéis pratos	R\$ 1.200,00
16/07 – Mão de obra: cozinheiras, recepção, limpeza e serviços gerais	R\$ 580,00
Sub-total:	R\$ 4.887,48
Arredondamento:	R\$ 0,52
TOTAL:	R\$ 4.888,00

Total gasto para a realização do Encontro: **R\$ 4.888,00** (quatro mil, oitocentos e oitenta e oito reais)

O saldo de R\$ 762,01 (setecentos e sessenta e dois reais e um centavo) foi utilizado na complementação do valor de R\$ 4.215,00 (quatro mil duzentos e quinze reais), que foi a parte da AEXAM para a edição e postagens da revista *Gens Seminarii* nº 2, expedida no final de dezembro de 2007, conforme recibos.

EDITAL

Todos os associados da AEXAM – Associação dos Ex-Alunos dos Seminários de Mariana estão convocados para participarem das Assembléias Gerais Ordinária e Extraordinária a se realizarem no dia 12 de julho de 2008, a partir das 15 horas, no auditório do ICHS/UFOP, cedido para tal fim, localizado nas dependências do antigo Seminário Menor da Boa Morte, na cidade de Mariana, com a seguinte pauta: Assembléia Geral Ordinária: – Aprovação das contas da Associação referentes aos períodos de 01/09/2006 a 31/12/2006 e 01/01/2007 a 31/12/2007. Assembléia Geral Extraordinária: 1- Ratificação da aprovação do novo texto do Estatuto Social da Associação, elaborado de acordo com a Lei 10.406, de 10 de janeiro de 2002; 2 - Eleição da nova Diretoria para o biênio julho/2008 a julho/2010. Todo associado tem direito a concorrer e para tal deverá registrar-se até dez (10) minutos antes da AGE. As Assembléias Gerais serão instaladas com a presença mínima de vinte associados; 3 – Outros assuntos de interesse da Associação. Mariana, 12 de junho de 2008.

Helvécio Antônio da Trindade - Presidente

Assuntos Financeiros

Prezado aexano,

A AEXAM depende da contribuição financeira de seus associados para que possa se manter e cumprir o que estabelece o seu Estatuto Social.

Assim, a sua colaboração é muito importante. Sugerimos o valor de R\$ 50,00. Porém, faça-a, se e quanto puder!

Para este pagamento não se emitem mais boletos bancários, pois foram criadas alternativas menos onerosas e mais eficientes, todas de fácil execução. Veja:

1ª – Através do site www.aexam-mg.org.br você pode emitir o próprio boleto bancário e fazer o pagamento pela internet ou a ir a uma agência bancária, tendo em mãos o boleto impresso. Para emitir o boleto bancário faça o seguinte:

- a) Entre no site da AEXAM (www.aexam-mg.org.br) e clique em “pagamento on line”
- b) Preencha os campos, coloque o valor do pagamento, marque “boleto bancário” na bolinha apresentada e clique em “efetuar pagamento”.
- c) Será mostrado o boleto bancário em seu nome. Leia as instruções para pagamento e escolha a que melhor lhe convier:
 - pagar via internet ou na agência bancária mais próxima com o boleto impresso por você

Observação: Se você for cliente do Bradesco, a sua melhor opção é “transferência entre contas” (no site do Bradesco). Siga os passos que já conhece.

2ª – O pagamento também poderá ser feito ainda pela internet, através de DOC bancário para uma das contas abaixo:

AEXAM – Associação dos Ex-Alunos dos Seminários de Mariana

CNPJ nº 02.683.870/0001-38

Bradesco (237) – Agência 2148-2 – conta corrente nº 21606-2

Brasil (001) – Agência 3495-9 – conta corrente nº 10469-8

3ª – Outra forma de pagamento é utilizar um dos modelos a seguir. Preencha-o, recorte-o e leve-o a uma agência do banco escolhido onde fará o depósito em nome da AEXAM. Neste caso, por favor, informe-nos por telefone, carta ou e-mail o dia e o valor do depósito, para que possamos fazer as anotações devidas.

Ao contribuir o aexano faz com que a sua Associação tenha o tamanho e a importância que ele acha que deva ter.



Bradesco

Código da Agência: 2148-2

Conta Corrente: 21608-2

Favorecido: AEXAM - Associação dos Ex-Alunos dos
Seminários de Mariana

Depositante: _____

Valor: R\$ _____

Depósito identificado: sim



BANCO DO BRASIL

Código da Agência: 3495-9

Conta Corrente: 10469-8

Favorecido: AEXAM - Associação dos Ex-Alunos dos
Seminários de Mariana

Depositante: _____

Valor: R\$ _____

Depósito identificado: sim

XVI ENCONTRO DA AEXAM 14 e 15 de julho de 2007



Chegadas



Sessão lítero-musical



Jantar festivo: uma mesa quase
100% eclesialística



Missa solene na Catedral



Almoço de domingo



Banda do Sumidouro

**O que é bom
a gente repete.**

Esperamos você lá!

GS 58

GRUPO SACERDOTAL DE 1958

Órgão dos Sacerdotes que terminaram o Curso Teológico em Mariana, em 1958
Ano XLIII - Caratinga/MG, junho de 2008 - Nº 113

Caixa Postal 57 - 35300-970 Caratinga, MG - Tel. (33) 3321-2276 e 9983-1644 - E-mail: mens.raul@furec.br

Conversando com os amigos

Meu caro irmão e amigo.
Laudetur Iesus Christus!

Como vimos fazendo há quase 43 anos (o GS nº 1 é de agosto de 1965), estamos chegando até você, com mais este número do GS 58, trazendo notícias dos colegas, umas alegres outras tristes. A principal notícia hoje é a do nosso Encontro em Aparecida, no início deste nosso ano jubilar. Sim! Em 2008, celebramos nosso jubileu áureo sacerdotal! *Te Deum laudamus!*

O Helvécio Trindade, presidente da AEXAM (Associação dos Ex-alunos dos Seminários de Mariana), quer nos homenagear no encontro de 12 e 13 de julho, e inventou um nome para nós: “**jubiloso**”. E ele explica: “A palavra 'jubiloso' tem aqui uma nova conceituação: etimologicamente, 'júbilo' vem do latim 'jubillum', grande contentamento, e 'jubileu' de 'jubilaeus', o quinquagésimo aniversário de alguma coisa. Particularmente, neste caso, aquele que está muito contente porque há cinquenta anos fez alguma coisa que norteou o sucesso da sua vida é, pois, um 'jubiloso!'” Desde já agradecemos, em nome de todos os colegas de 58, esse carinho dos *aexanos*.

Este nº 113 do GS 58, inserido na *Gens Seminarii* nº 3, está sendo impresso na Editora Dom Viçoso, de Mariana. Até hoje, apenas um número do GS 58 foi impresso fora de Caratinga, o nº 72 (1982). Eu estava superatarefado com os trabalhos do jornal 'Diretrizes' e a coordenação pastoral. O *Bragança* se ofereceu para nos ajudar e o fez lá em Atibaia, onde ele imprimia o seu jornal '*Horinha de Folga*'. Foi o único GS composto em linotipo! Já pensou? Aqui era tipo a tipo!

A Editora Dom Viçoso, cujo chefe é o Cônego João Ribeiro, vai cobrar apenas R\$ 3.100,00, pelos 2 mil exemplares com 72 páginas, semelhantes em tudo aos dois primeiros números. Ficou combinado assim: 1. A revista terá normalmente 72 páginas, assim distribuídas: 20 para os Seminários, 20 para a AEXAM e 20 para o GS 58; mais 6 para a *GS Especial*, como notícias da Cúria e cidade de Mariana, palavra do Sr. Arcebispo ou algo especial; mais as 2 páginas do Editorial e Sumário/Expediente; e as 4 páginas da capa. Este número 3 teria na capa o jubilaro Côn. Jadir, a página 2 colorida por conta do Seminário, a 71 para o encontro do GS 58 e a última para a AEXAM ou algum



A nova capela da sepultura dos bispos, no Santuário de Aparecida

comercial. **2.** As despesas (tanto da confecção gráfica, como as postais) seriam divididas entre a AEXAM e o GS 58. Temos gasto mais de dois mil reais de correio. Caso consiguamos algum comercial, seu valor seria abatido nas despesas, antes de reparti-las. **3.** Datas da publicação: junho e novembro, no máximo até dia 15. Para isso, entregaremos os originais à Dom Viçoso 1 mês antes. Se entregar diagramado (como a AEXAM e o GS 58 estão fazendo), bastam 15 dias. **4.** A expedição (trabalho de conferir e atualizar os endereços, de etiquetar e levar ao correio) estará a cargo de uma equipe do Seminário São

José. Assim, o serviço ficará bem dividido e caminhará melhor, se Deus quiser!

Caro amigo, desculpe-me o lero-lero e bom proveito na leitura!

Ofertas para as despesas do GS 58

Mons. João Faria 20,00, Mons. Benedito 50,00, Mons. Luís Arantes 70,00, Mons. Vicente Gomes 70,00, Mons. Falabella 70,00, Pe. Carlinhos 50,00, Pe. Ângelo Márcio 50,00, Mons. Victor Arantes 100,00, Pe. Messias 20,00, Pe. João Batista 30,00, Pe. João Nalon 500,00, Pedro Pereira de Almeida 300,00, Dom Eurico dos Santos Velloso 100,00, José Guilherme 50,00, Mons. Aldorando Mendes dos Santos 80,00. Total: R\$ 1.560,00.

Ano Jubilar do Grupo Sacerdotal de 1958

Vamos contar com detalhes, logo à frente, como foi a abertura do nosso Ano Jubilar, em Aparecida, com o 44º Encontro do GS 58. Antes, porém, falemos um pouco dos jubilandos.

Éramos 29 seminaristas, que terminamos o 4º ano de teologia, no Seminário São José, em 1958. De 8 dioceses: Mariana, Pouso Alegre, Campanha, Leopoldina, Porto Nacional/GO, Bragança/SP, Valença/RJ e Caratinga. De Mariana, cinco se ordenaram dia 30 de novembro. A maioria se ordenou em dezembro (19). Por motivo de doença, idade ou “gancho”, cinco ficaram para ordenar-se em 1959. Quando, após 5 anos (dezembro/1963), fizemos o 1º Encontro da turma, em Aparecida, todos ainda estávamos vivos e exercendo o ministério. Naquele mesmo mês, falece, de acidente, o Pe. Vicente Carvalho e, no mês seguinte, o Pe. Natalino Zucatto (*repentina mors...*)

Tínhamos combinado, ainda no Seminário, de fazermos aquele encontro em Apare-

cida, quando completássemos cinco anos de padre. Faltaram seis. Mas foi maravilhoso! Queríamos nos encontrar de cinco em cinco anos: o segundo encontro seria em Mariana, em 1968. O “velho” Otávio, porém, insistiu que não demorássemos tanto. Tinha medo de não estar vivo lá. Então, marcamos um segundo encontro para Belo Horizonte, em 1966. E, daí para frente, pegou o costume de fazermos o nosso encontro anual: em julho, dezembro, fevereiro e até nos firmarmos em janeiro.

Depois de alguns anos, o grupo resolveu acolher o então Pe. Moacir Matias (hoje Monsenhor), na turma de 58. Explico-me: ele era da nossa turma, mas durante a teologia, ficou doente (tuberculoso), teve de parar os estudos e perdeu 1 ano, terminando o curso na turma de 59. Por isso que costumamos falar agora que nosso GS tem 30 padres, incluindo o Moacir.

Poderíamos contar também como sendo do nosso grupo, o Côn. Jadir Trindade. Ele



O GS 58 ainda no Seminário. Faltam aqui Bueno, Juarez e Lourival

foi estudar em Roma, atrasou a ordenação, sendo ordenado em 1958. Seu jubileu de ouro foi agora, dia 13 de abril. Tornou-se capa desta *Gens Seminarii* n° 3. Para nossa honra, quem falava que pertencia ao GS 58 era o nosso querido e saudoso Dom Luciano, pois fora de fato ordenado em 1958.

Na década de 70, tempo da crise pós-conciliar, veio a debandada: Nove deixaram o ministério (Geraldo Lopes, Olau, Juarez, Mauro, Maurílio, Samuel, Nogara, Bueno e Lobo). Só o Lobo não se casou. Aos poucos, o time do Vicente e do Natalino, lá no céu, foi crescendo: Lourival (1977), Bueno (1991), José Renato (1993), Marciano (1996), Argenmiro (1998), Piula (2001), Otávio e Nogara (2002), Lobo (2003), Amaury (2004) e Ari-

matéia (2005). Se Deus quiser (cf. Tg 4, 15), dez iremos celebrar o jubileu de ouro este ano e um, ano que vem.

Na *Gens Seminarii* n° 4, a sair em novembro próximo, Deo volente, publicaremos os programas dos jubileus com mais detalhes. Temos as datas: Jair (30/11), Geraldo Vicente, Torres e eu (7/12), Benedito e Lélío (8), Faria (14), Arantes (15), Pogeto (20), Vicente Gomes (28) e, em 2009, Moacir (8/12).

Estamos é pedindo a todos os colegas no sacerdócio e a todos os amigos e amigas para rezarem por nós, ajudando-nos a agradecer a Jesus a grande graça de participarmos no seu Sacerdócio ministerial, vivido, bem ou mal, Deus o sabe, nestes 50 anos!

O 44º Encontro do GS 58 em Aparecida/SP

Na Casa de Hospedagem São Canísio, de 7 a 10 de janeiro de 2008, realizamos nosso 44º Encontro, já iniciando a celebração do nosso Jubileu de Ouro sacerdotal, juntinho da Mãe do Céu.

30 Participantes!

A Casa de Hospedagem São Camilo fica

perto do Santuário de Aparecida, mas tivemos de dar várias voltas para achá-la. O Pe. Luís Duque (Luís Alberto Duque de Lima), que chegou primeiro, foi informado lá na portaria que ali não havia nenhum encontro marcado para esta data. Foi preciso chegar o Luís Arantes (Mons. Luís Vieira Arantes), mostrar à Irmã a nossa revista, com a foto da Casa

de São Camilo, para ela aceitar. O problema é que a outra irmã que combinara com ele, havia viajado às pressas, e se esquecera de deixar reservada a casa para nós. Tudo acertado, começaram a chegar os participantes:

1. De **Juiz de Fora**, além do Pe. Luís Duque, veio o sempre presente, Mons. Miguel Falabella de Castro. No dia seguinte, chegou o Pe. Alex (Pe. Alexandrino Augusto Ribeiro Gomes de Pinho). Pe. Wagner Portugal escreveu, justificando sua ausência, por motivo de doença.

2. De **Campanha**, Mons. Luís Arantes e, depois, Mons. Juvenal Vaz Guimarães, Mons. Jair dos Santos Pinto e o irmão dele. Mons. Moacir Matias Marques está impossibilitado de viajar, por motivo de doença. Mons. Geraldo Vicente da Costa passou-nos um telegrama: “Mesmo ausente, acompanho encontro companheiros e colegas. Congratulações.”

3. De **Pouso Alegre**: Mons. Vicente Pereira Gomes, Mons. João Aparecido de Faria, Mons. Benedito Marcílio Magalhães, Mons. Júlio Perlatto e o nosso querido ^{Junho 2008} Gerardo de Souza Meirelles. Nosso colega Pe. Sebastião Pereira dal Poggetto não pôde vir: está passando mal, com apenas 20% de visão.

4. De **Caratinga**, foram comigo: Dom Hélio

mo, dia 9, os c
va / José João
ças Ferreira T

8. De **São**
marães da Silv

Ao todo, 3
gas que vieram
Basílica de A
do Mons. Vic
Jubileu de ou
Pe. João Pere
Antônio José
los Ribeiro N
lela e Mons.
gança, o Pe.
João Batista F
cio, de Belo H
Tivemos ain
com um telef
e-mail.

Programação

Na noite d
muito cansad
para program
tre 7h30 e 8 h
seguida, reun
da Sagrada-F
mos celebrar.
de São Calvã



O Grupo após a Missa, em Roseira

peças, onde estava acontecendo um retiro para 300 seminaristas. Numa oportunidade dada pelos pregadores, Dom Hélio, Mons. Falabella e eu lhes falamos sobre o GS. Visitamos em seguida a Igreja de São Galvão, em Guaratinguetá. Dali fomos ao Convento dos Oblatos de Cristo Sacerdote, do Pe. Baleeiro, onde fomos acolhidos pelo Pe. Onofre José Caetano, OCS, que já participou de vários encontros do GS 58, chegando até a descrever em versos um deles, lembram-se? Pe. José Geraldo Fontana, que naquele dia completava 14 anos de sacerdote, presidiu a Eucaristia. Tivemos, depois da missa, delicioso e abundante lanche, no refeitório.

As despesas com as duas Van, que nos levaram a esses passeios, possibilitando ficarmos mais juntos, foram depois divididas entre todos (R\$ 18,00 cada). O Geraldo Meireles foi o nosso tesoureiro. Também as bebidas das refeições foram pagas em comum. A hospedagem ficou por R\$ 70,00 a diária.

Na reunião da noite, combinamos o horário de sair para o Santuário. Embora perto, iremos de carro, para ganharmos tempo. Quem desejar o DVD da missa, é só encomendar antes. Custa R\$ 15,00.

Missas no Santuário de Aparecida

Dia 9: Laudes às 7h15, café às 7h30 e saída às 8 h. Foi grande a nossa alegria, quando encontramos muitos outros colegas, lá no Santuário: Pe. Cordeiro, Pe. Carlinhos, Pe. Rogério Vilela, Mons. Victor Arantes, Pe.

Messias e Pe. João Batista. Concelebraram ainda conosco Pe. Ângelo Márcio, de BH, e Pe. Pedro, orionita. Dom Hélio Gonçalves Heleno, Bispo Diocesano de Caratinga, presidiu, Mons. João Faria proclamou o evangelho e eu fiz a homilia (não podia passar de 6 minutos, acho que fiz com 5). Ladeavam o Sr. Bispo, Mons. Benedito Marcílio e Mons. Miguel Falabella. Certamente, essa Missa, transmitida pela Rede Vida e TV Aparecida, foi o ponto alto do nosso Encontro.

Dali, em vários grupos, subimos à torre e visitamos o museu, a nova capela do túmulo dos Bispos, o local das aparições de Nossa Senhora, o shopping, etc.

Datas dos Jubileus

Na reunião da tarde (15 h), começamos a sondagem de locais para o próximo encontro do GS 58. Apareceram três: Roseira, onde celebramos ontem; Conservatória, no Estado do Rio; e Mariana. Ficou de trocarmos idéias e votarmos à noite hoje.

Lembramos as datas nos nossos jubileus áureos este ano, todos em dezembro: Mons. Benedito, dia 8; Mons. João Faria, 14; Pe. Poggetto, 20; Mons. Vicente Gomes, 28; Mons. Luiz Arantes, 7, mas irá comemorar dia 15; Mons. Geraldo Vicente e eu, 7.

E começamos a ouvir as experiências dos participantes, a começar dos que estão vindo pela primeira vez. **Pe. Adair**, de Caratinga, tem 2 meses de padre: ordenou-se dia 28 de outubro último. **Dr. Geraldo Silva** é de São

João del Rei, estudou no Seminário Menor de Mariana de 55 a 59. Tem 49 anos de casado, 5 netos, é professor mestre na PUC/SP. Dará entrevista na Rede Vida, sobre biogenética, dia 18 de fevereiro, às 20h30. **Dr. Alfredo**, o Alfredinho, e sua esposa, D^a Maria José, são nossos amigos de muito tempo. Nos encontros do GS que fizemos nas praias do Estado do Rio, eles é que foram nossos anfitriões, junto com seu irmão, o nosso sempre lembrado colega, Pe. Argemiro Brochado Neves. Rio das Flores, onde Pe. Argemiro foi pároco, é terra do Edir Macedo, informou-nos o Alfredinho.

Mariana ganhou em disparada

À noite, no Salão, com 23 participantes, fizemos logo a eleição para escolha do local para nosso próximo encontro. Houve 1 voto em branco, 3 para Conservatória e, para Mariana, 19! Pedido de todos: um passeio ao Caraça, na quarta-feira.

Marcado então: *o 45º Encontro do GS 58, Deo volente, será de 5 a 8 de janeiro de 2009, em Mariana, MG, no Seminário São José.*

Junho 2008

Em seguida, fomos ouvir as notícias e experiências dos colegas presentes e ausentes. Pe. Alex, agora, é vigário de Piau. Maria José da Silva está preparando nova edição do livro

nos notícia do (dotal), o plano iz de Fora. Mo de paróquia S. tificação de M is Duque cele caminhando a feira, adoração O sino não p Mons. João F continua aten de Nossa Sem Seminário. Pe da diocese de há 3 anos e r Dom Hélio, c visitas pastora Deixou-nos a tonsura: “Nad mim o que ele

Último dia do

Celebram Após o café, nos sobre a su São Pedro Ca contemporã Participou do muitos colég Evangelho pe

Depoimentos sobre o 44º Encontro

Mons. Vicente Gomes: *A Casa de Hospedagem São Canísio.* Aqui estamos bem instalados nessa casa (hotel), dirigida pelas Irmãs Canisianas, num ambiente confortável e tranquilo, bem próximos à basílica nova. Aqui tudo contribuiu para uma boa realização de nosso encontro. Praticamente estávamos só nós e um casal de romeiros que logo partiu. Para obter maiores informações, conversei com Ir. Marta, na recepção. Disse-me ela que a Congregação das Irmãs de São Pedro Canísio, fundada na Suíça, enviou as primeiras Irmãs para o Brasil por volta de 1951. Antes, tinham passado por lá dois padres redentoristas, que se interessaram pelo carisma da Congregação que era dedicar-se à Boa Imprensa, como se dizia na época. Isso foi antes da guerra. Depois, só em 1951 é que passou por lá o então Frei Paulo Arns (futuro Cardeal Arns), que as incentivou a virem para o Brasil. Foi assim que, em julho daquele ano, chegaram a Aparecida as primeiras três Irmãs Canisianas, que passaram a se dedicar à gráfica do jornal “Santuário da Aparecida”, vivendo aqui o seu carisma. Mais tarde, quiseram ampliar mais o seu trabalho pastoral e pensaram em como dar um apoio aos inúmeros romeiros que vêm a Aparecida. Para esse fim, construíram esta casa para hospedagem de romeiros, inaugurada em 1975. Ela tem quatro pisos (um andar térreo mais três andares), podendo acolher até 140 hóspedes. O terceiro andar, no começo, foi reservado para residência das Irmãs (clausura). Mais tarde, foi erguido atrás um outro prédio para residência das Irmãs, sendo hoje, tam-

bém, a Casa Provincial. Outros pormenores que foram favoráveis para nós: o estacionamento nos fundos para os carros, um elevador, um amplo salão para convenções (que inclusive serviu para reuniões da CNBB, por ocasião do CELAM em Aparecida no ano passado) e a capela, embora as Irmãs tenham colocado à nossa disposição a capela do convento que é mais ampla. As Irmãs foram muito acolhedoras e atenciosas. Na pessoa da Ir. Berenice, superiora, queremos agradecer a todas. Hoje a Congregação Canisiana no Brasil dedica-se também a obras sociais, missões populares e promoção das famílias e conta com 65 Irmãs, em onze casas situadas em vários lugares, inclusive em Minas Gerais (Sabará e Uberaba). Também a Casa Geral da Congregação passou a ser no Brasil. A espiritualidade da congregação é eucarística, mariana e missionária.

Mons. Luís Arantes: Em Aparecida, aos pés da Rainha e Padroeira do Brasil, viemos agradecer a Deus o nosso Sacerdócio, com cinquenta anos de serviço à causa do Reino. Foram dias abençoados pelo carinho da Mãe que nos acolheu com alegria, temos certeza. Na Basílica Nacional, concelebramos quase trinta sacerdotes de várias dioceses. Deixa-



Os casais de Vassouras, na Basílica de Aparecida

mos aqui a nossa eterna gratidão a Deus pelos nossos cinquenta anos de Sacerdócio, nas mãos daquela de quem recebemos todas as graças de Deus.

Mons. João Faria: Foi o “Encontro” comemorativo do nosso Ano Jubilar. Tivemos um número reduzido de sacerdotes, mas não deixou de cumprir o seu objetivo e ter o brilho de todos os anos. Tivemos a honra de ter a participação de nosso contemporâneo de seminário, Dom Hélio Heleno, Bispo de Caratinga. Do GS 58 5 presenças, todos monsenhores: Raul Motta de Oliveira, Luís Vieira Arantes, Vicente Pereira Gomes, Benedito Marcílio Magalhães e eu.

Geraldo Meirelles: A presença de Dom Hélio muito contribuiu para o êxito deste encontro. O Dr. Alfredinho muito nos alegrou com seus casos interessantes e sua prolixidade. Agradeço a Deus e à Nossa Senhora Aparecida em ter podido participar deste encontro.

Jovens Elton, Marcelo e Michael: Este encontro nos lembra a união que Nosso Senhor Jesus Cristo tinha com as pessoas, e nos transmite o espírito de unidade e fraternidade dos irmãos. Para nós jovens, este encontro foi uma ótima oportunidade de discernimen-

sempre acolhe
ço, para renovo
Ordenação.

Casais de Va
mais uma vez
contro de pes
dades, das ma
diferentes ida
ços prestados
vidas. E essas
pletam e nos
dos por uma r
tivo, por uma
vir e amar... S
muita força p
los da vida em
gria para som
missionário. O
brío, a organiz
derar de Mon
desta vez, a li
dade de lidera
fez crescer. Pa
dos, nos seus S
João (Negó),
res) e Laudeli

Dr. Geraldo S
to se implan

Jubileus Sacerdotais

Cônego José Feliciano da Costa Simões. Já demos notícias do seu jubileu áureo, celebrado com Dom Barroso, em Ouro Preto, dia 1º de dezembro. O jornal *Pastoral*, de Mariana, trouxe sua biografia.

Nasceu em Ouro Preto, MG, aos 18/12/1931, filho de Bianor Simões Coelho e Gabriela Baeta da Costa Simões. Começou seus estudos em Ouro Preto e, aos 8 anos, após o falecimento de seu pai, foi morar com o tio em BH, onde terminou o curso primário, no Colégio Batista. Fez o 1º e 2º anos no Seminário Coração Eucarístico de Jesus. Após esse período, veio para Mariana, onde terminou o curso no Seminário Menor e cursou Filosofia e Teologia no Seminário Maior São José. Foi ordenado presbítero a 1/12/1957, por Dom Daniel, então bispo coadjutor em Mariana.

Como padre, exerceu seu ministério em diversas paróquias, ora como coadjutor, ora como substituto. Dentre elas, Nossa Senhora da Conceição de Ouro Preto, Acesita, Mercês, Ponte Nova, Entre Rios de Minas e Santa Cruz do Escalvado.

A convite de Dom Oscar, assumiu o cargo de professor e coordenador disciplinar do Colégio Arquidiocesano de Ouro Preto. Foi sub-capelão militar e coadjutor de Nossa Senhora do Pilar, onde continua exercendo seu ministério. Durante esse período, dedicou-se também à arte e à cultura, buscando conhecimentos através de cursinhos em diversos países, como Itália, França, Espanha e Chile.

No governo de Tancredo Neves, foi con-

selheiro do Instituto Estadual do Patrimônio Artístico e Histórico (IEPHA). Atualmente, é representante da Arte e Cultura da América Latina da UNESCO e conselheiro *ad hoc* do Patrimônio Histórico Nacional.



Mons. Juvenal

Mons. Juvenal Vaz Guimarães Filho. Também já demos notícias do jubileu dele, em *Gens Seminarii* nº 2, dia 1º de dezembro. Recebemos um “santinho” dele todo sorridente, tendo no verso: Lembrança do Jubileu áureo sacerdotal, em 1/12/2007, na Paróquia de São José, São João del Rei. Te Deum laudamus!

Mons. Licínio Fernandes de Oliveira: 70 anos de ordenação, dia 8/12/2007, em Paula Cândido.

Escreveu-nos esta comovedora carta (15/4/2008), de próprio punho, enchendo duas páginas! Obrigado, Mons. Licínio, pelo seu exemplo de sacerdote. Parabéns!

“Apresento-me ao Sr. como ex-aluno do velho, venerável e saudoso Seminário Menor de Mariana, desde 3 de março de 1928 até 9 de dezembro de 1933. Aos 3 de março de 1934 ficamos, provisoriamente, instalados no Antigo Palácio dos Bispos, até 15 de agosto, quando se deu a soleníssima inauguração do Novo Seminário Maior São José, com capacidade de acolher mais de cento e cinquenta alunos. Hermes e Rivadávia de Caratinga, filhos de pai fogueteiro, deixando o Seminário do Caraça, transferiram-se para serem nossos colegas de 2º ano ginasial, em 1929. Hermes já lá no céu e seu irmão Rivadávia, também, devem se lembrar do



Mons. Licínio

acidente sofrido no pós-festas da inauguração do Novo Seminário. O acidente trouxe-lhe a impossibilidade de atingir o seu ideal: um defeito físico notável. (Uma bomba lhe rebentou a mão). Padre Rivadávia, anos depois, contou-me: A Cúria Romana deu parecer negativo para a ordenação do Hermes, mas o Papa Pio XII foi favorável. Ordenou-se um ano depois. Resultado da grande devoção de ambos a Nossa Senhora.

Os seminaristas vindos de Campanha, Pouso Alegre e também de Juiz de Fora e Vitória, engrossaram nossas turmas. Éramos 8 diáconos de Mariana e 10 das Sufragâneas. Minha ordenação, com mais outros 4, aconteceu no dia 8 de dezembro de 1937. Os outros 3, por motivo de idade, ficaram para abril de 1938. Em nossa Arquidiocese, sou eu o padre mais idoso dentre nosso clero. Cinco anos depois de mim estão o Cônego José Rivelli, de Braz Pires e Cônego Nelson Marotta, de Dolores do Turro e Silveirânea. Junho 2008

Assumi a Paróquia de São José do Barro-

so,
to
con
Em
70
anc
ang
mó
pre
dos
Esp
mo

Monsenho
cartão, portad
cais a mim de
tim explicati
UAC.

Muito ob
dê, com espec
e alegria.”

Cônego Jadin

Na 1ª part
Seminário Sã
homenagens
dotal, aconte
na véspera.



Concelebrantes, ainda na sacristia do Santuário de Aparecida

mido. Justo por isso a estes duplamente felicitado: pelo Jubileu e pela Perseverança. "*Dominus conservet eos*". E que cheguemos todos ao termo da jornada, posto que diferentes sejam os caminhos percorridos: "*reposita est mihi corona justitiae*".

Incrível, como o tempo passa!... Agora dá prá compreender a mensagem das "Velhas Árvores" de Olavo Bilac, ou de "Somos aquelas Palmeiras" do Moacir. Envelheçamos rindo... como as fortes Palmeiras vão crescendo, levando a Boa Nova aos que padecem. "*Evangelizare pauperibus misit nos*".

Nunca mais voltei a Mariana e, depois do primeiro encontro em Aparecida, a maioria há vinte anos não os vejo. Por isso imagino-os ainda com o mesmo semblante da juventude, ninguém careca, nenhum barrigudo, todos fisicamente atletas. O espelho me contesta, mas aprendi do Magister Boyer que "*major quam praemissae conclusio non vult*". Vitória à imaginação, portanto.

Nossa turma foi sempre destacada, talvez por ter sido a mais numerosa e heterogênea de toda a história do Seminário Maior São José. Tinha de tudo, de intelectual a artista. Inclusive hoje, tem de tudo e mais um pouco. Nunca vi ninguém tão nervoso quanto minha excelência, nenhum tão "enxedor" (com x mesmo) como o Marciano (*nolite implere!*), tão palhaço como o Piula, tão animador como o Poggetto, tão dinâmico como o Raul, tão entusiasta como o Argemiro, tão comunicativo como o Lélío, tão "Meu Amigo" como o Torres... tão unidos como o GS-58.

Vinte e cinco anos. Trinta Padres. Perseverantes, Laicizados, Recolhidos (na Casa do Pai). Padres, Cônegos e Monsenhores. Ne-

nhum. Nenhum Bispo até agora.. Até agora, sim, pois não creio seja tarde demais. Na primeira Sagração não faltarei. Até lá, e sem tardança.

Enfim, como são insondáveis os designios do Senhor! A grande lição deste tempo foi que aprendi melhor a aceitar Deus nos acontecimentos, e a concluir que para Ele o acaso não existe. Um acontecimento novo é sempre sinônimo de uma Nova Providência, cuja dimensão quase sempre nos escapa no momento. "Não foi ele nem seus pais que pecaram, mas isto aconteceu para que Deus fosse glorificado". "*In infirmitatibus meis...*"

Parabéns a todos. Quero dizer aos Trinta pelos Vinte Cinco. São Graças acumuladas de diversos modos, que um dia se converterão em Glória, "*... et omnibus qui diligunt Adventum Ejus*".

Estamos ainda distantes para nos aplicar as loas do "*De Senectute*". Mas, com a constância dos Fortes, confiança dos Humildes e audácia dos Santos, acreditamos já ter marcado digna Passagem, para hoje recordar e ter saudades. "*Haec meminisse juvabit*". *Te Deum laudamus!*



Dr. Geraldo Silva, Pe. João Batista e Pe. Messias

Os “jubilosos” de 2008

(Ordem cronológica do Jubileu)

1. PADRE JAIR RODRIGUES DE CASTRO: Diocese de São João del Rei. (Data do Jubileu: 30/11/2008). Endereço: Praça Dom Assis 76, CEP 36345-000 LAGOA DOURADA/MG. Tel. (32) 3363-1222.
2. MONS. GERALDO TORRES: Diocese de Porto Nacional. (7/12/2008). Praça da Matriz de S. Antônio s/n, CEP 77402-011 GURUPÍ/TO. Tel. (63) 3312-2335.
3. MONS. GERALDO VICENTE COSTA: Diocese da Campanha. (7/12/2008). Endereço: Rua Dom Inocêncio Engelke 605, CEP 37160-000 CAMPOS GERAIS/MG. Tel. (35) 3853-1209.
4. MONS. LUÍS VIEIRA ARANTES: Diocese da Campanha. (7/12/2008). Endereço: Rua Cel. Oswald 65, CEP 37450-000 AIURUOCA/MG. Tel. (35) 3344-1264 / 3344-1241.
5. MONS. RAUL MOTTA DE OLIVEIRA: Diocese de Caratinga. (7/12/2008). Endereço: Caixa Postal 57, CEP 35300-970 CARATINGA/MG. Tel. (33) 3321-2824 / 3321-2276 / 9124-4900. E-mail: mons.raul@funec.br
6. MONS. BENEDITO MARCÍLIO MAGALHÃES: Arquidiocese de Pouso Alegre. (8/12/2008). Endereço: Caixa Postal 326. CEP 37550-000 POUSO ALEGRE/MG. Tel. (35) 3421-6544 (res.), 3421-6544; 3423-8029.
7. MONS. JOSÉ LÉLIO MENDES FERREIRA: Diocese de Bragança Paulista. (8/12/2008). Endereço: Rua Bocaína, 91, Santa Libânia. CEP 12900-000 BRAGANÇA PAULISTA/SP. Tel. (11) 4033-5121 (res.), 4034-0136.
8. MONS. JOÃO APARECIDO DE FARIA: Arquidiocese de Pouso Alegre. (14/12/2008). Endereço: Rua Bueno Brandão 367, CEP 37550-000 POUSO ALEGRE/MG. Tel. (35) 3422-4996.
9. PADRE SEBASTIÃO PEREIRA DAL POGGETTO: Arquidiocese de Pouso Alegre. (20/12/2008). Endereço: Rua Professor Augusto Lages 83, CEP 37780-000 CALDAS/MG. Tel. (35) 3735-2551 / (35) 9977-4689.
10. MONS. VICENTE PEREIRA GOMES: Arquidiocese de Pouso Alegre. (28/12/2008). Endereço: Praça Cel. Luiz Venturelli 55, CEP 37795-000 ANDRADAS/MG. Tel. (35) 3641-1110 (res.), 9959-2207. E-mail: cvpgomes@andradas-net.com.br

Deixaram o ministério, mas são também “Jubilosos” de 2008:

1. GERALDO LOPES DE SOUZA: Arquidiocese de Mariana. (30/11/2008). Endereço: QSA9, Casa 5. CEP 72015-090 TAGUATINGA/DF.
2. Dr. OLAU DE SALLES FILHO: Arquidiocese de Mariana. (30/11/2008). Endereço: Rua Vicente Solaris de Andrade 56, Gameleira. CEP 30510-200 BELO HORIZONTE/MG. Tel. (31) 3334-0646.
3. JUAREZ ALVES AUGUSTO: Diocese de Leopoldina. (7/12/2008). Endereço: Rua Álvaro Santos 61, apt. 402, Vila Paris. CEP 30380-680 BELO HORIZONTE/MG. Tel. (31) 3324-7266.
4. Dr. MAURÍLIO MATIAS MARQUES: Diocese da Campanha. (8/12/2008). Endereço: Rua Dr. Ernesto Coelho Neto, 533, S. Teresa. CEP 37410-000 TRÊS CORAÇÕES/MG.
5. SAMUEL AURELIANO DA SILVA: Diocese de Porto Nacional. (8/12/2008). Endereço: SQS 311, Bloco G, apt. 510, Asa Sul. CEP 70364-070 BRASÍLIA/DF.

“Jubilosos” falecidos:

1. PADRE VICENTE DE PAULO CARVALHO: Arquidiocese de Mariana. (30/11/2008). Faleceu dia 21/12/1963.
2. PADRE NATALINO GOTARDELLO ZUCCATTO: Arquidiocese de Pouso Alegre. (25/12/2008). Faleceu dia 29/11/1964.
3. CÔN. JOSÉ RENATO PEIXOTO VIDIGAL: Arquidiocese de Mariana. (20/12/2008). Faleceu dia 25/10/1993.
4. MONS. JOAQUIM MARCIANO DE OLIVEIRA: Diocese da Campanha. (7/12/2008). Faleceu dia 30/9/1996.

5. MONS. ARGEMIRO BROCHADO NEVES: Diocese de Valença/RJ. (7/12/2008). Faleceu dia 20/5/1998).
6. CÔN. GERALDO MARTINS PAIVA: Arquidiocese de Mariana. (30/11/2008). Faleceu dia 26/8/2001.
7. PADRE OTÁVIO LOURENÇO SANTANA: Arquidiocese de Pouso Alegre. (7/12/2008). Faleceu dia 15/1/2002.
8. ÂNGELO LÁZARO NOGARA: Arquidiocese de Pouso Alegre. (21/12/2008). Faleceu dia 10/10/2002.
9. PADRE JOSÉ AMAURY CARNEIRO: Arquidiocese de Pouso Alegre. (8/12/2008). Faleceu dia 23/5/2004.

São do curso, mas fazem o jubileu áureo em 2009 - Vivos:

1. MAURO DE QUEIROZ: Diocese de Leopoldina. (5/4/2009). Endereço: Rua Manuel Soares Se-

bastião, 158, Interlagos. CEP 04775-160 SÃO PAULO/SP.

2. MONS. MOACIR MATIAS MARQUES: Diocese da Campanha. (8/12/2009). Endereço: Pr. Major Domingos de Carvalho, 46. CEP 37002-970 VARGINHA/MG. Tel. (35) 3221-2961 (telefax) / 3221-2058 (pabx).

Falecidos:

1. PADRE LOURIVAL DE SALVO RIOS: Diocese de São João del Rei. (29/6/2009). Faleceu dia 26/11/1977.
2. JOSÉ BUENO: Arquidiocese de Pouso Alegre. (5/7/2009). Faleceu dia 28/7/1991.
3. JOSÉ ANTÔNIO LOBO: Arquidiocese de Pouso Alegre. (5/7/2009). Faleceu dia 30/8/2003.
4. CÔNEGO JOSÉ DE ARIMATÉIA DE PINHO: Arquidiocese de Mariana. (14/3/2009). Faleceu dia 19/6/2005.

Correspondências / Notícias

Recebemos os votos de Feliz Natal 2007 e Ano Novo 2008 de: Dom José Belvino do Nascimento; José Amilar da Silveira; Paróquia São José, Itajubá; Geraldo Meireles; Antônio Carlos Faria Paz, Carona Brasil, Sebastião Burgarelli. Retribuímos com alegria a todos!

Henrique Vasconcelos (Vespasiano, 10/7/2007): Com um cartão, pedindo orações, enviou-me três folhas xerocadas da lista de todos os alunos do Seminário Menor de Mariana, com data de 23 de março de 1952. Só o 1º ano tinha 62 alunos! Total 188.

José Ivanir Américo (E-mail, 13/12/2007): Nossos votos de um Natal muito feliz e rico de bênçãos do Pai. Transmita esta mensagem também, por favor, ao Mons. Levy, Pe. Borelli e ao Pe. Léssio. Com carinho, seus amigos: Ivanir, Maristela, Saulo Paulo, Juninho e Lorena.

Pe. José Jesús Gomes Araújo (BH, 18/12/2007): Quero lhe agradecer o convite para o retiro dos padres da Diocese. Bem poderia celebrar meu jubileu de ouro com esse retiro. Estou necessitado disto. Seria, além do mais, mais um passo nesse difícil retorno. Infelizmente, não me é possível aproveitar esta hora. Peço-lhe confie-me às orações desses irmãos, dos quais não conheço mais do que 4 ou 5. Sou (somos?) realmente um sobrevivente que a misericórdia de Deus tem mantido aqui. Preciso muito das orações. Para sair, a decisão foi rápida, veio-me à mente diante dos impasses de minha vida. Agora, para voltar, é duro. Não tenho apego a nada nem a pessoa alguma que me segure. Sempre fui desapegado e dedicado. Não é por aí. Tenho medo de mim e dos outros. Eu sou eu. Não me mudei em outro.

Encontrei o José Silvério Chaves, irmão do Abel. Mudou muito. Descarregou aquela revolta. Pediu-me para receber as publica-

ções (quando falamos, ainda havia o GS 58). Anotei o endereço dele em um papel. Foi no ônibus. O tempo passou e me esqueci de comunicar a você. E perdi o endereço. Você tem algum jeito de atendê-lo e ligá-lo ao movimento?

Nota do redator: Dia 22 de dezembro, dia em que o Jêsus celebrava seu jubileu de ouro sacerdotal, fui a BH. Conversei com Dom Walmor, que ligou para ele, dando-lhe os parabéns. Passei umas horas com o jubilaado. Rezamos juntos. Ficou feliz.

Dom Columba Firmino Pinto (Rio de Janeiro, 19/12/2007): Estou Feliz porque tenho em mãos o nosso *Gens Seminariorum*, com bela tradução “Família do Seminário. Tocaram-me especialmente as fotografias dos dois seminários, e o mundo de história que eles trazem. Ao contemplar a representação dos seminaristas, vejo-me aí nos meus 13 anos, iniciando a grande caminhada de Joel Firmino Pinto, vestido de batina, a 1ª vez. Este fato suscitou em Vermelho Novo um grande comentário: o Joel não será mais vereador, vai deixar de ser político para ser padre, já está vestido de padre lá no seminário de Mariana! E é verdade, para hoje e para sempre, espero em Deus. Em seguida, aparecem as fotos dos dois grandes saudosos seminários de Mariana. Quanta história está aí dentro! Vê-se a Mariana do grande arcebispo Dom Helvécio Gomes de Oliveira, de Dom Daniel Tavares Baeta Neves e de Dom Oscar, Dom José Alves Trindade, do Mons. Castilho, Cônego Cota, Cônego Braga e outros. Aí está Mariana, com este mundo de riquezas, com o seu clero jovem e promissor. Ver tudo isto é relembrar a história do Joel, o Dom Columba, formado nesses dois seminários, com base para enfrentar as universidades européias. Chega a Roma e é-lhe sugerido passar pela bateria de exames para freqüentar as universidades da Itália. Terminados os exames, o examinador chefe

disse: Tudo bem? Eu lhe dou a nota 9,5. Aí um dos coordenadores protestou: Como pode, um exame perfeito, com latim maravilhoso, domínio total da matéria, por que não a nota 10? Então o examinador chefe disse: o que eu disse está dito! Então um outro coordenador gritou: “Protesto! Nós aprendemos que o erro se corrige onde ele se encontra, e por que não agora?” Passa um mês em visita a Paris e lhe sugerem fazer lá também uma bateria de exames. Aprovação total e nota 10! Início do meu trabalho na Europa: Itália, Bélgica (onde trabalhei um mês na Abadia de Maredsous, a abadia do meu padroeiro, Dom Columba Marmion). Sugeriram-me então ir à Rússia comunista. Na fronteira, mandaram-me tirar a veste monacal. Agradei e não fui. Dei alguns cursos em Paris. Despedi-me da Europa, com a promessa de voltar a Paris, para aprofundar as palestras, o que foi feito, graças a Deus.

Dr. José Vicente Cupertino (Valadares, 24/12/2007): Estou residindo em Governador Valadares, há mais ou menos um ano e meio. Vou sempre a Caratinga, porque ainda tenho lá a minha casa para vender. Vou ter que ficar aqui, até no final da vida, porque a família adora a cidade. A cidade é realmente acolhedora, mas o calor... Hoje, 24 de dezembro, desejo-lhe um feliz Natal. Nas suas orações, lembre-se do Cupertino.

Pe. Wagner Augusto Portugal (Juiz de Fora, 9/1/2008): Dia 17 de dezembro pp., passei por uma cirurgia para extrair cálculos renais, em São Paulo, SP. Depois viajei dia 20, para Boa Esperança, onde continuei fazendo fisioterapia, para problemas que estou tendo nas pernas. Aproveitei esses dias todos para ficar na companhia de meu pai na fé e amigo, Monsenhor Víctor Arantes, que, no último dia 7, se tornou pároco emérito. Não me foi possível, desta vez, participar do encontro do GS 58.

Pe. Pedro Paulo (Pepê). E-mail (8/1/2008): Celebro nestes dias por vocês. Abençoado 2008 para o Sr. e todo o pessoal do GS 58.

Pe. Werner, CSSR (Araraquara, 9/1/2008): Embora tenha sido através da televisão em Aparecida, fiquei feliz em revê-lo. Gostei da sua pregação: curta, clara e prática. Gravei e agora estou enviando como um presente de Nossa Senhora e do seu amigo a partir das missões. A gravação é de amator. Talvez com uma nova edição fique como o senhor merece.

Dr. Geraldo José Guimarães da Silva (SP, 11/1/2008): No Encontro do GS 58, tive o prazer de constatar a presença de nossa Igreja viva. Nosso Encontro foi de oração, humildade, caridade, zelo pastoral e, principalmente, de acolhida de todos os participantes, alegres, felizes e esperançosos em Cristo. Maravilha das maravilhas! Saímos todos confortados no Senhor e irmanados na Eucaristia. Que esses encontros se repitam sempre!

Enviou-me, por e-mail, os nomes de colegas que deixaram, no seu caderno de poesias, alguma recordação (1949-1955): Geraldo Tibúrcio de Almeida (São João del-Rei), José Rocha (São João del-Rei), Vicente Nolasco Costa, João Bosco Pimenta, Geraldo Vale, José Duarte Mulano, José Guilherme Alves (Sabará), Sebastião Itamar de Queiroz, Roberto Gomes Guimarães (Campos), Geraldo Majela, Humberto Cota Araújo (Fuinha), de Nova Era, Vicente Zeferino (Dores do Turvo), Hélio Penaforte Vale (Itabira), Geraldo Penaforte Vale (Itabira), Erich Manjud Maluf (Acesita), Felisberto Egg de Resende (Lagoa Dourada), Hélio Gonçalves Heleno (Cipotânea), José Olegário, José Viana Moreira (Cipotânea), Geraldo Sérvulo Araújo (Dionísio), Helvécio Pires Araújo, Edmar Rodrigues (Lagoa Dourada), Murilo Silveira, Marino Costa Silva, Moacir Miranda (São João del-Rei).

Helvécio Trindade (BH, 11/1/2008) Espero que tenha feito uma boa viagem de retorno a Caratinga. Foi muito agradável e confortante o nosso encontro lá pelas bandas de Aparecida. Rosana e eu viemos contando casos e lembrando fatos dos dois dias de convivência que lá tivemos. Obrigado por isto!

Pedro Pereira de Almeida (Barbacena, 18/1/2008). Estou-lhe enviando a lembrança da comemoração das festas de minhas (nossas) “Bodas de Ouro” e também o livrinho da cerimônia religiosa. A missa foi celebrada pelo padre Wellerson. Participou o nosso amigo aqui de Barbacena, o diácono Rodolfo Andrade. Também numerosos conterrâneos e amigos que lotaram a Igreja Matriz do Bom Pastor de Barbacena. Estou fazendo chegar às mãos de V. Revma. um cheque do Banco do Brasil. Desejo me filiar à “AEXAM” e peço-lhe a gentileza de me informar a data do encontro da AEXAM. Por favor, mande-me notícias de nosso amigo, Dom José Heleno e também do saudoso e querido amigo, e professor, padre Efraim Solano Rocha.

Dom Eurico dos Santos Veloso (Juiz de Fora, 21/1/2008): Recebi a Revista “*Gens Seminarium*”, para nós o sempre GS-58. Digo-lhe, com sinceridade, com saudosismo. Contudo, como sempre aconteceu, faço uma interrupção nas minhas ocupações ordinárias e dedico-me o tempo necessário para o conhecimento das notícias do GS-58 e agora, as demais, embora sem muito entusiasmo, pois, são os de tempos e de pessoas que não conheci.

Infelizmente, não tenho tido condições de participar dos encontros do Grupo, pois, coincidem com outras obrigações pessoais assumidas mas que não dependem somente de mim. Feliz foi a idéia de dar continuidade ao GS-58 com a revista “*Gens Seminarium*”. Assim as raízes continuam com um “enxerto” de novos galhos, mas com o mesmo sa-

bor. Contudo, não se pode perder o assunto principal do GS-58, enquanto algum membro do grupo existir.

No que se refere à contribuição financeira, julgo importante não depender de esmola, de verbas ocasionais, mas de algo permanente, com que se pode contar sempre. Assim, sugiro: colocar o preço de sua assinatura. Deixar livre a opção de uma contribuição maior. Não ficar dependendo somente ou na maior parte dos membros do GS-58, pois já são poucos e já têm as suas necessidades maiores de sobrevivência (os remédios não são baratos, já são eméritos, etc.). Julgo que os membros da AEXAM deverão assumir mais a revista. Cem assinaturas a 50,00 reais, no mínimo, cada uma, ajudaria muito, acredito eu. Envio-lhe uma contribuição de R\$ 100,00. No mais, desejo-lhe um ano de 2008 com muitas bênçãos de Deus sob a proteção de Maria, nossa Mãe.

Dom Francisco Barroso Filho (Ouro Preto, 30/1/2008): Agradeço-lhe o envio do “pequeno-grande” GS-58, desde a sua criação, até à sua metamorfose em “*Gens Seminarii*”, por todos nós aplaudida. Foi um instrumento que manteve a unidade entre nós, ex-alunos do querido e inesquecível Seminário de Mariana. Você sabe quanto eu prezo a unidade. Tanto é verdade que fui procurar, para lema do meu episcopado, uma mensagem bíblica que falasse de unidade. E a encontrei, em Efésios 4, 13: “*in unitatem fidei*”, para a unidade da fé.

Você merece todo o nosso aplauso, Mons. Raul, pela sua vitoriosa iniciativa, hoje coroada de êxito, com a valiosa colaboração do Seminário de Mariana e da AEXAM. Desse trio perfeito, que lembra também a Trindade Santa, só poderia surgir a “Revista *Gens Seminarii*,” que já nasceu forte e bem acolhida por todos que temos o privilégio de recebê-la. Em sinal de minha gratidão, sobretudo pelo número 2 da Revista *Gens Semi-*

narii que destacou, de maneira generosa, o Jubileu Áureo Sacerdotal do Cônego Simões e meu, incluo uma modesta ajuda, para colaborar na manutenção da nossa Revista que está primorosa.

Infelizmente, não me foi possível participar do encontro do GS-58, em Aparecida, como era meu desejo, pois a data prevista coincidiu com um retiro espiritual que fui chamado a orientar, em Valença, do dia 7 ao dia 15 de janeiro, para os Religiosos Orionitas. Se Deus quiser, no dia exato de suas Bodas de Ouro Sacerdotais, eu pretendo estar presente, fazendo uma unidade, toda especial, com você e seus colegas de turma, todos eles, tão amigos. Juntos, agradeceremos a Deus por lhes ter concedido a graça de um sacerdócio fecundo, a serviço do Reino.

Padre Vicente de Paulo Souza Nunes (Santana dos Montes, 12/2/2008): Primeiramente, gostaria de agradecer muito pela tão importante “*Gens Seminarii*”. Estou escrevendo a fim de, novamente, mudar de endereço. E quero, muitíssimamente, continuar recebendo tão sublime revista. Gostaria de mandar uma contribuição em dinheiro. Para isso, preciso de sua conta bancária.

Padre João Nalon (São Jorge d'Oeste, 16/2/2008): De vez em quando passo horas e horas lendo o GS-58 e agora a *Gens Seminarii*. Como é gratificante rememorar os idos das Minas Gerais, do Seminário, dos colegas, das cidades etc., o Caraça sempre na memória! Já estive visitando o túmulo do Pe. Pedro Sarnel. Em novembro pp., novamente tive que me internar nos hospitais de Cascavel, pois o minguinho do pé esquerdo estava brigando com o seu vizinho. Graças a Deus, estou bem recuperado. Caso contrário, aconteceria como o do pé direito, que levou a perna ao cemitério e agora anda com uma prótese.

Na agenda anotei a ida a Aparecida, no

início de janeiro. O homem propõe mas Deus dispõe. Contudo estive unido nos mementos da Santa Missa. Em princípio de novembro pp., estive com mais uma romaria ao Santuário Nacional, completando a 50ª romaria de nossa Paróquia, desde que me encontro aqui.

Amanhã, dia 17/2/2008, Dom José Antônio Peruzzo, nosso bispo diocesano, estará aqui para dar posse ao novo Pároco de São Jorge. Tive a graça de iniciar a paróquia no dia 1º/1/1965, completando 43 anos e 47 dias de Pároco. O meu substituto será o Pe. Nori José Broch, catarinense, palotino, que agora se tornou diocesano. Vou continuar no mesmo lugar, como Vigário Paroquial. São muitas as recordações: alegrias, dificuldades, vitórias, derrotas, em todo este tempo... Valeu a pena! No primeiro ano de trabalho, foram feitos quase 500 batismos. No ano findo, não alcançamos os 50. A agricultura está se esvaziando, os jovens só pensam de morar nas cidades. “*O tempora, o mores*”... Espero que, tendo menos obrigações, possa tirar umas folgas e, por quê não, rever as Alterosas? Estou enviando minha modesta colaboração no valor de R\$ 500,00. Ad Jesum per Mariam: Salve o sesquicentenário das aparições em Lourdes!

Padre Marcelo Moreira Santiago (Mariana, 11/3/2008): Com o apreço e a estima de sempre, em comunhão de orações e amizade, faço minhas as palavras desta bênção irlandesa: “Que o caminho seja brando aos teus pés. / O vento sopra leve em teus ombros. / Que o sol brilhe cálido sobre tua face, as chuvas caíam serenas em teus campos. / E até que eu, de novo, te veja, Deus te guarde na palma de Sua mão.”

José Amilar da Silveira (Ipatinga, 28/3/2008): Giscelle e Felipe nos convidaram para seu casamento neste dia. Ela é filha de Japhé Roque de Souza e de Maria das Graças Souza de Andrade; ele, filho de José Ami-

lar da Silveira e de Sandra Mara Aguiar da Silveira. Parabéns!

Côn. Agostinho (telefonema, 9/4/2008): Está vindo de Aparecida. Agradeceu cartão de Páscoa. Pedi-lhe representar-me também no jubileu do Jadir.

Mons. Aldorando Mendes dos Santos (Goiânia, 10/4/2008): Obrigado pelo seu cartão com a fraterna mensagem com augúrios de Páscoa. Eu me encantei com sua memória, uma expressão de caridade, lembrando-se do velhinho daqui de Goiás, este colega do longínquo 49, em Mariana. Já pensei em participar dos encontros programados pelo GS 58. Certamente me faria um bem imenso. Receio que me sentiria um estranho no ninho. Mas, quem sabe? Mesmo no entardecer da vida, não seria impossível acontecer, pois sei que estaria sempre entre irmãos muito queridos. Caríssimo Mons. Raul, Deus o guarde sempre assim: fraterno, atencioso, irradiando a bela caridade sacerdotal. Vai uma simbólica contribuição para os custos do GS 58 (R\$ 80,00).

Padre José Cassimiro Sobrinho (Mariana, 14/4/2008): Envio-lhe estes dois textos: um sobre o “Pároco” e outro sobre os “10 Mandamentos do Sacerdote”. Foram escritos com o simples desejo de colaborar com nossos seminaristas, em seus estudos, e em sua formação. Aproveito o ensejo, para agradecer, também, a Revista “*Gens Seminarium*”. Como sempre, elaborada com muita arte, primando pelo conteúdo e pelo bom gosto. Parabéns por esta iniciativa! *Nota do Redator*: Vamos transcrever, se couber neste número da *Gens Seminarium*, o maravilhoso capítulo “Espiritualidade do Pároco” e ainda os “10 mandamentos do Sacerdote”.

Dom José Carlos de Lima Vaz S.J. (Bispo emérito de Petrópolis - Rio de Janeiro, 21/01/2008). Caro Pe. Lauro, Paz! Agradeço de coração o Gens Seminarii. Recebi em Santa Rita nos dias em que estou me submetendo ao ritual, hoje tão complicado, do pré-operatório para a cirurgia dos olhos (catarata) que devo fazer no final do mês. Para mim a revista foi um colírio especial. Li tudo e só posso felicitar meu jovem conterrâneo, o caro Monsenhor Raul e o pessoal da AEXAM pela feliz iniciativa de reunir numa só publicação o Seminário, a AEXAM e o GS 58. Gostei muito de excelente crônica da posse de Dom Geraldo, da notícia da ordenação diaconal em Saramenha, do seu trabalho sobre a Vocação Sacerdotal. Mas para mim, é óbvio, o ponto alto foi o registro, em textos (Mons. Flávio e Dom Belvino) e fotos, do Jubileu de Ouro Sacerdotal dos meus queridos Dom Barroso e Cônego Simões - glórias da nossa Ouro Preto! Confirmando minha ida para o Retiro dos Seminaristas de Mariana. Se tudo der certo deverei estar em Ouro Preto ajudando o Simões na Quarta-feira de Cinzas, dia 6 e no dia 7 estarei em Mariana às suas ordens! Um abraço amigo e fraterno em união e orações,

A ESPIRITUALIDADE DO PÁROCO

(EXTRAÍDO DO TRABALHO “O PÁROCO”)

Pe. José Cassimiro Sobrinho
Professor no Seminário de Mariana

O pároco deve santificar-se no exercício do seu ministério. Esta é a espiritualidade própria do padre diocesano. Cum-

prir, com fidelidade, sua missão. Preparar-se, mediante o estudo e a oração, para a homilia e para os outros tipos de pregação. Lembrando-se de que deve ensinar não a sua sabedoria ou opiniões pessoais, mas a palavra de Deus, guardada e interpretada pelo Magistério Eclesiástico. O povo tem direito de aprender a sã doutrina.

- Celebrar a Santa Missa e administrar os Sacramentos e Sacramentais, com fé, piedade, amor e devoção. Sem pressa e sem improvisações. Seguindo, com obediência filial, as determinações litúrgicas, amandas da competente autoridade da Igreja. Atento ao princípio: *Lex orandi, lex credendi*.

- Acolher bem os paroquianos, como o pai acolhe os filhos. Cultivar, para isso, as qualidades do Bom Pastor, Jesus Cristo, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida por suas ovelhas.

- Preparar-se para a Santa Missa e valorizar o momento de ação de graças. Preceder os fiéis, na visita ao Santíssimo Sacramento, fazendo dela uma extensão da Celebração Eucarística (*Eccl. de Euch., 25*).

- Aproximar-se, com freqüência do Sacramento da Penitência, que purifica o coração e fomenta a espiritualidade; fazer, quotidianamente, o exame de consciência; ter um bom diretor espiritual; não se esquecer da meditação, todos os dias, e reservar um espaço de tempo para uma boa leitura espiritual.

- Recitar a Liturgia das Horas, como um compromisso sagrado, assumido com Deus e com a Igreja, no dia da ordenação

diaconal. É o pastor rezando por suas ovelhas. Além de ser um substancioso alimento espiritual é, ainda, uma questão de justiça para com o povo de Deus, entregue aos seus cuidados.

● Cultivar uma serena e sadia devoção a Nossa Senhora, de quem o Sumo Sacerdote, Jesus Cristo, recebeu não só a vida corporal e a fisionomia, mas, também, os traços da ternura, da bondade, do acolhimento e do amor.

Considerações finais

1. Na estrutura atual da Igreja, a função de Pároco é essencial para a vida da Igreja Particular, que deve ser, necessariamente, dividida em Paróquias. E, na paróquia, “o Pároco deveria ser um ícone da presença do Cristo histórico. É a exigência da configuração a Cristo que ressalta esse compromisso prioritário” (*Presb., pastor e guia, 19*).
2. Diante da riqueza teológica e jurídica do pároco, nada justifica que algumas paróquias sejam regidas por Administradores Paroquiais, cujo ofício é, por si mesmo, provisório. Alguém que dirige uma paróquia vaga, até que seja nomeado seu novo pastor. Cargo semelhante ao do Administrador diocesano. Função interina.
3. Da função paterna do pároco deriva sua necessária estabilidade, na paróquia. Desta depende o exercício eficaz do seu tríplice múnus e de sua dinâmica administração, tanto no campo espiritual quanto no temporal. Daí, a sábia advertência do legislador, determinando que o Pároco seja nomeado, como norma geral, por tempo indeterminado.
4. Sempre que o bem da Igreja e a salvação das almas o exigirem, o Pároco deve estar sempre disponível para prestar seu frutuoso trabalho em outras paróquias ou outros ofícios. A transferência visa a boa organização da Diocese, a distribuição eqüitativa das funções e o bem do seu clero. E tudo isso tem, como objetivo, a evangelização: tornar Jesus Cristo conhecido e amado, para que o mundo seja salvo.
5. E é no âmbito das paróquias, que acontece, normalmente, o contato mais imediato da Igreja com todo o povo. Daí, nasce a importância do Pároco. Nele torna-se presente Jesus Cristo, como cabeça de seu Corpo Místico, o Bom Pastor, que cuida de cada ovelha (*Id. 29*).
6. No exercício de sua missão pastoral, o pároco deve cuidar-se para não cair no perigo do “funcionalismo”. Como pastor próprio, ele não é um funcionário que desempenha um papel e oferece serviços a quem os pede. Como homem de Deus, ele exerce, de modo integral, o seu ministério (*Ib., 22*).
7. De tudo isso se pode concluir que o padre diocesano se realiza, plenamente, na sua função de Pároco. Antes de assumir qualquer outro compromisso, na Igreja Particular, deveria passar, primeiro, por esta gratificante experiência sacerdotal.

Publicações Recebidas

Presbítero, Discípulo e Missionário de Jesus Cristo na América Latina. É o texto-base para o 12º Encontro Nacional de Presbíteros, acontecido de 13 a 19 de fevereiro de 2008, em Itaici. Dom Anuar Battisti, arcebispo de Maringá/PR, presidente da Comissão Episcopal Pastoral para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada; e Pe. José Pietrobom Rotta, Presidente da Comissão Nacional dos Presbíteros, na Apresentação, agradeceu a contribuição de Pe. José Oscar Beozzo, que elaborou o texto, com muito carinho e muita competência. Após um estudo do tema passando pelos 4 evangelhos, analisa-se a vida do presbítero hoje, a pastoral, a acolhida, a oração e contemplação, a caridade pastoral, a vida de comunidade, ser povo de Deus, as bem-aventuranças. Maravilhoso, o estudo do Presbítero nas Conferências Gerais do Celam, a partir do Concílio Plenário Latino-americano, em 1899. E ao falar das Pastorais Coletivas, o autor salientou a importância da Pastoral Coletiva de 1915, muito conhecida de nós mais antigos: “Síntese amadurecida e prática das quatro reuniões anteriores (1901,1904,1907 e 1911), tornou-se um precioso *vade-mecum* pastoral, concisa e elegante, que revela a pena privilegiada de Dom Silvério Gomes Pimenta, arcebispo de Mariana, membro da Academia Brasileira de Letras”.

Notas Históricas (de Goiânia), por Mons. Nelson Rafael Fleury, com 146 páginas. No Prefácio, Dom Antônio Ribeiro de Oliveira, arcebispo emérito de Goiânia, faz-nos uma biografia laudatória de Mons. Fleury, ex-aluno do Seminário São José, de Mariana, onde concluiu o curso de filosofia e fez teologia, terminado em 1950. No capítulo sobre a Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, fala so-

bre os dois padres, nossos ex-colegas de Mariana, Cônego Alberto Mendes e Cônego Aldorando Mendes dos Santos, curas da Catedral, de 1969 a 1984. “Cônego Alberto era goiano de Buriti Alegre. Fez seus estudos no Seminário Santa Cruz/GO e em Mariana/MG. Cônego Aldorando é mineiro, de Uberlândia, mas veio criança para Goiânia. Fez seus estudos no Seminário Santa Cruz, no Seminário de Mariana e concluiu Teologia em Viçosa/RS.” Conta-nos seus trabalhos pastorais. E o jubileu de prata de Mons. Aldorando, aos 2/3/1983; e sua transferência, em 1984, a pedido dele, para a paróquia de Itauçu.

Procura do eterno presente: outro livro de Otiliano José, 142 páginas, 2008, BH. O autor, já nosso conhecido, é membro da Academia Mineira de Letras. É o seu 32º livro publicado! Abrangem as áreas de História (10), Historiografia (2), Biografia (3), Sociologia (4), Literatura (2), Etnologia (1), Poesia (2), Memórias (1) e Religião (7).

Bodas de Ouro de Pedro e Ana Maria. Caderno de celebração eucarística. Ele, Pedro Pereira de Almeida, foi seminarista em Mariana. Celebrou, em Barbacena, aos 4/2/2007 os 50 anos de seu casamento com Ana Maria Milagres de Almeida: 8 filhos e 6 netos. Parabéns do GS 58.

Planejamento 2008 e A Medalha, Paróquia Nossa Senhora das Graças da Medalha Milagrosa, Brasília, DF. Caderno muito bem elaborado, 36 páginas, com toda a programação pastoral do ano, com ilustração a cores para cada mês. E um lindo programa da Semana Santa. O pároco foi disciplinário do GS 58, em Mariana, Pe. Luiz de Oliveira Campos CM (nosso Pe. Luiz Gonzaga) e o vigário pa-

restaurar a antiga Rede Mineira de Viação: prevê-se o “Trem Turístico Conservatória a Santa Isabel do Rio Preto”, semanalmente.

ANPB Informa: nº 54 (jul. a set. 2007). A JOC comemorou 50 anos de peregrinação de 185 jocistas a Roma, em 1957. Saíram do Rio dia 31/7/1957 e chegaram a Roma em 20/8! Dia 20/8, encontro com o Papa Pio XII. Eram jovens trabalhadores do mundo inteiro! Os 50 anos dessa ida da JOC a Roma, com Pe. Agostinho Pretto, foram comemorados no Rio, dia 31/7/2007, no edifício João Paulo II, ao lado do Palácio São Joaquim. NB - A JOC me traz muitas lembranças dos meus primeiros anos de padre, em Caratinga. Antes de ser reitor do seminário, dava assistência aos jovens trabalhadores. Um grupo daqui foi a Petrópolis, em 1961, para um Congresso Inter-

nacional da JOC, com a presença do fundador, Pe. Cardjin.

Urucânia Graciosa. De Pe. Efraim Solano Rocha, 224 páginas, Editora Dom Viçoso, Mariana. Todo em papel *couché* e policromia. Com várias dezenas de fotos. Pe. Efraim foi pároco em Urucânia, de 1954 a 1961. O livro, num português castiço, compõe-se de inúmeras lembranças de pessoas de Urucânia do seu tempo. Gostoso de ler. Termina com uma galeria de fotos do seu Jubileu de Ouro Sacerdotal, quando a cidade o homenageou, dia 22/11/1997. - O lançamento aconteceu em Urucânia, no Salão construído por ele e agora reformado, dia 26/3/2008. Tive a alegria de estar presente e abraçar o nosso antigo professor no Seminário Menor.

GS 58 na Revista

A revista ÉPOCA, Nº 505, de 18/1/2008, publicou matéria de Nelito Fernandes, com o título provocativo “Quando casar é pecado”. Traz depoimento de vários padres que deixaram o ministério, inclusive do nosso colega Mauro de Queiroz. Aqui apenas alguns tópicos.

A organização Rumos, que reúne os sacerdotes que deixaram o ministério, estima haver no Brasil 8 mil padres que se casaram. No mundo, eles seriam 150 mil. É um número expressivo. Pelos dados do Vaticano, há 400 mil padres em atividade.

A saída do ministério costuma ser dramática para quase todo padre. “Deixar a batina não é como trocar de emprego, sair de um banco e ir para o outro. É deixar para trás uma opção de vida, os votos feitos, o comprometimento assumido”, diz o psicanalista João Batista Ferreira. Para Armando Holyzewski, presidente da associação Rumos, o celibato deveria ser opcional. O Reitor da Pontifícia

Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutor em Direito Canônico, Pe. Jesus Hortal diz que o celibato segue o ensinamento de Cristo, que o teria defendido para dar mais liberdade à pregação. “Jesus exortou os pregadores a permanecerem célebres como ele, a seguir seu exemplo para ter disponibilidade completa para a pregação.” Hortal afirma que os padres precisam de dedicação exclusiva e não podem perder tempo com questões familiares quando têm assuntos da Igreja a tratar. “É uma medida disciplinar e uma questão de prudência.”

O Pastor da Igreja Batista, Clemir Fernandes diz: “O trabalho pastoral envolve aconselhamento familiar. Como alguém que não constituiu família pode falar sobre casamento?” Hortal afirma que esses argumentos não são válidos. “Um médico precisa já ter sofrido a mesma doença para poder tratar o paciente?”

“A pedofilia na Igreja é consequência di-

reta do celibato”, afirmou Arnaldo Jabor, ex-seminarista, num artigo publicado no jornal O Globo. Hortal rebate. “Isso é uma estupidez sem tamanho. A pedofilia não se dá exclusivamente entre pessoas célebres, dá-se também entre os casados. Aliás, a imensa maioria dos pedófilos é casada”, diz.

Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, Paulo Fernando Carneiro de Andrade afirma que o celibato pode ser revisto porque não é um dogma da Igreja, mas uma disciplina eclesial. Segundo ele, em dois episódios, padres casados puderam exercer o sacerdócio na Igreja Católica. Os papas Pio XII e João Paulo II ordenaram pastores anglicanos casados que se converteram ao catolicismo e viraram padres. O celibato, diz Andrade, vale apenas para a Igreja latina. Na Ucrânia e no Líbano, padres católicos podem ser casados, por-



Mauro e Maria Regina

diz que deixou a batina. Ele é da turma de 58, casou-se com Maria Regina em 1974 e hoje têm três filhos. “Não me arrependo. O futuro de um padre é muito triste. Ele não tem família, não tem quem cuide dele na velhice.”

Nota do Redator: Não é bem assim, Mauro. Não tenho medo nenhum de morrer desamparado. O nosso povo tem um carinho imenso com os padres, graças a Deus!

que a Igreja Católica do Oriente permite.

Os padres casados costumam citar o exemplo da turma de 1958 do seminário de Mariana, Minas Gerais, para mostrar como o casamento de sacerdotes afeta o catolicismo. Dos 29 formandos daquele ano, sete morreram, oito se casaram e 14 continuam exercendo o ministério.

Foi inconformado com o celibato que o padre Mauro Queiroz, hoje com 75 anos,

Do outro lado do altar

Segundo o Vaticano, a Igreja Católica tem hoje 400 mil padres em atividade



NO MUNDO,
estima-se em
150 mil o número
de padres casados



NO BRASIL,
os padres que se
casaram são cerca
de **8 mil**

A turma de Mariana

Des 29 padres formados pelo seminário de Mariana, Minas Gerais, em 1958, menos da metade ainda celebra missas

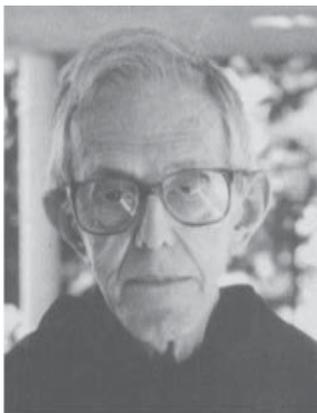


Necrológio

Dom Estêvão Bettencourt

Faleceu dia 14 de abril, aos 89 anos. Foi sepultado no claustro do Mosteiro de São Bento, Rio de Janeiro. Nome civil: Flávio Estêvão Tavares Bettencourt. Nasceu a 16/9/1919, no Rio de Janeiro. Pais: Antônio de Souza Bettencourt e Maria Tavares Bettencourt.

Um dó não termos espaço para transcrever tudo o que sobre ele escreveu Pe. Pascoal Rangel SDN, em *O Lutador*, de 1º a 10/5/2008. Vamos resumir: Começou seus estudos em Paris, onde viveu dos quatro aos quase nove anos. Regressando ao Brasil,



continuou o curso no Colégio S. Bento (Rio de Janeiro). A convivência com os beneditinos acabou por levá-lo a consagrar a vida totalmente a Deus segundo o carisma dos monges. Dominava o grego, o latim, o francês, o inglês e o alemão. Enviaram-no para Roma, a fim de doutorar-se em Filosofia e Teologia. No ano de 1945, voltou ao Brasil. Tinha 26 anos apenas. Mas encontrou o seu querido Mosteiro de São Bento, no Rio, num dos seus momentos de maior vitalidade. Dom Abade Tomás Keller vivia um instante luminoso. Uma porção de jovens uni-



Turma de 55, no 2º ano de teologia. Antônio das Mercês é o destacado.

versitários, médicos, advogados, engenheiros haviam escolhido o Mosteiro para viver sua entrega a Deus, descoberto através do Movimento Litúrgico. Nesse ambiente, Dom Estêvão começou entusiasticamente sua missão no Brasil. Foi professor, catequista, escritor, pregador. Gostaríamos de chamar atenção para o admirável trabalho de catequista, não só através do Curso por correspondência “*Mater Ecclesiae*”, mas da publicação mensal da revista “*Pergunte e Responderemos*”, cuja coleção é uma verdadeira enciclopédia, redigida só por ele. Comentava os livros polêmicos que estavam nas listas dos mais vendidos. Sua capacidade de ler e se informar era espantosa. Leiam os seus dois livros mais elaborados: “*Para entender o Antigo Testamento*” e “*Para entender os Evangelhos*” e vejam, por vocês mesmos, se ele não merece respeito.

Padre Antônio das Mercês Gomes

Faleceu, em Juiz de Fora, na madrugada de 8 de maio, aos 75 anos, o Pe. Antônio das Mercês Gomes. A Celebração de Exéquias foi presidida por Dom Eurico dos Santos Velloso. Fora internado dia 6 de maio, já com sintomas do infarto. De acordo com a certidão de óbito, ele faleceu de parada cardíaca.

Pe. Antônio das Mercês Gomes nasceu em 24/9/1932. Fez Seminário Menor em Juiz de Fora e Mariana; curso de filosofia e de teologia no Seminário São José, em Mariana (1948-1955); e foi ordenado sacerdote em 11/12/1955. Atuou nas cidades de Bias Fortes e Rio Novo. Notabilizou-se no trabalho apostólico das *Jornadas Cristãs*, um verdadeiro reavivamento da fé, pregando a Palavra de Deus e a inserção pastoral em todos os recantos de nosso Brasil. Atualmente prestava atendimento na Casa das Irmãs Filhas da Santíssima Virgem Imaculada de Lourdes.

Deu um grande testemunho de dis-

cípulo-missionário de Jesus Cristo, disse Dom Eurico.

Cônego Martinho Gaio

Faleceu dia 21 de maio, Cônego Martinho Reis Pereira Gaio, internado desde o dia 1º, na Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora, depois de uma grave cirurgia cardíaca. Nascido em Juiz de Fora, a 6/1/1925. Fez Filosofia (1964-1965) e Teologia (1966-1969), no Seminário São José, Mariana. Reciclagem Teológico-Pastoral (1984), reciclagem Pastoral Familiar (1985). Foi ordenado presbítero no dia 26/6/1949. Locais onde atuou: Paróquia Nosso Senhor dos Passos, Rio Preto; Paróquias Nª Sª de Lourdes, Nª Sª Aparecida, Nª Sª da Conceição e São Benedito, todas em Juiz de Fora; Paróquia de São João Nepomuceno e Paróquia São Sebastião, Chácara/MG. Cargos na Arquidiocese de Juiz de Fora: Professor e Diretor Espiritual do Seminário Arquidiocesano Santo Antônio, Coordenação Pastoral (1966-1969 / 1980-1982), Assistente Eclesiástico Diocesano da J.D.C.

Dia 4 de maio do ano passado faleceu seu irmão, Pe. José Pereira Gaio. O GS nº 2 publicou depoimento do próprio Pe. Martinho Gaio sobre ele. Deixamos ao outro irmão, o Diácono Antônio Pereira Gaio e a todos os familiares, bem como à Arquidiocese de Juiz de Fora, o nosso abraço amigo.



Juizdeforenses ex-alunos de Mariana, no Jubileu de Dom Corrêa, Caratinga, 10/11/2007: Prof. Lacerda, Pe. Wilson Ghetti, Cônego Martinho Gaio e Mons. Hernani.

Assembléia Nacional da UAC

A União Apostólica do Clero (UAC) estará realizando, na Casa de Retiros São José, em BH, a sua 1ª Assembléia Nacional, de 14 a 17 de julho próximo.

Teremos a presença, se Deus quiser, de Mons. Júlio Botía, que vem de Roma só para isso. Aprofundaremos as contribuições da UAC, o seu jeito mais que secular de aproximar os padres, como consta no Estatuto, em seu nº 1: “A União Apostólica do Clero é uma associação aberta a ministros ordenados diocesanos, que se empenham na ajuda recíproca, para realizar em plenitude a vida segundo o Espírito, mediante o exercício do ministério. A sua nota característica consiste em privilegiar a fraternidade que promana do Sacramento da Ordem, com a finalidade de favorecer no clero e na Igreja uma vida de comunhão, inspirada no modelo dos apóstolos com Cristo, imersa na comunhão da Trindade e expressa na caridade pastoral”.

Será estudado, com a ajuda de um assessor,

um pouco da Pastoral Presbiteral, segundo o *Documento de Aparecida* e as novas *Diretrizes Gerais da CNBB*.

Estamos convidando você, padre diocesano ou diácono, para vir participar dessa 1ª Assembléia da UAC, se possível junto com mais algum padre ou diácono ou, melhor ainda, com o seu Bispo. Trazendo a sua contribuição e suas experiências na pastoral presbiteral.

A UAC Diocesana está radicada na Igreja particular, a serviço de todo o seu clero, em comunhão com o próprio Bispo. Pode ser constituída com um mínimo de cinco membros. Deve ser ereta e aprovada pelo Bispo. Só depois, é agregada à UAC Internacional (Estatuto, nº 39-40).

Estamos pedindo suas orações e de todo o seu Presbitério por essa 1ª Assembléia Nacional da UAC-Brasil. Desejosos que seu Presbitério seja cada vez mais unido, mais amigo, mais participativo, mais samaritano, mais santo. Com a bênção da Virgem Mãe.

Palavra final

Meu caro irmão e amigo. Por bondade de Pe. Lauro, estouramos o limite de nossas páginas nesta *Gens Seminarii* nº 3. Em vez de 20, ocupamos 24! E ficou ainda muita coisa para o próximo número, como a reportagem sobre o centenário de nascimento de Dom Delfim Ribeiro Guedes, acontecido dia 2 de maio; a Carta do 12º ENP aos Presbíteros; aquele estudo do Pe. José Cassimiro, tão bem feito; etc. Também peço perdão aos nossos missivistas, ter sido obrigado a resumir as correspondências.

Queríamos aqui fazer uma prestação de contas dos dois números da *Gens Seminarii*. Nº 1: Gráfica R\$ 3.500,00 + Correio R\$ 1.646,17. Total das despesas: R\$ 5.146,17. Receita: AEXAM: R\$ 1.000,00 + 750,00 +

824,00 = R\$ 2.574,00. Recebi de ofertas: R\$ 1.090,00. Total da Receita: R\$ 3.664,00. Déficit: R\$ 1.482,17. Nº 2: Gráfica R\$ 4.450,00 + Correio R\$ 2.332,75. Total das despesas: R\$ 6.782,75. Receita: AEXAM: R\$ 2.225,00 + 1.166,00 = 3.391,00. Recebi de ofertas: R\$ 350,00 + 1560,00 = R\$ 1.910,00. Total da Receita: 5.301,00. Déficit: R\$ 1.481,75.

Meu gesto final neste *Gens Seminarii* nº 3, é um grande abraço a todos vocês, com muita alegria *in Domino*. E um pedido: Rezem por nós, jubilandos de 2008, uma Ave Maria. Ajudem-nos a agradecer a Deus por todas as graças recebidas nestes 50 anos. Obrigado por tudo. Em Jesus e Maria,

Mons. Raul Motta de Oliveira-

FLASHES DO 44º ENCONTRO DO GS 53

Em frente à igreja de São Galvão,
em Guaratinguetá



Em Roseira: Pe. Onofre, Pe. Fontana, Dom Hélio



A celebração eucarística
na Basílica de Aparecida



Mons. Faria

Mons. Vicente

Mons. Raul

Mons. Luís Arantes

Mons. Benedito

DESTINATÁRIO



Remetente:

gráfica e editora dom viçoso

Rua Cônego Amando, 131 - São José - Mariana - MG



*Pe. Lauro, Mons. Pedro Terra, Côn. Jadir, Côn. Antônio de Pádua e Mons. Flávio
na abertura das festividades do Jubileu áureo do Cônego Jadir*